



ACADEMIA MILITAR

As Campanhas Militares Portuguesas em Angola, durante a 1^a Guerra Mundial

Autor: Aspirante de Infantaria Ruben Casimiro Campino

Orientador: Major de Infantaria Fernando Manuel da Silva Rita

Coorientador: Tenente- Coronel de Artilharia Pedro Marquês de Sousa

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Julho de 2014



ACADEMIA MILITAR

As Campanhas Militares Portuguesas em Angola, durante a 1ª Guerra Mundial

Autor: Aspirante de Infantaria Ruben Casimiro Campino

Orientador: Major de Infantaria Fernando Manuel da Silva Rita

Coorientador: Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Marquês de Sousa

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, Julho de 2014

Renata Ribeiro Torquato

“Ensinar é um processo contínuo de aprendizagem.”

Dedicatória

A todos os professores, amigos, família e namorada
que me acompanham, ensinam e fazem parte
da pessoa que sou hoje....

Agradecimentos

Ao concluir o Trabalho de Investigação Aplicado destacamos os mais leais agradecimentos às pessoas que colaboraram para a realização deste trabalho.

Ao Orientador Major de Infantaria Fernando Manuel da Silva Rita, pelo apreço, compreensão e dedicação demonstradas, assim como pelos desafios que empregou na concretização da investigação.

Ao Co-Orientador, Tenente-Coronel de Infantaria Pedro Marquês de Sousa, pela participação essencial no percurso da investigação.

Ao Tenente-Coronel de Infantaria Estevão da Silva, pelo apreciável contributo, seu enorme encorajamento no decurso do trabalho e preocupação com todos os elementos do curso para que se cumprissem os prazos estabelecidos.

À Senhora Dona Paula Franco, que se destacou pela compreensão e dedicação no apoio da pesquisa bibliográfica.

À mãe, Anabela Casimiro, e irmãos, que constantemente ofereceram afeto, apoiaram e compreenderam nos momentos mais difíceis e ausência durante o trabalho.

À namorada, Maria João, pelo amor, dedicado ao longo do trabalho.

A todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

A todos os camaradas de ambos os cursos com que passei tanto os bons e maus momentos, especialmente pela camaradagem e amizade demonstrada.

A todos vós, o meu muito obrigado.

Resumo

A 1ª Guerra Mundial confirmou a péssima situação em que Portugal se encontrava. A crise não era apenas económica, mas também social e política.

Com o deflagrar da 1ª Guerra Mundial, Portugal tinha de se unir para estabelecer objetivos nacionais relativamente ao processo de pacificação dos territórios ultramarinos, devido ao interesse confirmado pela Alemanha.

Assim, foram efetuadas campanhas em Angola, no sentido de pacificar o restante território a sul, onde a soberania nacional ainda não se fazia sentir. A sua tarefa era dificultada pela falta de condições necessárias às operações militares pois as estruturas não se encontravam preparadas para operações com a magnitude da Campanha de 1914-15. A rede estradal e ferroviária foi desenvolvida tendo em consideração o interesse das relações comerciais e não as forças militares e suas manobras.

O Trabalho de Investigação Aplicada tem como objetivo geral identificar a evolução na tipologia de operações, logística e organização das unidades, nas operações realizadas pelas forças portuguesas em Angola durante a 1ª Guerra Mundial (1914-15). Para isso é fundamental que se reúnam dados, das forças portuguesas, alemãs e indígenas.

A recolha de informação foi realizada em vários arquivos e bibliotecas, nomeadamente a Biblioteca na Academia Militar Sede, Biblioteca no Aquartelamento Militar da Amadora, Biblioteca do Exército e Arquivo Histórico Militar. Compilaram-se os dados a partir de fontes documentais primárias e impressas, assim como várias fontes secundárias assentes numa ampla bibliografia, essencial para a investigação, privilegiando a análise de conteúdos que constituíram a base de trabalho.

Podemos concluir que a maior parte da responsabilidade pelos maus resultados em Angola, advém da fraca preocupação do governo português no que respeita à preparação dos exércitos. Afinal, o nosso inimigo não seriam os indígenas, mas sim o bem preparado e equipado exército alemão.

A incompetência da estrutura política relativamente ao comportamento das forças militares portuguesas limitou a ação perante o desrespeito alemão pelas fronteiras angolanas.

A improvisação esteve sempre presente nas campanhas militares portuguesas, deixando à mercê o nosso talento de improvisadores já que tudo faltou.

Na campanha de Angola em 1914, ocorrem dois fatores para os maus resultados: a precipitação do incidente em Naulila, que origina a impossibilidade do canal logístico

alimentar corretamente as operações militares, e um conjunto de erros táticos da parte do Tenente-Coronel Alves Roçadas o que conduziu à sublevação dos povos indígenas.

Ao longo da campanha de Angola em 1915, sob o comando do General Pereira de Eça, as lições aprendidas anteriormente são tidas em consideração e durante 3 meses são apenas postas em prática preocupações logísticas promovendo o sucesso da operação.

Palavras-chave: 1ª Guerra Mundial, Crise, Angola, Logística.

Abstract

The 1st World War was confirmed by the dire straits in which Portugal was. The crisis was not only economic but also social and political.

With the outbreak of World War 1, Portugal had to unite to establish national objectives relating to the overseas territories of pacification process, due to the interest confirmed by Germany.

Campaigns to Angola in order to pacify the remaining territory to the south, where national sovereignty has not made itself felt is sent. Your task is complicated by the lack of necessary conditions for military operations since the structures were not prepared for operations with the magnitude of the 1914-15 campaign. The estradal and rail network was developed taking into consideration the interests of trade and non-military forces and their maneuvers.

Work for Applied Research has the overall objective to identify the evolution in the types of operations, logistics and organization of the units, in operations carried out by the Portuguese forces in Angola during the 1st World War (1914-15). For this it is essential to gather data of Portuguese, German and indigenous forces.

Regarding the collection of information, this was held in various archives and libraries, including the Library at the Military Academy Headquarters, Military Barracks Library in Amadora, library of the Army and Military History Archive. Thus, the data compiled from primary sources and printed documentary, as well as several secondary sources based on an extensive bibliography, essential to research focused on the analysis of contents that formed the basis of work.

We conclude that most of the responsibility for the poor results in Angola, the concern stems from the weak Portuguese government regarding the preparation of armies. After our enemy would not be indigenous, but well prepared and equipped German army. The incompetence of the political structure on the behavior of Portuguese military forces, limited action before the German disregard the Angolan border.

Improvisation has always been present in the Portuguese military campaigns, leaving the mercy of our talented improvisers since all missed.

In the Angola campaign in 1914, occurring two factors for poor outcomes: precipitating incident Naulila originating the impossibility of food logistics channel properly military operations and a set of tactical errors on the part of Lieutenant Colonel Alves Roçadas leading the uprising of indigenous peoples.

In 1915 at the Angola campaign under the command of General Pereira de Eça, the lessons learned from the previous year are taken into account and for 3 months are only implemented logistical concerns promoting the success of the operation.

Key words: 1st World War, Crisis, Angola, Logistics.

Índice Geral

Dedicatória	iv
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	vi
Índice Geral	viii
Índice de Figuras	xii
Índice de Tabelas	xiii
Lista de Anexos e Apêndices	xiv
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	xvi
Capítulo 1 Introdução.....	1
1.1. Tema a investigar: escolha, formulação e justificação	1
1.2. Objetivos de estudo	2
1.3. Questão de partida e questões derivadas	3
1.4. Hipóteses de investigação.....	4
1.5. Metodologia.....	4
1.6. Estrutura do Trabalho de Investigação Aplicada.....	5
Capítulo 2 Revisão da Literatura.....	7
Capítulo 3 Enquadramento Histórico, Político e Geográfico.....	8
3.1. Antecedentes	8
3.2. A situação em Portugal.....	9
3.3. Portugal na 1ª Guerra Mundial.....	10

3.4. Teatro de Operações.....	12
Capítulo 4 A Defesa do Sul de Angola Perante a Ameaça Alemã.....	15
4.1. A Expedição de Alves Roçadas, em 1914.....	15
4.1.1. O combate de “Naulila”.....	18
4.2. A Ameaça Alemã.....	26
Capítulo 5 As Forças Militares Portuguesas Perante a Insurreição das Populações Nativas.....	29
5.1. A Expedição de 1915, sob o comando do General Pereira de Eça.....	29
5.1.1. Estabelecimento da Base de Operações no Humbe.....	32
5.1.2. O Quadrado de Môngua	33
5.2. A ameaça indígena.....	35
Capítulo 6 As Campanhas Militares Portuguesas em Angola durante a 1ª Guerra Mundial : Uma Comparação.....	38
6.1. Organização	38
6.2. Logística	40
6.3. Operações	44
Capítulo 7 Conclusões e Recomendações	48
7.1. Introdução.....	48
7.2. Resposta às Questões Derivadas.....	48
7.3. Resposta à Questão Central	52
7.4. Limitações à Investigação	53
7.5. Propostas e Recomendações.....	54
Bibliografia	55
Livros:	56

Ordem do Exército	58
Apêndices	B
Apêndice A: Planeamento da Linha Princial de Etapas e Tropas de Etapes, na Campanha Militar em Angola em 1914	C
Apêndice B: Ordem de Batalha da 1.ª Expedição	H
Apêndice C: Estado das Unidades, Material e Instrução em Dezembro de 1914...	I
Apêndice D: Localização e Movimentos das Forças Portuguesas em Angola na tarde de 17 de Dezembro de 1914	K
Apêndice E: Evacuação dos Postos Militares depois do Combate de Naulila.....	M
Apêndice F: Situação dos Contingentes Militares Portugueses em Angola em Janeiro	Q
Apêndice G: Ordem de Batalha da 2ª Expedição.....	R
Apêndice H: Projeto de Operações do General Pereira D'Eça elaborado em Lisboa	T
Apêndice I: Serviços e Funções do Serviço de Etapas da Campanha do Sul de Angola em 1915.....	W
Apêndice J: Organização da Linha Princial de Etapas e Tropas de Etapas, na Campanha Militar em Angola em 1915	X
Apêndice K: Constituição dos Destacamentos de Reocupação do Sul de Angola	BB
Apêndice L: Relação de Baixas das Campanhas Militares Portuguesas em Angola entre 1914 e 1915	EE
Apêndice M: Comparação de unidades de efetivos de escalão Companhia entre 1914 e 1915	FF
Anexos	GG
Anexo A Mapas das Alianças na 1.ª Guerra Mundial.....	HH
Anexo B Mapas das Colónias Ultramarinas em África	II

Anexo C Mapa Cor de Rosa.....	JJ
Anexo D Mapa Geográfico de Angola.....	KK
Anexo E Mapa Etnológico de Angola.....	LL
Anexo F Mapa Físico de Angola.....	MM
Anexo G Mapa Militar da Damaralândia.....	NN
Anexo H Linha de Etapas planeada por Alves Roçadas antes do Incidente de Naulila	OO
Anexo I Localização dos Efetivos Militares em Angola em 17 de Dezembro de 1914	PP
Anexo J Fortes no Sul de Angola.....	QQ
Anexo K Organização do Posto de Naulila e Ataque Alemão.....	RR
Anexo L Território Angolano em Revolta após Naulila.....	SS
Anexo M Contingentes Militares Portugueses em Angola em Janeiro de 1915 ..	TT
Anexo N Linha de Etapas da Campanha Militar Portuguesa em Angola em 1915 sobre o Comando do General Pereira D'Eça	UU
Anexo O Operações Militares Portuguesas – Esboços das Campanhas de 1914 e 1915	VV
Anexo P Movimentos dos destacamentos militares portugueses em Angola em 1915	WW

Índice de Figuras

Figura 1 – Alianças formadas na 1ª Guerra Mundial	HH
Figura 2 – Possessões em África em 1914.....	II
Figura 3 – Mapa Cor de Rosa.....	JJ
Figura 4 – Mapa Geográfico de Angola, com promenor da Zona de Operações nas Campanhas Militares Portuguesas entre 1914 e 1915	KK
Figura 5 – Mapa Etnológico de Angola	LL
Figura 6 – Mapa Físico de Angola	MM
Figura 7 – Mapa Militar da Damaralândia	NN
Figura 8 – Linha de Etapas planeada por Alves Roçadas antes do Incidente de Naulila	OO
Figura 9 – Localização dos Efetivos Militares Portugueses em Angola em 17 de Dezembro de 1914.....	PP
Figura 10 – Fortificações no Sul de Angola.....	QQ
Figura 11 – Organização do dispositivo português no início do combate e itinerários alemães	RR
Figura 12 – Dispositivo das forças portuguesas e frente do ataque alemão em Naulila	RR
Figura 13 – Região em revolta pelos indígenas	SS
Figura 14 – Contingentes militares portugueses em Angola em Janeiro de 1915 ..	TT
Figura 15 – Linhas de Etapas da campanha militar portuguesa em Angola em 1915	UU
Figura 16 – Esboço da carta do Teatro de Operações, Situação exata da região de Cuamato-Cuanhama e Quadrado de Môngua.....	VV

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Localização das forças portuguesas em Angola em 17 de Dezembro de 1914	K
Tabela 2 – Localização do contingentes militares portugueses em Angola em Janeiro	Q
Tabela 3 – Efetivos do Destacamento do Cuanhama	BB
Tabela 4 – Efetivos do Destacamento do Cuamato.....	CC
Tabela 5 – Efetivos do Destacamento do Evale	CC
Tabela 6 – Efetivos do Destacamento de Naulila	DD
Tabela 7 – Efetivos dos cinco Destacamentos	DD
Tabela 8 – Mortos em Angola durante 1914 e 1915	EE

Lista de Anexos e Apêndices

Apêndice A : Planeamento da Linha Princial de Etapas e Tropas de Etapes, na Campanha Militar em Angola em 1914

Apêndice B : Ordem de Batalha da 1.^a Expedição

Apêndice C : Estado das Unidades, Material e Instrução em Dezembro de 1914

Apêndice D : Localização e Movimentos das Forças Portuguesas em Angola na tarde de 17 de Dezembro de 1914

Apêndice E : Evacuação dos Postos Militares depois do Combate de Naulila

Apêndice F : Situação dos Contingentes Militares Portugueses em Angola em Janeiro

Apêndice G : Ordem de Batalha da 2.^a Expedição

Apêndice H : Projeto de Operações do General Pereira D'Eça elaborado em Lisboa

Apêndice I : Serviços e Funções do Serviço de Etapas da Campanha do Sul de Angola em 1915

Apêndice J : Organização da Linha Princial de Etapas e Tropas de Etapas, na Campanha Militar em Angola em 1915

Apêndice K : Constituição dos Destacamentos de Reocupação do Sul de Angola

Apêndice L : Relação de Baixas das Campanhas Militares Portuguesas em Angola entre 1914 e 1915

Anexo A : Mapas das Alianças na 1.^a Guerra Mundial

Anexo B : Mapas das Colónias Ultramarinas em África

Anexo C : Mapa Cor de Rosa

Anexo D : Mapa Geográfico de Angola

Anexo E : Mapa Etnológico de Angola

Anexo F : Mapa Físico de Angola

Anexo G : Mapa Militar da Damaralândia

Anexo H : Linha de Etapas planeada por Alves Roçadas antes do Incidente de Naulila

Anexo I : Localização dos Efetivos Militares em Angola em 17 de Dezembro de 1914

Anexo J : Fortes no Sul de Angola

Anexo K : Organização do Posto de Naulila e Ataque alemão Colocar Figura 12 ataque alemão posição

Anexo L : Território Angolano em Revolta após Naulila

Anexo M : Contingentes Militares Portugueses em Angola em Janeiro de 1915

Anexo N : Linha de Etapas da Campanha Militar Portuguesa em Angola em 1915 sobre o Comando do General Pereira D'Eça

Anexo O : Operações Militares Portuguesas – Esboços das Campanhas de 1914 e 1915

Anexo P : Movimentos dos destacamentos militares portugueses em Angola em 1915

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

1ª GM 1.ª Guerra Mundial

A

Adm Administração

Alf Alferes

Art Artilharia

B

Bat Batalhão/Batalhões

Btr Bateria/Baterias

BE Base de Etapas

C

Cap. Capítulo

Cap Capitão

Cav Cavalaria

CEM Chefe de Estado Maior

Cmdt Comandante

CMP Campanhas Militares Portuguesas

Cmd Comando

Com. Comunicação/Comunicações

Comp Companhia / Companhias

D

Dest Destacamento/Destacamentos

Div Divisão/Divisões

E

EM Estado Maior

Eng. Engenharia

Esb. Esboço

nº número

Esq Esquadrão/Esquadrões

EstRn Estações de Reunião

Ex.^a Excelência

EXE Exército

F

FO	Forças em Operação
G	
Gen	General
I	
Inf	Infantaria
K	
Km	Quilómetros
Km ²	Quilómetros quadrados
L	
LCom	Linhas de Comunicação
LE	Linha de Etapas
LPE	Linha Principal de Etapas
M	
m	Metros
Maj	Major
MAR	Marinha
Met	Metralhadora/Metralhadoras
Mont	Montanha
O	
OE	Objetivo Específico
OG	Objetivo Geral
P	
p.	Página
PE	Posto de Etapas
Pel	Pelotão/Pelotões
PPE	Posto Principal de Etapas
pp.	Páginas
Q	
QD	Questão derivada
QG	Quartel General
QC	Questão Central
R	
Reab	Reabastecimento
Reg	Regimento/Regimentos
S	
Sarg	Sargento

T

TCor Tenente-Coronel

Ten Tenente

TO Teatro de Operações

Ton Toneladas

TIA Trabalho de Investigação Aplicado

U

Un Unidade / Unidades

V

Vol. Volume

Z

ZInt. Zona do Interior

ZOp Zona de Operações

ZRet Zona da Retaguarda

Capítulo 1

Introdução

O Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), subordinado ao tema “As Campanhas Militares Portuguesas em Angola, durante a 1ª Guerra Mundial”, surge no contexto de um processo avaliativo de formação sólida, em que se unem o ensino académico e militar que compreendem uma grande base científica, teórica e aquisição de novas competências. Sendo assim, temos por finalidade a atualização e reconversão de conhecimentos através da investigação.

De forma a conferir ao trabalho coerência, formulámos um projeto de investigação e a construção de um plano de pesquisa para que se pudessem escolher as melhores técnicas de recolha, tratamento e análise de dados.

No decorrer do primeiro capítulo (Cap.) abordam-se seções referentes a um enquadramento do assunto a ser tratado, bem como a formulação da questão central (QC) e questões derivadas (QD), as suas hipóteses (H) de resposta a essas mesmas questões, objetivos de estudo a alcançar, caracterização da metodologia utilizada e por último a estrutura do TIA.

1.1.Tema a investigar: escolha, formulação e justificação

O trabalho insere-se no domínio da História Militar, mais concretamente das Campanhas Militares Portuguesas (CMP), em Angola entre 1914 e 1915.

Apesar de diversos trabalhos sobre esta temática, as CMP encerram características tão distintas que nos motivou para o desenvolvimento de um estudo essencialmente focado na atividade militar, que julgamos ser útil e inovador. Alicerçados à curiosidade da história local, pelo passado partilhado entre países irmãos e pelo conhecimento da região nesta época, reúnem-se todas as condições para realçar o esforço feito entre estes dois países, enriquecendo o conhecimento da história nacional.

No início do século XX, as atenções, assim como a exploração de recursos, estavam dirigidas para África e os países tinham como alvo tornarem-se centros de desenvolvimento financeiros e, simultaneamente, serem reconhecidos internacionalmente como potências colonizadoras.

Portugal, um país de diminuída extensão territorial e pouco evoluído tecnológica e militarmente, era detentor de várias colónias que despertavam cobiça por parte de outros países (Teixeira & Telo, 2004).

Era conhecido o interesse da Alemanha pelos territórios ultramarinos portugueses e Angola partilhava fronteiras naturais com a Damaralândia, uma das colónias alemãs (Oliveira, 1994).

A 28 de Junho de 1914¹ os receios de um conflito mais alargado confirmam-se, quando é assassinado o príncipe herdeiro da Áustria-Hungria. Portugal tem consciência de que o seu espaço colonial estava em risco (Oliveira, 1994).

A necessidade de enviar expedições militares para Angola ressalta, bem como a necessidade de reorganizar os contingentes nas zonas de fronteira, para consolidar o território angolano que ainda não se encontrava pacificado na sua totalidade (Arrifes, 2004), (Rita, 2013) e (Teixeira & Telo, 2004).

1.2. Objetivos de estudo

É fundamental para o trabalho que seja identificado o seu Objetivo Geral (OG), visto que “...o investigador deve obrigar-se a escolher rapidamente um primeiro fio condutor tão claro quanto possível, de forma que o seu trabalho possa iniciar-se sem demora e estruturar-se com coerência” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 15).

Constitui-se como o OG deste trabalho, a caracterização da tipologia de forças e das suas missões, nas CMP em Angola durante a 1.ª Guerra Mundial e em particular, a identificação das principais condicionantes (ameaça, área de operações e logística) e como estas influenciaram a condução das operações em 1914 e 1915.

¹ O clima de instabilidade na Europa era enorme, e o assassinato do Arquiduque Francisco Fernando em 28 de Junho de 1914, serviu de pretexto para a 1ª Guerra Mundial. Formam-se dois blocos, a França, Grã-Bretanha e Rússia, na Tríplice Entente; e a Alemanha, Austro-Hungria e Itália, na Tríplice Aliança (Oliveira, 1994).

Vide Anexo A

Perante a problematização abordada, e de forma a estruturar o trabalho, foram identificados objetivos específicos (OE), com a finalidade de tornar o nosso estudo mais aprofundado e detalhado, que passamos a citar:

OE 1: Comparar a tipologia de forças militares empregues nas Campanhas Militares Portuguesas durante a 1ª Guerra Mundial, nomeadamente a Expedição de Alves Roçadas em 1914 e a Expedição de 1915 segundo o comando do General Pereira de Eça.

OE 2: Identificar a tipologia de operações e as suas principais condicionantes nas campanhas de 1914 e 1915.

OE 3: Identificar as adaptações efetuadas nas forças militares portuguesas em Angola em 1915, tendo em consideração as condicionantes operacionais presentes;

OE 4: Comparar a organização das forças militares portuguesas, e identificar as suas principais modificações.

1.3. Questão de partida e questões derivadas

Segundo Quivy & Campenhoudt (1998, pp. 31-32) “...o investigador deve obrigar-se a escolher um fio condutor tão claro quanto possível, para que o seu trabalho se estruture com coerência.”. O autor, ao referir-se a um fio condutor do trabalho, expõe a necessidade de uma pergunta de partida clara, exequível de ser respondida e pertinente. “A formulação de uma pergunta de partida obriga o investigador a uma clarificação, frequentemente muito útil, das suas intenções e perspetivas espontâneas...” (*idem*, p.32)

Sendo assim, este trabalho pretende esclarecer a seguinte QC: Quais foram e como evoluíram, a tipologia das unidades e das operações realizadas pelas forças portuguesas em Angola, durante a 1ª Guerra Mundial (1914-1915). A partir desta surgem as QD que contribuem para a necessidade de pormenorizar o estudo. São elas:

QD 1: Qual foi a tipologia de forças militares empregues no teatro de operações em Angola em 1914 e 1915?

QD 2: Qual foi a tipologia de operações e as suas principais condicionantes na campanha militar portuguesa de 1914?

QD 3: Qual foi a tipologia de operações e as suas principais condicionantes na campanha militar portuguesa de 1915?

QD 4: Quais foram as adaptações efetuadas tendo em conta as condicionantes operacionais presentes nas campanhas no sul de Angola durante a 1ª Guerra Mundial?

QD 5: Quais as principais modificações efetuadas ao nível da organização das forças militares para as campanhas de pacificação no sul de Angola?

1.4.Hipóteses de investigação

Para aumentar o rigor do TIA, são identificadas hipóteses (H) que apontam o caminho da procura, dentro da pergunta de partida. “...apresentando um carácter explicativo e preditivo, compatível com o conhecimento científico, sendo passíveis de ser confirmadas ou refutadas com o desenvolvimento da investigação, para o problema, dando resposta às perguntas derivadas e também à pergunta de partida da investigação”(Marconi & Lakatos apud Sarmiento, 2013, p.14).

Segundo Quivy & Campenhoudt (1998, p. 119) “...uma investigação em torno de hipóteses de trabalho constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor...”

Perante as questões identificadas, formularam-se as seguintes hipóteses:

H 1: A organização das forças militares das expedições de 1914 e 1915, estão adaptadas às suas missões;

H 2: Relativamente à ameaça, a tipologia de operações das campanhas de 1914 e 1915, é distinta;

H 3: A área de operações utilizada nas campanhas de 1914 e 1915, é diferenciada;

H 4: Relativamente à logística nas campanhas de 1914 e 1915, é distinta.

1.5.Metodologia

Na investigação realizada, consideram-se as normas para a redação do Relatório Científico Final do TIA, presentes na NEP 520/DE de 30 de Junho de 2011 da AM, e o contributo do livro Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Testes, escrito por Manuela Sarmiento (2013).

A metodologia seguida tem como referência o método de investigação histórica² baseado numa abordagem diacrónica³, analisando a constituição das forças das expedições de 1914 e de 1915, as missões e o dispositivo das unidades de Infantaria (Inf), de Cavalaria (Cav) e de Artilharia (Art), conjugada com a investigação numa lógica sincrónica⁴, identificando as variáveis atenuantes que designamos de condicionantes (ameaça, área de operações e logística).

Para responder às questões, e testar a validade das hipóteses formuladas, procedemos no campo da heurística⁵, em vários arquivos e bibliotecas, onde procurámos pesquisar diferentes fontes documentais e bibliográficas. Deste modo, compilou-se dados a partir de fontes primárias manuscritas e impressas (Hermenêutica⁶), assim como de várias fontes secundárias assentes num manancial de obras de diferentes quadrantes, importantes para a investigação, que constituíram uma base de trabalho extensa e diversificada.

1.6. Estrutura do Trabalho de Investigação Aplicada

Para permitir ao leitor uma melhor compreensão do tema, o trabalho estrutura-se em sete capítulos nos quais se contempla a Introdução. Assim, pretende-se enquadrar o leitor no tema, enunciar de forma clara e sucinta a escolha realizada, procedendo à descrição dos objetivos, das perguntas e hipóteses formuladas, no qual também se define a metodologia empregue para recolha e análise de informação.

Na revisão de literatura será feita a descrição de alguns quadros base para a percepção do trabalho, nomeadamente a conquista de Angola, o interesse das potências mundiais nas colónias ultramarinas, a situação política e militar em Portugal e o teatro de operações (TO)⁷.

Em seguida é analisada a expedição do Tenente-Coronel (TCor) Alves Roçadas em Angola, em 1914, aprofundando a ação do Comandante (Cmdt) na preparação das operações,

² “...analisa os fenómenos ou processos em estudo, atendendo à sua constituição, ao seu desenvolvimento, à sua formação e às consequências, de uma forma cronológica...” (Sarmiento, 2013, p. 8)

³ “Diaconia implica a investigação através – ou ao longo – de um tempo dado, isto é, longitudinal” (Mendes, 1987, p. 161).

⁴ “Sincronia pressupõe investigação num determinado tempo curto, ou seja, transversal ou em corte” (Berkhofer *apud* Mendes, 1987, p. 161).

⁵ “Fase do método histórico que se dedica à procura e recolha de fontes” (Mendes, 1987, p. 122).

⁶ Segundo Richard E. Palmer *apud* Mendes (1987, p. 124) “A hermenêutica é o estudo da compreensão, é essencialmente a tarefa de compreender textos ...”.

⁷ “Parte do Teatro de Guerra necessária para operações táticas e para as actividades logísticas, relacionadas com essas operações” (Soares & Adelino, s.d. b, p. 602).

na deslocação dos efetivos, no combate de Naulila e na retirada das forças. No final será abordada a ameaça alemã.

Será também analisada a expedição do General (Gen) Pereira de Eça em Angola, em 1915, nomeadamente a preparação da linha de etapas, o combate de Môngua e a ameaça indígena.

Numa última perspetiva será feita a comparação das duas campanhas, analisando a constituição das forças, as suas missões, o dispositivo, a ameaça, a área de operações e a logística. Interessa também observar as reorganizações, ajustamentos e lições aprendidas durante as campanhas.

Finalmente será apresentada a conclusão deste trabalho, verificação das hipóteses, resposta às questões formuladas, limitações encontradas, propostas e recomendações para futuros trabalhos.

Capítulo 2

Revisão da Literatura

Na Revisão da Literatura procura-se dar a conhecer, através do contributo de diversos autores, as obras e fontes que tiveram maior relevância na abordagem do tema. Apesar de não existirem obras focadas no tema central, existem, porém, várias que abordam, ainda que em estudos diferentes e em outros contextos, e explanam as CMP em Angola durante a 1ª Guerra Mundial (1ª GM).

Em primeiro lugar salientamos ambos os relatórios de Alves Roçadas e Pereira de Eça das campanhas de 1914 e 1915 respetivamente, tratando de uma forma detalhada, o planeamento, execução e resultados das empresas de pacificação do Sul de Angola.

Outra importante referência é a obra do General J. Santos Correia - *Campanha no Sul de Angola em 1915 - Seus Antecedentes – Nautila*, que aborda uma análise aprofundada sobre ambas as campanhas com o interesse de avaliar as ações efetuadas pelos portugueses especialmente pelos seus comandantes.

Não podemos deixar de falar da obra de Aniceto Afonso - *Portugal e a Grande Guerra*, que trata de todo o conjunto de condições internas que Portugal vivia, de uma forma detalhada as reformas militares de 1911 e por fim de uma forma geral a atuação dos efetivos portugueses em Angola.

Outra referência importante é a obra de Ernesto Machado - *No sul de Angola*, refere de uma forma pormenorizada sobre os olhos do Sub-chefe do Estado-maior das Forças em Operações, os erros efetuados na empresa em 1914, sugerindo soluções para as questões apresentadas.

Por fim, mas não sendo menos relevante, podemos identificar a obra do Major de Inf Rita, *Na Sombra do Expedicionário – A vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial*, que demonstra de uma forma mais humana a realidade vivida no campo de batalha muitas vezes esquecido.

Capítulo 3

Enquadramento Histórico, Político e Geográfico

3.1. Antecedentes

Portugal já iniciara a exploração de Angola, especialmente no âmbito científico, até onde lhe foi possível penetrar. Seria agora necessário conquistar as regiões onde a nossa soberania não se fazia sentir. Essa conquista inicia-se em 1838, na região de Ambaca, através de operações militares conduzidas por elementos da própria colónia, que terminam em 1915, a sul do Cunene, com contingentes maiores que incorporam elementos nacionais (Monteiro, 1947).

Antes do processo de pacificação do sul de Angola, o interesse das potências europeias pela expansão e apropriação das colónias confirma-se em 1876, na Conferência Geográfica de Bruxelas, na qual tomaram parte vários países, nomeadamente a Inglaterra, a França e a Alemanha. Portugal não é convidado a participar, já que podia reafirmar posse sobre os direitos históricos que detinha em relação a muitos territórios ultramarinos (Regalado, 2004).

A atenção no território africano crescia e, em 1885, a Alemanha organiza em Berlim uma conferência que reuniu embaixadores de 14 estados, entre os quais o embaixador de Portugal. A comunidade internacional já não reconhecia os direitos históricos de Portugal sobre as regiões do interior africano⁸ (Oliveira, 1993).

A 30 de Dezembro de 1886, o velho sonho de ligar Angola a Moçambique, materializado pelo Mapa Cor-de-Rosa⁹, encontrava possibilidade de concretização através da convenção luso-alemã. No entanto, este sonho é destruído pelo ultimatum inglês a 1890. A 1899, para inutilizar o acordo anglo-alemão, é assinado o tratado de Windsor entre Portugal e Grã-Bretanha (Afonso, 2013) e (Oliveira, 1993).

⁸“... Portugal sai bastante prejudicado, não só do ponto de vista territorial como pela introdução da necessidade da ocupação substituir o direito da presença histórica” (Oliveira, 1993, p. 152)

⁹ Vide Anexo C

Apesar de ser indispensável a ocupação efetiva dos territórios ultramarinos, a realidade que se observa é a falta de coerência na ocupação militar, sendo tal demonstrado pelo isolamento e desarticulação entre as operações militares.

Só em 1895, após 15 anos de lutas, se consegue finalmente pacificar o Humbe.

A partir de 1904, segundo a imprensa, a Alemanha encara a possibilidade de ocupar o ultramar português. Portugal resolve assumir claramente o objectivo estratégico de pacificação e afirmação da autoridade portuguesa na região entre o rio Cunene e o rio Cubango (Oliveira, 1993).

Nos anos seguintes a consolidação das ocupações anteriores e o desenvolvimento de novas ocupações militares é constante. Em 1907 com a campanha do Cuamato estava pacificada a região, em 1908 consolidou-se a ocupação portuguesa além Cunene, em 1909 ocupou-se do Evale e do Baixo Cubango até o Dirico e, finalmente, em 1910 estendia-se a ocupação militar de Cassima e região do Pocolo. O processo de pacificação realizou-se sem oposição do gentio, sentindo-se somente alguma resistência em Pocolo (Roçadas, 1914).

Norton de Matos assume o cargo de governador-geral de Angola em Junho de 1912 e tem uma clara preocupação em quebrar a resistência indígena e pacificar o restante território. Em Setembro de 1912 proibiu a importação de armas e pólvora para Angola e confiscou todas as armas e pólvora do comércio.

Durante o seu mandato determinou a abertura de cerca de 5.000 Km de via, beneficiando a economia e o deslocamento de tropas (Pélissier, 1986).

Confirma-se novamente entre 1912 e 1913 que outros países queriam afastar Portugal do caminho da corrida pelas colónias. A Inglaterra e a Alemanha encontravam-se em negociações secretas para uma eventual divisão das colónias portuguesas (Rita, 2013) e (Telo, 2010).

Este acordo “...mostra de forma clara que a importância da aliança com Portugal era pequena para a Inglaterra em 1912-1914, que não hesitaria em abandonar caso com isso pudesse alcançar interesses mais importantes que estavam em jogo...” (Telo, 2010, pp.213 a 294).

3.2. A situação em Portugal

Após a independência do Brasil em 1822, perdemos a possibilidade de obter empréstimos internacionais. Em 1898 essa possibilidade é renovada através de

representantes alemães e ingleses, que demonstraram a vontade de executar empréstimos a Portugal em troca da hipoteca das colónias portuguesas. Tratava-se de uma tentativa séria e ameaçadora de se apoderarem do território ultramarino português, em caso de impossibilidade de pagamento (Oliveira, 1993).

Apesar da riqueza de Angola e do esforço colocado na sua administração, a crise económica e orçamentos com défices eram constantes. Pode-se apontar como uma das razões principais a falta de coerência das ações militares, resultado da crise política em Portugal.

A decadência da monarquia e da república estavam rodeadas de lutas ideológicas e violência desde 1891, saindo vitoriosa a república a 5 de Outubro de 1910 (Afonso, 2008) e (Telo, 2010).

Por reear a intervenção das Forças Armadas Portuguesas e da GNR¹⁰, formou-se um grupo constituído pelos republicanos mais radicais apelidados de Formiga-Branca¹¹. Este grupo tentava criar um clima de instabilidade e desconfiança afetando a disciplina militar (Oliveira, 1993) e (Telo, 2010).

A 5 de Outubro de 1911 e 6 de Julho de 1912 ocorrem incursões monárquicas. A 14 de Maio de 1915 cai o regime imposto, ou seja, Portugal não possuía condições políticas e militares para regular a prossecução de objetivos e conduzir a guerra firmemente através de objetivos comuns (Afonso, 2013) e (Oliveira, 1994).

3.3. Portugal na 1ª Guerra Mundial

Era vital defender e consolidar o território ultramarino ainda não pacificado, devido à falta de respeito das outras potências pelos direitos históricos de Portugal.

Era imprescindível uma estrutura militar coesa, bem organizada e com os recursos suficientes para acompanhar a mudança no modo de fazer a guerra, mas a situação real era outra. A situação política em Portugal era de crise, afetando as estruturas militares. As diversas clivagens internas impediam o consenso nacional no que respeitava à posição do

¹⁰ “O 5 de Outubro não foi um movimento fundamentalmente militar, mas a participação ativa do pequeno núcleo de militares do lado republicano foi essencial para a sua vitória, do mesmo que a passividade do grosso do corpo de oficiais permitiu a queda da Monarquia... Qualquer dirigente republicano minimamente consciente sabia que não podia confiar na maioria do corpo de oficiais permanente...” (Telo, 2010, pp.358 a 359)

¹¹ “A Formiga-Branca constituía uma sociedade política secreta para defesa da República. Estava infiltrada nos quartéis, departamento do Estado, navios de guerra e forças de segurança. Tinha ligação prevalente ao Partido Democrático e aos seus chefes, nas funções policiais, de denúncia e de seleção das hierarquias.” (Oliveira, 1994, p.48)

país perante a guerra e, na ausência desse consenso, os objetivos políticos e estratégicos nacionais vagueavam de acordo com a ideologia das forças políticas que ocupavam o poder. (Rita, 2013)

Na necessidade de mobilizar expedições, quando estas chegavam o problema já tinha sido solucionado. Eram mal preparadas, o equipamento e o fardamento eram medíocres e nalguns casos, inadequados às condições operacionais. Os sucessos resultavam com frequência de atos individuais em vez de operações militares organizadas e conduzidas nos escalões adequados. As mobilizações para as campanhas eram afectadas pela incompetência na organização e planeamento, para além da corrupção e deserção (Oliveira, 1993) e (Rita, 2013).

Na década que antecedeu à república, as Forças Armadas Portuguesas passavam por uma ampla reforma, lançada pelo rei D. Carlos. “A mudança surge numa altura em que as principais campanhas de pacificação em África estão resolvidas, pelo que D. Carlos se empenha num esforço intenso de modernização das Forças Armadas a pensar no cenário europeu e não já no império” (Telo, 2010, pp.347 a 348) Assim, o intuito era em caso de invasão do território português, ganhar tempo para que chegassem reforços aliados ingleses.

Em 1911, depois da instauração da república, o governo determinava profundas alterações¹² ao sistema de recrutamento militar, criando Batalhões de Voluntários. Um dos grandes pilares da mudança era a redução do tempo de serviço nas fileiras, apoiado num novo sistema de instrução e treino das tropas (Oliveira, 1993) e (Afonso, 2013).

“O sistema de instrução e manutenção da preparação militar não se confinava ao tempo anterior à prestação do serviço militar obrigatório...durante duas semanas, em Setembro haveria uma escola de repetição que se destinava a possibilitar a recapitulação da instrução das escolas de recrutas...” (Afonso, 2013, p. 28).

Portugal passou a dar mais importância às reservas do que ao aparelho militar permanente. As modificações na instrução fizeram com que em 1914 os efetivos gerais do exército possuíssem apenas três curtos períodos de 2 semanas de treino complementar (Afonso, 2013).

A 5 de Agosto de 1914 a Inglaterra declara guerra à Alemanha. A partir deste momento Portugal ficou moral e materialmente dependente da ação da Inglaterra, em virtude de compromissos sancionados por tratados. Isto é, não devia declarar a sua neutralidade ou

¹² “O que a República faz com o Exército é típico da sua atuação noutros campos: uma reforma radical no papel, que sai como lei, apesar de todas as críticas, mas que não é aplicada no essencial.” (Telo, 2010, p.363)

intervir na luta por exclusivo movimento próprio, senão de acordo com a velha aliada (Roçadas, 1919).

À falta de recursos materiais e humanos para a campanha, os aliados ingleses reconheceram um ambiente instável no seio das forças armadas portuguesas, devido não só ao processo de reestruturação que estava em curso como também ao crescente conflito de interesses dos partidos. Mesmo assim, Portugal soube demonstrar o seu apoio através de uma neutralidade colaborante, bem como através do fornecimento de materiais de toda a ordem, de origem nacional ou obtida por intermédio de outros países (Rita, 2013).

O Governo Português, empenhado na defesa da integridade dos territórios africanos, fez embarcar em Setembro de 1914 duas expedições militares, em reforço das guarnições de Angola e Moçambique. Era necessário reforçar os efetivos militares do exército nas colónias, que se encontrava mal equipado, armado e enquadrado por falta de graduados e de guarnições disciplinadas e motivadas (Afonso, 2013) e (Oliveira, 1993).

3.4. Teatro de Operações

Relativamente ao enquadramento geográfico¹³, o TO do Sul de Angola era constituído pela Província da Huíla, com a área de 374.000 quilómetros quadrados (Km²), dividido em duas zonas – Moçamedes, com 51.000 Km², e Huíla, com 323.000 Km².

A separação de Huíla e Moçamedes é feita por um grande acidente do terreno, a Serra da Chela, extensíssima cordilheira que em muito condiciona as operações e segue na direção Norte-Sul, com altitudes que atingem 2.320 metros (m) e descem para Sul até 760 m (Freire, 2011).

Moçamedes, como local de desembarque de tropas, possuía boas vias de comunicação (com), salientando o porto marítimo e o caminho-de-ferro. A região era árida e seca, possuindo poucos recursos, estendendo-se até ao rio Cunene.

Partindo de Moçamedes, existiam 183 quilómetros (Km) de caminho-de-ferro, que terminavam a 20 Km da Vila Sá da Bandeira, subindo 1.700 m acima do nível do mar (Varão, 1934).

¹³ Vide Anexo F

Huíla como centro de operações e movimento de tropas, ao contrário de Moçamedes, possuía escassas vias de com, era uma terra rica e fértil, e estendia-se até ao rio Cunene e à fronteira sul com o sudoeste alemão.

A hidrografia¹⁴ encontra-se condicionada ao relevo. Na vertente oeste da Serra de Chela as águas correm no sentido este-oeste sendo os principais rios: Giraul, Bero e Corocca.

Na vertente leste da Serra de Chela o TO era atravessado por dois grandes rios que nasciam ambos no planalto do Huambo – o rio Cunene e o rio Cubango. O rio Cubango segue na direção norte-este e desagua no designado Grande Pântano, limitando a zona de operações (ZOp), junto à sua margem encontra-se o caminho que os carros boers¹⁵ seguiam para o Cuangar. O rio Cunene segue uma direção geral noroeste-sudeste, aproximando-se dos contrafortes da Chela que originam as suas cachoeiras e rápidos, e desagua no Oceano Atlântico. Os seus vaus eram de extrema importância, visto que eram usados principalmente no tempo seco para a passagem de forças, o vau do Calueque, Nangula, Naôlo, Calundo, Chiquenda, Congondo, Pemba, Forte Roçadas, Chimbua e Cafu (Rita, 2013) e (Varão, 1934).

Um dos maiores afluentes do rio Cunene era o rio Caculevar, que atravessava o TO de noroeste-sudeste e desaguava próximo do Forte Humbe. O Cunene dividia etnicamente¹⁶ o TO em duas áreas. Na margem esquerda surgia a região de Cuanhama, ligada ao território do Cuamato, onde viviam os cuanhamas, por sua vez, no lado direito, habitavam tribos mais isoladas e de menor riqueza pecuária, como os Muílas, Humbes e Evaes.

Do ponto de vista da pluviosidade, o ano dividia-se em quatro períodos: um de pequena seca (janeiro e fevereiro), um de grandes chuvas (março e abril), um período de de pequenas chuvas (outubro a dezembro) e as grandes secas (maio a setembro) (Freire, 2011).

Relativamente às temperaturas, dividia-se o ano em dois períodos: o da estação quente (outubro a abril) e o da estação fria (maio a setembro), que coincidia com o ciclo das grandes secas, sendo assim o período mais favorável para as operações militares. Apesar deste período ser benéfico, existia adversidades como a falta de água que induzia à morte do gado e consequentemente à deteriorização da Linha de Comunicação (LCom).

As operações militares não podiam ser executadas nos períodos de chuva, já que as enchentes e inundações tornavam impraticável a deslocação de forças. A inexistência de

¹⁴ Vide Anexo D

¹⁵ “O carro boer é um veículo de quatro rodas, primitivo, muito pesado, puxado por dez a doze juntas de bois.” (Varão, 1934)

¹⁶ Vide Anexo E

pontes, a presença de crocodilos e as margens alagadas, só permitiam a circulação com carros boers ou a utilização de carregadores indígenas em determinados locais (Oliveira, 1994).

No que diz respeito à vegetação, existiam no TO vastas planícies arborizadas com árvores de porte baixo, com muitas clareiras, mais ou menos extensas, designadas na região por “chanas”. Excetuavam-se enormes e seculares imbondeiros. Grandes e rígidos montes de formiga salalé, com 2 a 3 metros de altura, densamente espalhados, favoreciam um bom sistema de proteção.

Capítulo 4

A Defesa do Sul de Angola Perante a Ameaça Alemã

4.1. A Expedição de Alves Roçadas, em 1914

As campanhas já há muito que tinham sido iniciadas em Angola, em 1838 na região de Ambaca, com emprego de efetivos de tropas metropolitanas do Exército (EXE), Marinha (MAR), e coloniais. Foram construídos postos militares¹⁷ como centro de operações, garantindo a paz e soberania na região, tendo também o propósito de recrutar melhores soldados indígenas, trabalhadores para as oficinas e pequenas indústrias (Monteiro, 1947).

A exploração dos territórios em Angola foi sub-aproveitada. A criação de gado e a produção de trigo, destinados aos postos militares, não eram explorados de forma proveitosa. Podia-se fazer a criação de dromedários, que prestavam serviços tanto de tração como de carga ao dorso, e, em paralelo, podia-se criar gado bovino e caprino, para satisfazer as necessidades de consumo, e mesmo abastecer com rebanhos a metrópole (Costa, 1911).

Embora existisse a capacidade para alimentar as operações, a falta de aproveitamento dos recursos e a atenção da república para defender a metrópole em caso de invasão, desviaram a sua atenção das colónias. Desde a implementação da república, apenas se tinham executado pequenas operações de ocupação, com um dispositivo militar quase insignificante, com efetivos a rondar os 300 homens (Afonso, 2008).

Em Agosto de 1914 existia uma guarnição militar composta por: 2 Seções de Art de Montanha (Mont.), 1 Esquadrão (Esq.) de Dragões, 1 Companhia (Comp) europeia de Inf e 4 Comp indígenas de Inf (Varão, 1934).

Com o iniciar da 1ª GM e a constante ameaça alemã, Portugal projetou e organizou duas expedições militares para reforçar os contingentes nas colónias, uma para Angola e outra para Moçambique. Era imperativo concluir o processo de pacificação arrastado durante décadas, já que existia a possibilidade de enfrentar a Alemanha em Angola.

O Comando (Cmd) da expedição em 1914 em Angola foi entregue a Alves Roçadas, que tinha sido o Cmdt de campanhas anteriores saindo sempre vitorioso. Em 1904 vingara o

¹⁷ Vide Anexo J

desastre do vau do Pembe, entre 1905 e 1907 alargou o domínio português, pacificando territórios Além-Cunene e em 1907 fora o vencedor do Cuamato (Monteiro, 1947).

O projeto planeado pelo Ministério da Guerra contemplava um pequeno Quartel-general (QG), uma Bateria (Bata.) de Art, um Esq de Cav e um Batalhão (Bat.) de Inf. Tal revelou-se insuficiente para a campanha e teve, a pedido de Roçadas, de ser reforçado¹⁸ (Roçadas, 1919).

A missão tinha como dois grandes objectivos, fazer a ocupação do território Cuanhama e fazer respeitar os direitos da soberania de Portugal, no caso de a guerra se estender da Europa para o continente africano (Roçadas, 1919).

Alves Roçadas pretendia ocupar o Cuanhama antes de Setembro, pois assim adiantaria-se à época das chuvas o que impossibilitaria as operações. No entanto, vários atrasos na mobilização de unidades e a constituição dos depósitos de víveres impeliram-no a atrasar a campanha para Dezembro (Correia, 1943).

A 11 de Setembro de 1914 reuniram-se em Lisboa contingentes para embarcar para África. Parte destas forças não tinha recebido qualquer instrução, como é normal entre o embarque e a mobilização¹⁹ (Machado, 1956).

A composição do 1º reforço apresentava em pessoal 1525 elementos e 315 solípedes, representado pelo 3º Bat do Regimento (Reg.) de Inf 14; pela 2ª Bata. do 1º Grupo de Metralhadoras (Met.); pela 2ª Bata. do Reg. de Art de Mont.; pelo 3º Esq. do Reg. de Cav nº 9; elementos do Serviço de Saúde, fornecidos pelo 1º Grupo de Comp de Saúde e ainda os Serviços Administrativos, fornecidos pelo 1º Grupo de Comp de Administração (Adm.) Militar (Rita, 2013) e (Telo, 2010).

O serviço de retaguarda²⁰, a partir de Mossâmedes, estava planeado com base na linha de etapas que incluía todo o apoio logístico e de pessoal: a zona do interior (ZInt), desde o litoral até ao planalto de Huíla; a zona da retaguarda (ZRet), desde o planalto até ao forte do Cuamato; a Zop, desde o forte de Cuamato até à fronteira. As tropas das etapas seriam constituídas por pequenos destacamentos (Dest) nativos aquartelados ao longo das etapas, em número estimado de 2.000 homens, incluindo auxiliares e carregadores (Oliveira, 1994).

A 1 de Outubro de 1914 chegam a Mossâmedes as primeiras expedições. Reconhece-se, desde logo, que foi um erro enviar tropas para as colónias sem estar cuidadosamente assegurada a satisfação de todas as necessidades.

¹⁸ Ordem do Exército nº19 – 1ª Série, de 18 de Agosto de 1914.

¹⁹ Vide Apêndice C

²⁰ Vide Apêndice A e Anexo H

A 31 de Outubro do corrente ano encontravam-se no planalto de Huíla as forças expedicionárias portuguesas, que tinham partido de território nacional, e fixa-se a ordem de batalha²¹ “...constituída por forças expedicionárias da Metrópole e tropas coloniais e auxiliares, num total de: 112 oficiais, 2.897 praças, 14 auxiliares civis, 66 degredados, 566 solípedes, 9 peças, 6 metralhadoras pesadas, 51 carros com 641 bois de tração, auxiliares boers, brancos do planalto e indígenas em número indeterminado.” (Moreno, 1945, p. 42).

Acarretava aos serviços de retaguarda uma responsabilidade acrescida, já que para o sul tudo teria que ser enviado desde o litoral. Os efetivos envolvidos eram em maior número e a missão das forças, não era apenas enfrentar os indígenas mas também de se bater com os alemães, muito melhor preparados, para um confronto em África (Oliveira, 1994).

O serviço de transportes teria como base a utilização do caminho-de-ferro, de Moçamedes a Vila Arriaga, podendo garantir 5 comboios diários, mas a sua mais-valia era muito reduzida. O material de transporte férreo já estava muito desgastado e a acentuação do declive da Serra de Chela não facilitava os trabalhos. Tanto que o transporte das 1200 ton que vinham com a expedição demoravam 7 semanas até Vila Arriaga (Correia, 2013).

Os cálculos da quantidade de aprovisionamentos necessários, efetuados na metrópole foram mal avaliados, não tendo sido contabilizada a deficiência de recursos no Sul de Angola. Não se percebe como existe uma atitude tão positiva por parte do Cmdt da Exp, já que este conhecia bem a escassez de meios na colónia (Correia, 1943).

O Capitão (Cap) do Serviço de Adm. Militar Manuel de Oliveira, que se encontrava encarregado da aquisição de géneros e material, nos primeiros dias nada fez, por se ignorar tudo que dizia respeito à coluna expedicionária e por no distrito tudo faltar. Em Mossâmedes o comércio não estava em condições de desviar quaisquer géneros, pois tinha os estritamente necessários para o consumo regular da população. (Machado, 1956)

O Chefe da Engenharia (Eng) de Etapas tinha a seu cargo satisfazer as requisições dos serviços e garantir a travessia com jangadas e barcos do rio Cunene. Por falta de material e tempo, poucos trabalhos foram efetuados nas estradas, que se encontravam mal traçadas, e a solução, apesar do fraco rendimento, era a utilização dos trilhos indígenas, irregulares no piso e no traçado, que encurtavam a distância. (Oliveira, 1994)

Os camiões, inovação trazida pela 1ª expedição, foram de utilidade quase nula e o seu serviço poderia ter proporcionado outros resultados no combate de Naulila. (Machado, 1956)

²¹ Vide Apêndice B

Os carros alentejanos, levados da metrópole, tiveram bom aproveitamento nas operações. Os carros boers, ainda que insuficientes foram os melhores meios de transporte, devido à sua adaptação à região (Correia, 1943).

Exatamente no mesmo dia, em 18 de Outubro, quando Alves Roçadas assumia o Governo do distrito de Huíla, o Alferes (Alf) Sereno, que comandava em Otoquero um Dest de 10 dragões e 15 praças indígenas, encontra em território português militares alemães perto do vau de Calueque (Machado, 1956).

Em conversações com os portugueses, os alemães concordam em ir, no dia seguinte à presença do Capitão-mor do Cuamato (autoridade competente) para que fosse concedida a licença que ao chefe da circunscrição do Humbe fora pedida. No dia 19 de Outubro às 9 horas os alemães preparam-se para partir sem autorização. O Alf Sereno coloca as mãos sobre as rédeas da montada do Dr. Schultze e este aponta-lhe a carabina. O Alf dá ordem de disparo, resultando na morte do Dr. Schultze e de dois tenentes que o acompanhavam (Varão, 1934) e (Monteiro, 1947).

4.1.1. O combate de “Naulila”

Cinco dias após o incidente de Naulila, o Cmdt português pede reforços à metrópole que já não chegam a tempo de ser usados em Naulila e que vêm, depois, reforçar a 2ª campanha sob o comando do Gen Pereira de Eça (Afonso, 2008).

O 2.º reforço elevava os militares presentes em Angola em mais de 5000, sendo constituído pelo 3º Bat do Reg de Inf 16; o 3º Bat do Reg de Inf 17; duas Bata de Met, a 2ª do 2º Grupo de Met e a 2ª do 3º Grupo de Met; a 1ª e 3ª Bata do Reg de Art de Mont; e ainda o 1º Esq de Cav do Reg de Cav Nº11²² (Afonso, 2013).

A decisão do Cmdt português de pedir reforços a 23 de Outubro, veio tardia. O Governador-geral de Angola, Norton de Matos, possuía informações desde 20 de Setembro que passou ao Cmdt, de que os “...alemães tinham na sua colónia do Sudoeste de África muita artilharia, 1600 a 1700 homens de infantaria, três aeroplanos e uma população branca de 12.000 alemães constituída na sua quase totalidade por homens válidos capazes de pegar

²² Ordem do Exército nº20 – 1ª Série, de 24 de Agosto de 1914

em armas.”²³ e chega a ter conhecimento, através de um inglês, da constituição e organização detalhada da colónia alemã. Deste modo, mesmo com o efetivo do 2.º reforço, os portugueses estariam longe de poder fazer frente aos alemães.

Nove dias mais tarde, depois do incidente em Naulila, chegam informações de que se concentravam forças alemãs com intenção de gerar represálias.

A 31 de Outubro é massacrada toda a guarnição do posto português de Cuangar pelas forças alemãs da guarnição do posto fronteiriço, fortemente reforçada pelo gentio do ex-soba Ananga (Moreno, 1945).

Era da crença de Alves Roçadas que o mais importante seria fazer marchar os efetivos o mais depressa possível para Além-Cunene, acompanhados por comboios de viaturas que substituíam os recursos de uma linha de etapas (Monteiro, 1947) e (Roçadas, 1919, p. 144).

Sendo assim, após o incidente de Naulila, diz o Cmdt da Expedição, colocavam-se três soluções: prosseguir no plano para a ocupação do Cuanhama, limitar a defesa ao planalto ou ir ao encontro do adversário.

A primeira opção foi posta de parte porque dava aos alemães a oportunidade para caírem sobre as LCom da coluna enquanto esta estivesse empenhada com os cuanhamas.

A segunda seria prejudicial aos interesses nacionais, tanto sob o ponto de vista moral e político como material, já que se iria traduzir no abandono aos alemães do Sul da Província, quebrando o nosso prestígio perante os indígenas. Poderia-se considerar a hipótese de recuar para o Forte Roçadas, proporcionando a necessária liberdade de ação às nossas tropas.

Já a terceira solução não era exequível, pois não era nosso objetivo ir ao encontro do adversário já que nos encontrávamos limitados politicamente a qualquer ato contra os alemães (Correia, 1943).

Face ao incidente de Naulila e aos massacres de Cuangar, Roçadas, que se preparava na Huíla para iniciar a ocupação do Cuanhama, alterou o seu objetivo e dirigiu-se para a fronteira sul a fim de guarnecer a linha Naulila-Dongoena impedindo possíveis incursões, descurando a preparação da linha de etapas (Oliveira, 1994).

A deslocação para o rio Cunene foi precipitada, as marchas eram forçadas para pessoal que não estava preparado, nem moral nem fisicamente, que com argumento na fadiga instigavam à insubordinação (Oliveira, 1994).

²³ Cfr. AHM - *O Governador-Geral de Angola Norton de Matos informa o Comandante das Forças Expedicionárias, Alves Roçadas, sobre os efetivos militares dos alemães na Damara*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 4, 1915.

A 19 de outubro havia apenas 3 dias de víveres no posto de Huíla, 7 dias de víveres na Chibia, nenhum dia na Quihita, 4 dias de víveres nos Gambos e no Cuamato, testa de etapas, nenhum dia de víveres e 29 dias de forragens. Parte tinha sido consumida na marcha e a outra parte esgotava-se no estacionamento. Nos primeiros dias de dezembro, devido à seca extrema, os carros boers encontravam-se na retaguarda. Os bois, na sua maioria, estavam magríssimos, devido a falta de capim e água, do planalto ao Cunene. “É claro que a regularidade da alimentação dos homens e solípedes havia de ressentir-se.” (Machado, 1956).

No posto de Naulila²⁴ não se constituiu um posto de remuniciamento. Imprudentemente deixadas em depósito no forte, explodiram quando este foi bombardeado juntamente com todas as outras estruturas que incendiaram. Parte delas estavam carregadas em carros boers, pois o Cmd das Forças em Operação (FO), na iminência do combate, não os mandou afastar das instalações (Machado, 1956).

Era muito deficiente o material hospitalar existente na Província. Não havia quase nenhuns recursos sanitários no Humbe e Forte Roçadas, e não houve tempo de fazer as ampliações do hospital do Lubango, nem das enfermarias da Linha de Etapas (LE). Os Dest eram acompanhados de pequenas ambulâncias, o material destinado às enfermarias do Humbe, Forte Roçadas e testa de etapas estava ainda por chegar (Machado, 1956).

Relativamente ao serviço veterinário, não funcionou na LE por falta de elementos. As un foram acompanhadas de dotações muito incompletas (Machado, 1956).

Chega a Naulila em princípios de novembro a 15^a Comp de Inf indígena, na 2^a quinzena mais 3 Comp de Inf n^o 14, uma Bata de Met, o Esq de Dragões, uma Bata de Erhardt (só com 3 peças) e uma Div de Art Canet. Estas forças efetuaram uma marcha de 320 km, passaram sede e má alimentação (Varão, 1934).

Quando o Cmdt do Dest de Naulila, o Cap José Mendes dos Reis, chega à posição de Naulila a confusão era tremenda e tudo se acumulava no pequeno recinto da posição. Todo um conjunto de ordens de organização da posição, montar o sistema de vigilância e segurança, serviços de reunião de água e capim verde tomaram tempo que era indispensável para se ocupar apenas do sistema defensivo²⁵.

²⁴ “Se não falamos em forte é porque, a posição de Naulila, não existia qualquer obra de defesa que tal nome merecesse.” Cfr. AHM - *Combate de Naulila (18-12-1914)* - Capitão José Mendes dos Reis, na qualidade de Comandante do Destacamento de Naulila e na de Comandante da 2.^a Bateria do 1.^o Grupo de Metralhadoras, 2^a Div. 2^a Sec. Caixa 21 – Pasta 12, 1915.

²⁵ Cfr. AHM - *Combate de Naulila (18-12-1914)* - Capitão José Mendes dos Reis, na qualidade de Comandante do Destacamento de Naulila e na de Comandante da 2.^a Bateria do 1.^o Grupo de Metralhadoras, 2^a Div. 2^a Sec. Caixa 21 – Pasta 12, 1915.

A 29 de novembro, Alves Roçadas chega pela primeira vez em Naulila e sabe pelos Cuambis sobre os Alemães. Era voz corrente que os Cuambis não desejavam o domínio alemão, preferiam o nosso chegando o soba a pedir um posto militar português nas suas terras. Esta lealdade foi confirmada através do envio diário de emissários cuambis com informações certas dos alemães. Mesmo depois de tudo o Cmdt não quis utilizar os Cuambis, mas entramos em incongruência já que todo o sistema de vigilância tinha sido confiado aos Cuamatos que se pensara pacificados em 1907. A utilização dos Cuambis e Dongas contra o gado alemão, já nessa altura tão desfalcado pela longa marcha e falta de água, teria paralisado os transportes alemães (Machado, 1956).

O Cmdt do Dest de Naulila no seu relatório diz que “...nunca acreditei que o cuamato nos fosse fiel. Tinha interrogado alguns sobre o seu procedimento quando entrássemos em combate com os alemães. Todos, sem exceção, me responderam com uma franqueza e serenidade apreciáveis, «se nós derrotássemos o alemão, seriam a nosso favor; se fôssemos batidos, seriam contra nós.»”²⁶.

A 12 de dezembro a guarda avançada alemã, sob o Cmd do Major (Maj) Frank, desrespeitando as fronteiras, aproxima-se da margem esquerda do Cunene e monta acampamento em território português (Monteiro, 1947).

Durante os cinco dias que os alemães descansam da sua marcha e preparam-se para a batalha, os Dragões sob Cmd do Tenente (Ten) de Cav Francisco Aragão são os únicos que estão activos e procuram reconhecer os efectivos inimigos. A 13 de Dezembro os nossos dragões conseguem aprisionar um soldado que declarou ser a missão de uma forte coluna alemã, que se aproximava, para vingar as mortes ocorridas em Naulila (Monteiro, 1947).

Depois do Chefe do Estado-maior (CEM) das FO verificar a existência de um acampamento alemão a sudoeste de Calueque, expõe o facto ao Cmdt insistindo que fosse dada ordem para o ataque, no entanto, o Cmdt não quis executá-la, já que se encontrava limitado politicamente²⁷ para executar qualquer ato de violência contra os alemães (Correia, 1943).

²⁶ Cfr. AHM - Combate de Naulila (18-12-1914) - Capitão José Mendes dos Reis, na qualidade de Comandante do Destacamento de Naulila e na de Comandante da 2.ª Bateria do 1.º Grupo de Metralhadoras, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 21 – Pasta 12, 1915.

²⁷ O telegrama enviado a 25 de Novembro referia que era “... necessário todos, oficiais e praças, saibam não estamos em guerra com Alemanha e tomar medidas nossas patrulhas não entrem sequer zona neutra. Facto V. Ex.ª estar exercendo funções governativas deve levá-lo pôr-se em contacto autoridades administrativas território vizinho a fim conhecer sua atitude e fazer-lhes conhecer a nossa.” (Correia, 1943, p.56)

Existiam instruções do Governador-geral de Angola destinadas a atenuar os efeitos de neutralidade, que não foram recebidas por Alves Roçadas. Estas instruções eram referências para que fosse mantida a neutralidade, excepto se os alemães tentassem transpôr a fronteira, o qual devia ser impedido, atacando e perseguindo os Alemães até onde fosse possível (Monteiro, 1947).

As forças que tinham sido enviadas para o Sul de Angola, não se encontravam todas presentes na altura do combate, sendo uma delas o Esq de Cav 9. Faltou a sua preparacao para a marcha, estando dois meses parado em Mossâmedes e Lubango, e, por fim, seguiu o mais longo itinerário por Capelongo²⁸ (Correia, 1943).

Podia ter sido usado o Bat da MAR, mas este, desembarcado a 24 de Novembro em Mossâmedes, gastou vários dias em trabalhos que poderiam ter sido previamente realizados antes da sua chegada, tais como a construção de cavalariças, ensino de gado, entre outros. Mais tarde, durante o seu deslocamento em Dezembro, teve que efetuar trabalhos de aquisição de transporte para continuar a sua progressão (Machado, 1956).

O Bat de Inf 14 e a Bata de Mont poderiam estar no Cunene, não fosse a dispersão excessiva das forças, mas por falta de tempo já nada podia ter sido feito (Correia, 1943).

Em relação ao valor militar do território de Naulila, este não o tinha uma vez que o terreno era maioritariamente plano. O interior da posição era relativamente descoberto. A frente era extensa, uns 3 Km. O flanco direito apoiava-se no rio, o esquerdo tinha na sua retaguarda o posto (Roçadas, 1919).

O posto de Naulila seria inútil numa luta contra forças europeias, pois consistia-se em vários barracões e construções em capim, rodeado por um muro de adôbe e à frente deste uma fiada de arame farpado, onde tinha sido construída uma trincheira para atiradores de joelhos²⁹.

Como posição defensiva Naulila era ineficaz, favorecia o ataque permitindo a aproximação a coberto (Varão, 1934).

Explica o Cmdt no seu relatório: “Era uma posição imposta pelo terreno; não havia outra.” (Machado, 1956, p.196).

Diz o Cmdt do dest de Naulila no seu relatório: “O terreno de Naulila é tudo o que há de menos próprio para uma defesa e o mais favorável para um ataque do exterior.”³⁰.

²⁸ Vide Anexo I

²⁹ Cfr. AHM - Combate de Naulila (18-12-1914) - Capitão José Mendes dos Reis, na qualidade de Comandante do Destacamento de Naulila e na de Comandante da 2.^a Bateria do 1.^o Grupo de Metralhadoras, 2.^a Div. 2.^a Sec. Caixa 21 – Pasta 12, 1915.

³⁰ *Idem*.

Perguntamo-nos como o Cmdt, o Cmdt do Dest de Naulila e o CEM das FO, reconheciam o atentado tático da ocupação do Posto de Naulila e mesmo assim o ocuparam e escolheram para enfrentar os Alemães (Machado, 1956).

Além do pouco tempo para preparar as posições, os homens tinham que se deslocar para o forte para receberem alimentação, 1/3 da força encontrava-se em vigilância e as ferramentas para preparar as posições não eram as mais próprias (só dispunham de ferramenta individual, imprópria para o desbravamento do mato) (Correia, 1943).

Em Lisboa tinham-se reunido ferramentas em quantidade e 4.000 sacos para terra, mas na altura do combate, encontravam-se no Humbe.

Para além da falta de material, a 12ª Comp encontrou-se em circunstâncias mais desfavoráveis do que as restantes un, já que entrou na posição na manhã de 14 de Dezembro (Machado, 1956).

A enfermaria não tinha sido concluída e os recursos sanitários eram inexistentes. “Aos Dragões, com quasi todos os oficiais gravemente doentes, as praças exaustas de forças e muitos dos solípedes incapazes...”. O gado encontrava-se enfraquecido devido às longas marchas, falta de água, trabalho violento, alimentação insuficiente, levando a que se encontrasse impróprio para o serviço³¹.

“Os heligrafos vieram uns dias antes do combate, mas já não puderam funcionar, por falta de pessoal instruído e haver tempo de o preparar.”³².

A posição não tinha sido devidamente organizada. Não havia um posto de remuniciamento, nem um simples posto médico. Todo o material de bivaque, as mochilas, os arreios, a reserva de roupas das praças, as bagagens dos oficiais, a secretaria do QG com todo o arquivo e o material sanitário arderam em consequência dos fogos alemães. O Posto do Dest de Naulila sobrepunha-se ao do Cmdt das FO (Machado, 1956).

As tropas que constituíram a guarnição de Naulila estabeleceram-se fora do posto a uns 1.000 metros³³. A sua observação e campos de tiro eram limitados, no setor direito encontravam-se cobertos de mato, no setor esquerdo (já mais elevado) tinham observação até 3 Km (Monteiro, 1947).

As metralhadoras e as peças foram instaladas em abrigos, sem eficaz desenfiamento, mascaradas com pequenos arbustos e ramagens (Machado, 1956).

³¹ Cfr. AHM - Combate de Naulila (18-12-1914) - Capitão José Mendes dos Reis, na qualidade de Comandante do Destacamento de Naulila e na de Comandante da 2.ª Bateria do 1.º Grupo de Metralhadoras, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 21 – Pasta 12, 1915.

³² Idem.

³³ Vide Anexo K – Figura nº11

Existiam largos intervalos entre os homens e unidades, a maior densidade encontrava-se na direita, frente a oeste, onde se supunha o esforço principal do ataque (Monteiro, 1947).

Os Pel da 9ª Comp, que constituíram a reserva, tinham-se colocado na primeira linha defensiva do flanco esquerdo. Não se percebe como o Cmdt da força, sabendo pelo Alferes Andrade Cmdt dos Auxiliares, que na noite de 17 para 18 vem às posições de Naulila alertar-nos “...que na madrugada de 18 seríamos atacados pelas forças alemãs em efetivo muito superior ao nosso, com 8 peças e 15 metralhadoras, e que lhe parecia que o ataque seria sobre o nosso flanco esquerdo.”, não reorganiza a força deixando o lado mais fraco ser empenhado e ficando assim sem reserva³⁴ (Roçadas, 1919).

A 17 de dezembro³⁵ as forças portuguesas encontravam-se em Naulila³⁶, o Cmdt e QG das FO, o Dest de Naulila composto pela 9.ª (2.º e 3.º Pel) e 12ª Comp do Bat Inf 14, 16ª Comp de Inf de Moçambique, 2ª Bata de Met, a Bata Erhardt e 1 Pel (reduzido) do 1º Esq de Dragões; no Vau Catagombe, o 1º Pel da 9ª Comp do Bat de Inf 14; e nas proximidades do Vale Nangula, o 1º Esq de Dragões (2 Pel) e auxiliares europeus montados.

Em Calueque, o Dest com a 10ª Comp do Bat de Inf 14, uma Divisão (Div) da Bata de Mont e um Pel do 1º Esq de Dragões; no Vau Nangula, um Pel da 15ª Comp de Inf de Moçambique (Machado, 1956).

O ataque alemão inicia-se a 17 de Dezembro³⁷ e os dragões portugueses atacam a coluna de menores efetivos, que avançava sobre a direita das nossas forças de Naulila. Só na noite de 17, já depois de os alemães terem iniciado o deslocamento, é dada ordem ao Dest de Calueque para atacar o Dest alemão na margem esquerda do Cunene. Esta ordem é recebida apenas no dia 18 de Dezembro pelas 07:15, pelo que são enviadas duas pequenas fracções que, por não terem encontrado ninguém, recolhem (Roçadas, 1919).

A força alemã chega à posição portuguesa às 5 da manhã do dia 18 de Dezembro. Os Cuamatos, em vigilância a uns 1.500 m à frente da posição, debandaram e não deram o alarme, e os nossos postos avançados só pressentiram ao longe as viaturas alemãs. Apesar de o ataque principal se esperar pela direita, a força alemã executa-o pela esquerda³⁸ onde o dispositivo se encontrava mais enfraquecido (Monteiro, 1947).

³⁴ Cfr. AHM - Combate de Naulila (18-12-1914) - Capitão José Mendes dos Reis, na qualidade de Comandante do Destacamento de Naulila e na de Comandante da 2.ª Bateria do 1.º Grupo de Metralhadoras, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 21 – Pasta 12, 1915.

³⁵ Vide Apêndice D e Anexo I

³⁶ Cfr. AHM - *Pessoal que fez parte do Destacamento de Naulila*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 40 – Pasta 1, 1915.

³⁷ Vide Anexo K – Figura nº11

³⁸ Vide Anexo K – Figura nº 12

O Cmd não dispôs de nenhum dos 1º Esq de Dragões já que não lhe deu ordem do que pretendia, em termos de profundidade da observação, pontos sensíveis, caminhos a explorarem, informações que mais lhe interessavam, e a ordem de que deveria manter-se no eixo para a posição de Naulila. Deste episódio resulta a retirada das tropas portuguesas³⁹ para evitar a sua destruição completa (Machado, 1956) e (Rita, 2013).

Em Dongoena reúnem-se as tropas que retiraram do posto de Naulila e as tropas de Calueque, que não tinham combatido, e seguem ambas para o Humbe, onde a testa da coluna entra às 13 horas do dia 19 (Monteiro, 1947).

Alves Roçadas, com receio de que os alemães prosseguissem a sua marcha, dá ordem que se destrua o armamento e todo o material que não seria transportado, e ordena a retirada das forças que deviam se concentrar na zona Cahama-Gambos (Correia, 1943) e (Telo, 2010).

A retirada do Humbe constitui um erro muito grave, de nenhum lado Roçadas possuía informações do avanço dos alemães. Desde o trajeto de Calueque-Dongoena e do lado do Cuamato não havia qualquer presença alemã. Tacticamente não existia qualquer razão para abandonar o Humbe (Machado, 1956).

Não se compreende tal precipitação porque, apesar da derrota, o Cmdt possuía o Dest do Maj Salgado (regulares condições de eficiência), o Esq de Cav 9 a deslocar-se no Cunene, encontrando-se em Mulondo a cerca de 170 Km do Humbe a dia 18 de Dezembro e a 15ª Comp de Inf Indígena (menos um pelotão) nas proximidades do Otoquero (armamento e soldados em regulares condições). A 11ª Comp do Bat de Inf 14, uma Div da Bata de Art (Canet 7,5 cm), acompanhada de um Pel da 2ª Comp de Inf em marcha para o Humbe pelo itinerário do Cucolovar, na Ediva, e existiam elementos que restavam do 1º Esq de Dragões (1 Subalterno, 2 Sarg e um número avultado de cabos e soldados). Embora mais distantes, ainda tínhamos o 2º Esq de Dragões (incompleto) em marcha da Chibia para o sul e o Bat de Mar, no Lubango desde 13 de Dezembro de 1914, com ordem de marcha para o Cunene, por Pocolo-Otchinjau (Machado, 1956).

A explosão do paiol e todo o episódio em Naulila instigou à revolta indígena de todo o sul de Angola. Destruíram no Humbe todas as casas dos europeus inutilizando as construções do forte. A rebelião começou no próprio dia da retirada, saqueando carros,

³⁹ Vide Apêndice E

atacando as colunas e matando militares, ficando com todos os artigos que possuíam, material de guerra, armamento e equipamento (Moreno, 1945).

Alguns chefes negros quiseram aproveitar o possível apoio dos alemães para aumentar o seu poder na zona, pedindo-lhes apoio⁴⁰.

Após o combate em Naulila, as forças portuguesas encontravam-se diminuídas em 11 oficiais (3 mortos, 3 prisioneiros e 5 feridos) e 171 praças, na quase totalidade europeias (66 mortos, 71 feridos e 34 prisioneiros) (Roçadas, 1914) e (Telo, 2010).

Face ao abandono da parte do Sul de Angola à sublevação indígena e à derrota em Naulila, Alves Roçadas pede a sua exoneração ao Governo, sendo-lhe negada e o governo, no seu telegrama de 27 de dezembro, afirma-lhe a sua inteira confiança (Moreno, 1945).

4.2. A Ameaça Alemã

Os alemães durante 30 anos foram vizinhos de duvidosa amizade. A sua atividade de espionagem bem ordenada manifestava-se no interior de Angola (Monteiro, 1947).

Havia enorme facilidade para os alemães, dando-lhe ingresso aos produtos angolanos, permitindo as suas missões de estudo de fins reconhecidamente políticos e cedendo a qualquer pretensão sua (Varão, 1934) e (Rita, 2013).

O exército alemão era considerado um dos melhores, a sua doutrina era claramente ofensiva e os seus quadros tinham sido educados num espírito de larga iniciativa (Correia, 2013).

A organização na Damaralândia não era exceção, 18 Comp de Inf montada e 192 Met. perfaziam um total de 10.000 homens bem equipados, instruídos e disciplinados. Este exército estava bem equipado, possuíam em território colonial meios aéreos de reconhecimento, detinham 36 baterias de artilharia e as estruturas possuíam capacidade para alimentar eficazmente as operações⁴¹ (Rita, 2013).

Existia todo o interesse de anexar Angola ao território ultramarino alemão, mas a Damaralândia era vizinha da União Sul-Africana que os obrigava a dirigir a sua maior atenção para esse lado. Para alcançar Angola as suas tropas teriam que atravessar regiões

⁴⁰ Cfr. AHM - *Informações sobre indígenas e sua conduta após a retirada das Forças em 19-12-1914 (região de Humbe) – Tenente de Infantaria do E.M. Ernesto Machado*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 26 – Pasta 17, 1915.

⁴¹ Vide Anexo G

rigorosas, deslocando importantes meios de reabastecimento e tropas, para não falar da necessidade de tempo considerável para fazer mover os seus meios (Oliveira, 1994).

Os alemães tinham como objetivo natural ocupar os planaltos da Huíla e Hubambo, orientando a penetração pelas bacias dos rios Cunene e Cubango. A região de Cassinga, com minério de ferro à superfície, era um objetivo económico de excepcional importância (Oliveira, 1994).

No dia 24 de outubro já toda a Damaralândia conhecia o Incidente de Naulila. As notícias publicadas pela imprensa portuguesa, relativas aos nossos propósitos de intervenção na guerra europeia, e o fato de sermos aliados da Inglaterra levaram aquela colónia e o seu governo a verem no incidente uma quebra de neutralidade (Correia, 1943) e (Machado, 1956).

No dia 25 de outubro é ordenado o ataque aos nossos postos do Baixo Cubango, ao qual resulta o massacre do Cuangar. Uma expedição é lançada sobre Naulila, comandada pelo Maj Franck, constituída pela 2ª Comp de Inf (com 2/3 do efetivo normal), 6ª Comp de Inf, 1 seção de 2 Met, 1ª Bata de Mont com 4 peças, e meia Bata m/ 96 Weiher com 2 peças, 1 posto de transmissão sem fio, 1 ambulância e 150 auxiliares locais (Machado, 1956).

Toda a infantaria era montada, acompanhava a coluna o antigo soba do Cuamato Tchiétaquela. Os seus efetivos compreendiam 38 oficiais combatentes, 2 médicos, 3 auxiliares, 450 praças europeias e 150 indígenas (Correia, 1943).

Logo a 27 de outubro a força alemã parte de Otjiwarongo através da linha férrea, cerca de 900 Km. O que preocupava o Cmdt alemão era o trajeto que compreendia o final da linha férrea até ao Cunene, por regiões desabitadas, sem cartas e cuja atitude indígena podia ser de hostilidade. A época de seca repercutia-se na falta de água e de capim verde conduzindo à morte de algumas centenas de cabeças de gado durante a marcha (Machado, 1956).

A 2ª Comp, sobre o Cmdt do Cap Water, foi mandada seguir à frente do grosso das forças para efetuar os preparativos para o abastecimento de água, aprofundando as cacimbas já existentes e abrindo novas. A linha de abastecimentos foi formada por cerca de 2.000 bois que puxavam carros, transportando o essencial (víveres, forragens e munições) (Correia, 1943).

Enquanto o Cmdt alemão aguardava em Outjô depois de uma marcha normal, esperaram durante dois ou três dias que o Cap Water procedesse aos trabalhos de que tinha sido incumbido. As cacimbas foram aprofundadas, outras abertas de novo com aprovação

dos chefes indígenas em troca de presentes. E assim, tendo chegado a Ombika nos primeiros dias (Machado, 1956).

A força alemã depois de Okaukuejo foi um caos por falta de água e capim verde, seguindo o trilho por Okahakana, Osohongo, Reoboth e Dombondola com muitas dificuldades, e mais para o final foi contrariada pelo soba do cuambi que se opunha à sua passagem (Varão, 1934).

A 2ª Comp do Cap Water atingiu o Cunene ao princípio da tarde de 12 de dezembro. Franck, com o grosso da expedição, alcançou o Cunene no mesmo local a 16. Na manhã do dia 17 mandou reconhecer Naulila sob os diferentes aspectos ofensivos: ocupação da posição, efetivos, acessos, entre outros (Machado, 1956).

Explorando as informações que tinha recolhido, o ataque alemão iria consistir numa coluna comandada pelo Maj Water que iria atacar o flanco direito, constituída pela 2ª Comp de Inf, a meia Bata de Art e a coluna do Maj Franck que iria atacar o flanco mais desprotegido (esquerdo) com as restantes forças, para que os portugueses pensassem que seria esta a direção do ataque (Machado, 1956).

De facto, nem a natureza do terreno nem a arborização mais aberta apresentavam dificuldades para a tração animal de Art ou de quaisquer viaturas (Machado, 1956).

Apesar do ataque alemão ser composto pela convergência simultânea do ataque das duas colunas alemãs, o Cmdt alemão iniciou o ataque já que tinha soado um tiro de um militar português. Enquanto isso, o Cap Water deteve-se diante das fogueiras deixadas de propósito pelo 1º Esq de Dragões, trocou depois tiros com as forças que ocupavam os vaus Nangula, Catamcombe e finalmente foi atacado pelo 1.º Esq de Dragões (Machado, 1956).

O ataque à posição de Naulila foi desta forma lançado às 5 da manhã do dia 18 de dezembro, do qual resultou na retirada das tropas de Alves Roçadas e a revolta de todo o Sul de Angola⁴² (Rita, 2013).

As perdas alemãs foram, pelo menos, as seguintes: 12 mortos europeus (incluindo 2 oficiais) e 30 feridos (10 oficiais e 20 praças europeias). (Correia, 1943)

Aquando da posse de Naulila, os alemães por falta de condições não levaram a cabo a perseguição. Bem pelo contrário, passaram a estar sob permanente receio de um retorno ofensivo dos portugueses, a ponto de retirarem logo no dia seguinte para a Damaralândia (Lucas, 1989) e (Moreno, 1945).

⁴² Vide Anexo L

Capítulo 5

As Forças Militares Portuguesas Perante a Insurreição das Populações Nativas

5.1. A Expedição de 1915, sob o comando do General Pereira de Eça

Como consequência do confronto em Naulila foram abandonados todos os postos no sul de Angola, retirando as forças portuguesas para a região de Gambos e Huíla, e Alves Roçadas recua para alinha de Pocolo e Cahama⁴³. Ao passo que, os alemães regressaram ao seu território levando 62 prisioneiros. Aproveitando a retirada portuguesa, as tribos regionais do Cuamato, Cuanhama e Evale revoltaram-se e assumiram o controlo do Baixo Cunene, destruindo todos os postos militares (Oliveira, 1993).

São pedidos reforços à metrópole, estes atingindo um efetivo a que o Posto de TCor já não cabia comandar, foram entregues pelo Governo Metropolitano ao Gen Pereira D'Eça.

A reocupação do território perdido pela soberania portuguesa para a população indígena seria efetuada em 2 fases, a primeira com a conquista da base de operações e a segunda com a transposição do Cunene. Na 1ª fase, havia dois inimigos a ter em consideração: os alemães e o gentio revoltado em vasta área do nosso território.” (Monteiro, 1947).

As forças portuguesas no TO em Angola, aumentada pelos dois anteriores reforços metropolitanos (1 Bat da MAR e os que restaram da coluna de Roçadas), perfaziam um total de 218 oficiais e 4.936 praças, com 18 bocas-de-fogo, 28 metralhadoras pesadas, 406 carros boers, 812 cavalos, 1.247 muares, 73 camelos, 593 auxiliares indígenas e 100 condenados⁴⁴.

Contudo, as necessidades operacionais levaram à constituição de mais um destacamento que embarcou para Moçâmedes em Março de 1915, do qual faziam parte 4318 homens, 1708 solípedes e 208 viaturas, com a seguinte composição: dois Bat de Inf dos Reg de Inf nº18 e nº19; duas Comp de Inf, do Reg de Inf nº20; dois Esq de Cav nº3 do Reg de Cav nº4; cinco Bata de Art de Campanha, do Reg de Artilharia nº1, do Reg de Artilharia nº2,

⁴³ Vide Apêndice F e Anexo M

⁴⁴ Ordem do Exército nº 31 – 1ª Série, de 31 de Dezembro

do Reg de Art nº3, do Reg de Artilharia nº 7 e do Reg de Artilharia nº 8; cinco Baterias de Metralhadoras, sendo duas do 1º Grupo de Met, duas do Grupo de Met e uma do 6º Grupo de Met; faziam ainda parte deste destacamento os elementos do Serviço de Saúde do 2º Grupo de Comp de Saúde.” (Rita, 2013) e (Moreno, 1945).

Pereira de Eça tinha como intenção que os erros da campanha de 1914, não fossem repetidos. Era da sua vontade montar uma LCom bem estruturada entre Moçâmedes, o Gambos e o Humbe, e estabelecer ainda uma base de operações no Humbe. Esta base possuía os melhores requisitos para o centro de com e de apoio às operações no Sul, tendo ainda a cobertura do rio Cunene (Rita, 2013).

O Gen Pereira de Eça desembarca em Luanda, em 21 de Março de 1915, onde toma o Cmd das forças juntamente com o cargo de Governador-Geral da Colónia, algo que não tinha acontecido com o TCor Alves Roçadas, e põe em ação o seu Projeto de Operações⁴⁵. No total, o Cmdt português passa a ter um efetivo de 9.000 homens⁴⁶ (Oliveira, 1994).

Nos meses de Abril, Maio e Junho foram efetuados trabalhos de mobilização, organização de un e resolução de problemas de transportes de tropas, material de guerra e de víveres (Varão, 1934).

O serviço de etapas era o elemento fundamental de toda a LCom dispondo de um Diretor e um EM completo⁴⁷, além de grandes efetivos em pessoal combatente para garantir a sua defesa e auxiliar no manuseamento dos artigos nos locais de instalação ao longo dos itinerários⁴⁸. O número de efetivos utilizados na construção destas LCom rondou os 6.500 homens e 120 oficiais (Monteiro, 1947).

A Linha Principal de Etapas (LPE), com 350 Km de extensão, partia de Quilemba para o Lubango, progredindo por Chibia, Quihita e Gambos até ao Humbe.

O funcionamento da LE comportava a estação de depósito em Mossâmedes, onde se recebia toda a carga dos vapores e se procedia à sua divisão, distribuição e expedição para a Base de Etapas (BE). Esta, situava-se em Vila Arriaga, estação terminal do caminho-de-ferro. Uma vez descarregada a carga, procedia-se à sua remessa para a LPE (Oliveira, 1994).

Era importante que as linhas de reabastecimento fossem bem desenvolvidas, visto que tudo provinha de longe, derivado da escassez dos meios da vasta região atravessada. Além do caminho-de-ferro, cujo rendimento foi aumentado pela aquisição de material de

⁴⁵ Vide Apêndice H e Anexo

⁴⁶ Vide Apêndice G

⁴⁷ Vide Apêndice I e Anexo N

⁴⁸ Vide Apêndice J

tracção, os outros meios de transporte eram, carregadores, camelos, bois, solípedes e pela primeira vez, os carros Fiat (Monteiro, 1947).

A 17 de agosto o serviço de camiões encontrava-se dividido entre Lubango e Mossamêdes. No Lubango existiam 12 em bom funcionamento, 2 em reparações e afinações, e 1 inutilizado. Ao passo que em Mossâmedes existiam 11 em bom funcionamento, 4 em reparações e afinações e 3 inutilizados. E existiam mais 6 camiões em marcha⁴⁹.

Em Mossâmedes e no Lubango estavam instalados os depósitos e serviços que basicamente satisfaziam todas as necessidades operacionais, os hospitais e outros apoios. O posto principal da LE era na Chibia. Naquele local, muitos serviços já tinham o seu depósito avançado. Em Gambos estava a TE para o Humbe. Dispunha de depósitos avançados, serviços de saúde, de reparações, entre outros. O Gen Pereira de Eça decretou o distrito de Huíla como Zona de Guerra e aboliu a ZInt (Oliveira, 1994).

A subida e travessia da Serra de Chela, para atingir o planalto, fez-se aproveitando os melhores desfiladeiros na ocasião e utilizando carros de boers e alentejanos; por Chacuto até à Chibia e por Vila Arriaga até ao planalto do Lubango (Oliveira, 1994).

Entre Março e Outubro de 1915 foram empregues, entre o termo da linha férrea e o alto da Quilemba (8Km), uma média diária de 1.750 carregadores, com o auxílio de um camião e dois carros boers (Monteiro, 1947).

Os carregadores transportavam volumes de peso até 35 quilos, até a Quilemba. Este processo apresentava o inconveniente da dificuldade de angariamento de carregadores nos distritos de Mossâmedes e Huíla (Machado, 1956).

Os volumes de peso superior a 35 quilos, utilizando o caminho entre Vila Arriaga e Lubango, eram transportados pelos carros boers e alentejanos. Em 1915, tal passou a ser efetuado pelos automóveis quando se conclui a estrada que ligava a testa do caminho-de-ferro à estrada de Lubango e Quilemba⁵⁰.

Os cavalos e muares eram de importância vital para a condução e execução da campanha, visto que seriam estes que iriam carregar os reboques de artilharia, os carros de munições e todo o material pesado. (Oliveira, 1994)

Em 2 de Janeiro de 1915, sob proposta do chefe do serviço de engenharia, foram requisitadas na metrópole, para futuras operações, três estações fixas com o alcance de 400 Km e duas móveis de campanha com o alcance de 150 Km (Machado, 1956).

⁴⁹ Cfr. AHM - *Estado dos camiões, carga transportável, mapa do pessoal e respetivos vencimentos*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 29 – Pasta 14, 1915.

⁵⁰ Cfr. AHM - *Serviço de transportes*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 41 – Pasta 14, 1915.

Em todas as estações telegráficas que se criaram foram montadas mesas morse e, na maior parte delas, telefones⁵¹.

Foram construídas oficinas para concertar os carros boer e alentejanos, que demoravam muitas vezes imenso tempo por falta de pessoal especializado⁵².

A falha tradicional continuava a ser a deficiente preparação do pessoal mobilizado e o abastecimento de água. O ultimo era realizado por camiões vindos do Cunene, única fonte deste recurso, mas em quantidade insuficiente, especialmente para o gado. As cacimbas encontradas em vários pontos estavam quase esgotadas, sendo com dificuldade que se procedeu à sua limpeza e alargamento⁵³ (Monteiro, 1947).

5.1.1. Estabelecimento da Base de Operações no Humbe

O Gen Pereira de Eça marcou o dia de 10 de agosto para reunião das tropas na base de operações, sendo o dia 23 de Julho para o início do movimento da expedição. A primeira ação executada foi a reocupação do Humbe e da Dongoena. (Oliveira, 1994)

A 4 de julho seguem, para os objetivos fixados⁵⁴, os Dest que iriam conduzir as operações, nomeadamente o Dest de Humbe com o efectivo de 1.300 homens e o Dest da Dongoena com 130 homens⁵⁵. (Monteiro, 1947)

A 7 de julho o Dest do Humbe, acompanhado pelo Gen Pereira de Eça, e parte do seu estado-maior entram no Humbe. Esta coluna teve dificuldades de água, prevendo já a sua escassez durante toda a operação (Oliveira, 1994).

O Dest da Dongoena alcança, na madrugada do terceiro dia, o forte do Dongoena, partindo depois para o Humbe e alcançando o mesmo dois dias depois.

A situação dos indígenas que foram encontrados por ambos os Dest durante o deslocamento era muito precária, a maioria eram velhos, mulheres e crianças que tinham um aspecto esquelético, pois a seca tinha sido forte e a guerra deixara-os sem recursos. Deste modo a nossa autoridade foi aceite sem qualquer confronto. Os indígenas de faixa etária mais jovem tinham-se deslocado para Além-Cunene, com receio de ser castigados pelas pilhagens

⁵¹ Cfr. AHM- Unidades em operações no Sul de Angola, sua localização, efectivos, meios de transporte existentes e abastecimentos, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 5, 1915.

⁵² Cfr. AHM - *Serviço de transportes*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 41 – Pasta 14, 1915.

⁵³ Cfr. AHM- Unidades em operações no Sul de Angola, sua localização, efectivos, meios de transporte existentes e abastecimentos, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 5, 1915.

⁵⁴ Vide Anexo P

⁵⁵ Vide Apêndice K

e ações que tinham praticado contra a soberania portuguesa, onde se preparavam para nos resistir (Monteiro, 1947).

Reocupado o Humbe, futura base de operações, e constituído o Dest de Cassinga⁵⁶ destinado a observar o vale de Cubango, o grosso das tropas está em marcha para a zona de concentração, quando recebe a informação de que as tropas alemãs se renderam em 12 de julho às forças da União Sul-Africana, sob o comando do General Botha. (Oliveira, 1994)

Afastado o adversário alemão, restava apenas a campanha de pacificação indígena através da conquista do Cuanhama, bem como a reocupação dos territórios abandonados no combate de Naulila (Monteiro, 1947).

As operações teriam que se encontrar terminadas antes do início das chuvas em Outubro, devido à impossibilidade de se fazer movimentar grande número de efetivos, assim como os recursos para alimentar as operações (Oliveira, 1994).

A 7 de julho, cumpridas as missões, os Dest do Humbe e Dongoena foram dissolvidos e, à custa dos seus efetivos, foi montado o Comando Militar do Humbe, criando condições para instalar todos os depósitos, armazéns e oficinas para apoio das operações Além-Cunene. Estavam assim criadas condições também para organizar a partir daquela Base de Operações os Dest destinados ao cumprimento da missão, procedendo à distribuição de víveres, forragens e munições para as unidades a empenhar na campanha, e preparar o reabastecimento das colunas Além-Cunene após o início das operações, aproveitando os camiões e viaturas disponíveis.

5.1.2. O Quadrado de Môngua

Constituem-se 4 Dest⁵⁷ que iriam operar no Sul de Angola, com os nomes Cuanhama, Cuamato, Evale e Naulila, e tinham a seguinte composição: 218 oficiais, 4936 praças, 693 auxiliares indígenas, 100 condenados (operários), 18 peças de artilharia, 28 metralhadoras pesadas, 406 carros boers, 812 cavalos, 1247 muares e 73 camelos. (Oliveira, 1994)

O Dest do Cuanhama, cerca de 2.000 homens era acompanhado pelo Gen Pereira de Eça e pelo seu CEM. (Oliveira, 1994)

⁵⁶ Vide Apêndice K

⁵⁷ Idem.

Depois da coluna chegada ao Humbe, tratou-se de continuar os trabalhos na construção das linhas telegráficas Humbe-Chicuce, Humbe-Forte Roçadas e Humbe-Chimbua na extensão total de 90 Km⁵⁸.

Apesar do desenvolvimento das LCom, no caminho até ao Cuanhama, foi necessário abandonar os víveres e forragens, já que o gado que o transportava caiu morto por falta de água, capim verde e fadiga⁵⁹.

A 17 de Agosto, a caminho da embala da N'Guiva, já no limite do Cuanhama trocam-se os primeiros tiros. Os homens e os animais sofriam com a escassez de água e, depois do confronto, os trabalhos que se fizeram nas cacimbas próximas deram apenas alguns litros de água⁶⁰.

Em 18, 19 e 20 de Agosto dão-se os combates de Môngua⁶¹. Nestes os portugueses lutam numa porporção de 1 contra 20 (Monteiro, 1947).

Depois do combate do dia 18, o Cmdt reconheceu que a pacificação do sul de Angola não seria tão fácil como pensara e mandou construir trincheiras. No dia 19 marchou até Môngua onde encontrou bastante água, local onde a coluna estacionou e procedeu desde logo à preparação do terreno. Construíram-se também trincheiras para as metralhadoras e peças de artilharia, assim como também se ergueram postos de socorros. Com a construção de abrigos as baixas reduziram, mas, por falta destes para o gado, 235 dos animais pereceram⁶².

As dificuldades que se faziam sentir nas LCom eram variadas, contudo, apesar disso, o gentio corta-as desde o Dest do Cuanhama à sua base avançada.

O gentio cortou as LCom do Dest do Cuanhama à sua base avançada. A 20 de agosto o Dest do Cuamato efetuou uma marcha sobre N'Giva e restabelece a ligação.

A 31 de agosto, apresentou-se um cuanhama para parlamentar hasteando uma bandeira branca. Era portador de uma carta de um oficial da União Sul Africana, o Maj Pritchardt, mostrando o desejo de assegurar o rápido termo das hostilidades, evitando o derramamento de mais sangue (Monteiro, 1947).

⁵⁸ Cfr. AHM- Unidades em operações no Sul de Angola, sua localização, efectivos, meios de transporte existentes e abastecimentos, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 5, 1915.

⁵⁹ Cfr. AHM - *Serviço de transportes*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 41 – Pasta 14, 1915.

⁶⁰ Cfr. AHM - Unidades em operações no Sul de Angola, sua localização, efectivos, meios de transporte existentes e abastecimentos, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 5, 1915.

⁶¹ Vide Anexo O

⁶² Cfr. AHM- Unidades em operações no Sul de Angola, sua localização, efectivos, meios de transporte existentes e abastecimentos, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 5, 1915.

O General Pereira de Eça presta homenagem às intenções do oficial e esclarece que não se trata de hostilidades entre as forças portuguesas e as do chefe da nação Ovampo, mas sim de ataques em território português pelo gentio, acto considerado de rebelião e punível por qualquer estado soberano.

O Maj Pritchardt aconselhou Mandume a desistir da luta e este refugiou-se sob a proteção da Grã-Bretanha (Monteiro, 1947).

O Dest do Evale venceu os povos de Quiteve e Cafú, marchando depois sobre a embala do Evale que ocupou sem grandes incidentes. Chegou a Môngua a 27 de Agosto.

O Dest de Naulila ocupou esta região igualmente sem dificuldades, prosseguindo para o forte de Cuamato sem encontrar resistência (Oliveira, 1994).

Do combate de Môngua, entre 18 e 20 de Agosto, resultaram 34 mortos (2 oficiais, 25 praças europeus, 6 praças indígenas e um civil) e 56 feridos (10 oficiais, 37 praças europeus e 9 praças indígenas)⁶³.

Com os elementos disponíveis dos Dest do Cuamato e do Evale, com reforços recebidos do Humbe e com o que restava do Dest do Cuanhama, no final da campanha foi constituído o Dest da N'Giva que, em 4 de setembro, dá entrada na embala de N'Giva e no dia seguinte içou a bandeira no sobado e na povoação (Oliveira, 1994).

5.2. A ameaça indígena

A ocupação de Angola é sempre baseada na força, o gentio apenas reconhecia a lei do mais forte.

Existiam regiões no Sul de Angola que nunca tinham sido pacificadas, pelo que apresentariam maior desafio. Controladas estas, todos os restantes povos voltariam às suas tarefas habituais. Estamos a falar do povo do Cuanhama, da raça Ovampo, um povo que nunca tinha sido submetido à autoridade portuguesa (Monteiro, 1947).

O povo do Cuanhama era conhecido pelo seu instinto guerreiro, sanguinário e traiçoeiro. Ao abrigo da zona neutra entre o sul de Angola e a Damaralândia, e pelo fato de grande parte do seu território ser árido, gozava da liberdade necessária para efetuar saques e pilhagens contra as populações situadas entre o Cunene e o Cubango (Monteiro, 1947).

⁶³ Cfr. AHM - *Mortos e feridos nos combates de Môngua*, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 40 – Pasta 3, 1915 (Os sargentos mortos e feridos no combate, encontram-se contabilizados como praças).

O Cuanhama vivia em regime semelhante ao feudalismo. A autoridade suprema, era o soba (chefe).

O sobado – território governado pelo soba – era dividido em grandes circunscrições chamadas mucundas, sujeitas à autoridade de fidalgos (herdeiros presumíveis do soba) e lengas. Nessas circunscrições havia libatas (povoações) subordinadas a um chefe e com um número muito variável de habitantes, dispondo de cacimbas e terrenos cultivados.

A libata mais importante era a capital, isto é, a embala do soba. Na época a que nos referimos, a embala do Cuanhama era em N'Giva, sendo o soba, a que mais adiante se fará alusão, um temido chefe chamado Mandume.

Começam-se a reunir indígenas para fazer frente ao processo de pacificação do sul de Angola, tanto da zona do Cuanhama como de toda a região sublevada após o confronto em Naulila.

A reação dos chefes nativos não foi imediata. Conscientes de que a finalidade da campanha tinha passado a ser a ocupação do Cuanhama, juntaram todos os meios, orientados pelo soba do N'Giva, para obstar à progressão e mesmo procurar a destruição daquela coluna, adotando a política da terra queimada (Oliveira, 1994).

Os povos autóctones revoltados, a sul do rio Cunene por instigação alemã, exigiam bem maior esforço. Os alemães haviam-lhes fornecido armamento (espingardas Mauser e Mannlicher) e ministrado instrução, seleccionando os elementos com maior capacidade de chefia para a condução dos combates (Oliveira, 1993).

Os efectivos armados ultrapassavam 50.000 homens, tendo as nossas espingardas e as fornecidas pelos alemães bem municadas. A massa dispunha de azagaias, machadinhas, facas de mato, mocas, entre outros, estando dividida em grupos de 100 homens – unidade tática que o gentio chamava “tanga” – e agrupando-se até 6, e sendo coordenadas por chefes de guerra que iam a cavalo (Monteiro, 1947).

O inimigo gentio dispõe de uma mobilidade que desorientava os pequenos efectivos, com coesão e armamento moderno, únicos possíveis nesta luta desigual. Quando receava atos de força, estabelecia um serviço de informações tão eficiente que, em poucos dias, o soba sabia do desembarque de forças e seus movimentos em Angola (Costa, 1911).

Já nos combates de Môngua, os nativos rebeldes, ao considerarem os animais como alvos prioritários a abater, mostraram avaliar perfeitamente a importância do gado para o êxito das operações, já que a utilização de solípedes era essencial para a condução das campanhas (Oliveira, 1994).

A desproporção era tremenda, chegando a ser de 1 português para entre 10 a 20 indígenas. No dia 20 de agosto, os indígenas procuravam a decisão, contavam com a presença do próprio soba Mandume com 33 lengas, dispondo de um total de 12.000 armas finas e de uma reserva de tropas de choque armadas de azagaias, machados e moccas, e com um efectivo que se aproximaria de 35.000 guerreiros, isto é, um total de 47.000 indígenas. (Monteiro, 1947)

Capítulo 6

As Campanhas Militares Portuguesas em Angola durante a 1ª Guerra Mundial : Uma Comparação

6.1. Organização

O século XX corresponde a uma fase de transição entre os exércitos profissionais, dos reis absolutos, e a nova concepção dos exércitos nacionais, semi-permanentes. O serviço militar obrigatório, aceite por todas as nações cultas e ao qual Portugal não foi exceção, determinou o aumento dos efetivos, uma organização mais cuidada e material mais potente e sofisticado (Rita, 2013).

Durante o processo de reestruturação militar português, ainda durante a monarquia e na república, as atenções para as colónias, diminuíram já que o intuito era preparar Portugal para a defesa do seu território em caso de invasão provocando o negligenciamento do dispositivo militar em Angola.

Após a última campanha em 1907 contra os Cuamatos, em que os portugueses perfaziam um total de mais que 2200 homens, passaram para efetivos de cerca de 300 homens até 1914.

As reformas militares instauradas durante a república em Portugal em 1911 foram muitas apenas em papel dado que não foram instituídas em várias áreas, mostrando-se desde logo frágeis pela falta de preparação do pessoal, de armamento, material e equipamento, o que constituiu uma fraqueza em relação aos exércitos mais bem equipados, tal como o alemão.

Em 1914, quando foi necessário utilizar as FA para defender os territórios ultramarinos, estas não possuíam as mínimas condições para a prossecução dos objetivos nacionais. Não se encontravam bem organizadas, armadas e dotadas dos modernos meios de combate e o período de instrução que possuíam era insuficiente (Machado, 1956).

Ainda na metrópole a primeira preocupação do Cmdt, antes de projetar forças era possuir informações detalhadas sobre os possíveis efetivos a enfrentar, um Cmdt “... que

vence uma batalha, faz muitos cálculos no seu templo antes da batalha ser travada. O general que perde uma batalha faz poucos cálculos antecipadamente” (SunTzu, 2007, p. 70).

Já em Angola Alves Roçadas possuía informação, através do governador geral que se podia esperar na Damaralândia por 14.000 homens em armas, já para não falar do material, equipamento, além da boa instrução dos homens que se encontravam na colónia alemã. Os portugueses em dezembro em Angola eram pouco mais de 3.000 homens, de longe se podia dizer que em caso de invasão do território português pelos alemães, podíamos fazer face a uma discrepância tão grande.

No combate de Naulila, comparando as forças portuguesas com as alemãs, estas possuíam sobre nós uma pavorosa superioridade em tudo. Eram dois mil europeus, não contando com as reservas que eram 800, tinham 8 peças de tiro rápido, 16 metralhadoras, carros de munições e de material de guerra, todas puxadas a pelo menos duas parelhas. Os portugueses eram 700 europeus, tinham 3 peças de tiro rápido, 4 metralhadoras, puxadas no máximo por um muar, ao passo que carros de munições e material de guerra não tinham nenhum. As munições eram transportadas nos carros boer (Varão, 1934).

Os alemães que se encontravam em Naulila tinham todos a vantagem de 5 anos de instrução militar, sendo soldados solidamente instruídos, disciplinados e com experiência na guerra, estando igualmente muito bem fardados e alimentados. Por seu turno, os portugueses tinham 15 semanas de instrução, não tinham coesão nem disciplina e entravam pela primeira vez em fogo. O vestuário que possuíam era gasto, e os oficiais e praças já há um mês que sofriam as maiores privações, tendo experienciado várias vezes a fome (Varão, 1934).

Todos os soldados alemães eram montados, até os de Inf, estando os cavalos e mulas dos alemães bem tratados, alimentados e fortes. Em relação aos portugueses, 1/3 da Cav encontrava-se apeada e os nossos solípedes estavam quase todos incapazes de prestar serviço por fraqueza, devido à falta de ração, e prestes a morrer à fome (Varão, 1934).

Na campanha de 1915 sob o Cmd do Gen Pereira de Eça a atitude era muito positiva, não se esperava uma resistência indígena tão forte. Não se tinha tido em consideração que os indígenas iriam receber auxílio dos alemães. Era obvio já que a terra cuanhama se estendia para Sul, através da zona neutra, até à Damaralândia.

O que faltava aos indígenas em questão de armamento e equipamento, era recompensado pela sua superioridade tremenda. Nos combates de Môngua a relação de efetivos chegou a ser 50.000 indígenas para 2750 homens pertencentes ao Dest do Cuanhama.

Pode-se de longe identificar que a vitória portuguesa em 1915 o que se deve à superioridade técnica do material e uma superioridade profissional do pessoal que compensou a inferioridade dos efetivos (Pélissier, 1986).

Do que podemos observar os efetivos portugueses evoluíram durante as duas campanhas. Em 1914 atingiam um pouco mais de 3000 homens e face à ameaça efetiva dos alemães e à sublevação do povo indígena, os aumentos dos efetivos em 1915 chegavam a 9000 homens.

Analisando de uma forma mais particular as duas campanhas, as unidades de Met são as que sofrem um maior aumento, na ordem dos 1000%, em seguida da Art com 400%, a Inf com 267% e por fim a Cav com 200%. Consegue-se identificar aqui, a importância dada ao poder de fogo, das Met e da Art, em detrimento das guerras travadas com massa de infantaria.

Seria uma previsão daquela que seria a transformação do modo de fazer a guerra. A guerra de movimento⁶⁴ iria dar lugar à guerra de posições⁶⁵, onde a posse de terreno e o poder de fogo constituía-se como a maior preocupação.

O incremento de poder de fogo, por ação das armas de tiro rápido especialmente a metralhadora, pelo aperfeiçoamento da artilharia e da precisão dos seus fogos ia atribuir uma maior preocupação à ocupação e preparação do terreno. A organização das forças na 2ª campanha em Angola antecipou a tendência dos exércitos de constituir unidades só de metralhadoras, em apoio de grandes unidades de combate (Beça, 1922) e (Afonso, 2008).

6.2. Logística

A logística desde sempre teve uma importância essencial para qualquer campanha, já que “... um exército sem o seu trem de bagagens está perdido; sem mantimentos está perdido; sem bases de abastecimento está perdido” (Sun Tzu, 2007, p. 113). O início do século XX, originou enormes inovações um pouco em todas as áreas que acresciam as necessidades logísticas.

⁶⁴ “...guerras travadas e resolvidas com massa de Infantaria a descoberto, preferencialmente apoiadas pela Artilharia...” (Oliveira, 1993, p. 240);

⁶⁵ “A adopção de uma linha contínua de trincheiras e obstáculos ... da superioridade do fogo sobre o movimento. Tratou-se, na verdade, de separar o terreno ocupado pelas duas partes por uma autêntica fronteira da guerra.” (Afonso, 2013, p. 159);

A imposição da lei de recrutamento obrigatório veio aumentar os efetivos nas campanhas, o canal de víveres, água, material e equipamento teria que ser mais eficaz. Claro que com mais homens era necessário mais animais para os transportarem.

O aumento de cadência e de precisão do armamento acresceu uma importância fulcral para que fosse construído um bom sistema de reabastecimento de munições.

Portugal estava impossibilitado de fazer face aos progressos tecnológicos que ocorriam desde meados do século XIX, quer por falta de conhecimentos técnicos, quer por escassez de matérias-primas. Sendo assim as indústrias militares portuguesas encaminhavam o seu esforço para o fabrico de equipamentos e armamento ligeiro, ficando dependentes da importação de equipamento pesado para guarnecer o exército. As fábricas nacionais não produziam armamento e munições suficientes e apropriadas, e a importação de artigos ingleses, como maquinaria, armamento, munições e matéria-prima eram difíceis, dadas as necessidades urgentes da campanha inglesa na guerra. A insuficiência de cavalos e mulas era flagrante, pondo em causa a eficácia dos transportes hipomóveis e a presença da cavalaria (Rita, 2013).

Os esforços para acompanhar estas evoluções em termos de armamento, eram muitas vezes insuficientes, já que a falta de condições económicas para o adquirir e a sua rápida evolução tornavam rapidamente certos armamentos e equipamentos obsoletos que precisavam de contínuas substituições por melhores.

Com a dificuldade de alimentação, do número crescente de efetivos em combate e destes novos sistemas não podemos deixar de observar que em 1914 ao iniciar as CMP em Angola o Cmdt Alves Roçadas não teve em conta esta nova realidade, o plano logístico da campanha do cuamato em 1907, serviu de modelo para a campanha em Angola em 1914 (Machado, 1956).

A falta de preparação para a projeção das forças, e a antevisão de certos trabalhos impossibilitou o avanço de forças no campo de batalha, inviabilizando a persença em Naulila na altura do combate do Esq de Cav 9, o Bat da Marinha, o Bat de Inf 14 e a Bata de Mont podendo ter conduzido a outro resultado (Correia, 1943).

A falta de depósitos avançados com víveres, forragens e munições, foi determinante no desfecho desta operação. A Linha de Etapas ainda nao se achava organizada e abastecida em conformidade com as ordens e instruções dadas por Alves Roçadas (Rita, 2013).

Nenhum serviço funcionou com regularidade. Daí o recurso a soluções parcelares, ditadas pelas necessidades imediatas. Se houvesse, já organizada e abastecida, uma linha de etapas tudo teria corrido de maneira conveniente. Apesar disso no desembarque em

Mossâmedes, e nas operações posteriores há que louvar apesar da má preparação o facto do pessoal dos serviços não ter descansado para compensar a má preparação (Machado, 1956).

A precipitação dos acontecimentos criados pelo Incidente de Naulila fez com que não houvesse tempo para montar um bom sistema de Com, afetando os reabastecimentos e reforços que deveriam chegar à frente de combate. Alves Roçadas lastimou a precipitação prejudicial de fazer avançar forças. O canal logístico não se encontrava preparado para suportar tamanha carga, mas o Cmdt realizou simultaneamente as marchas de concentração e a mobilização da LE (Monteiro, 1947).

O serviço de transportes que dependia quase maioritariamente do carro boer, vê reduzida as suas possibilidades, já que o seu número tinha sido reduzido desde a última campanha de 1907, para fazer face apenas ao serviço a particulares, que devido à crise comercial eram cada vez menores (Roçadas, 1919).

O diretor do Serviço de Etapas, o Cap de Art Alfredo Augusto Junior, no seu relatório de 30 de janeiro de 1915, expõe bem os fatores logísticos que deviam ter sido avaliados para a condução das operações: a grandeza do efectivo a abastecer e a falta de meios de transporte, a natureza do meio de transporte mais usado, o carro boer, era bastante moroso e não tinha capacidade para fazer face à urgência dos abastecimentos pois quase tudo tinha de acompanhar as forças⁶⁶; a extensão da LE e tempo de ida e regresso dos carros boers, a época do ano decorrendo extraordinariamente seca, embora por exceção, e necessidade de pastos e água para o gado, a natureza dos caminhos e estradas encontravam-se preparadas para os carros boers, mas impossíveis para outro qualquer meio de transporte; tudo isto ter de se fazer e resolver, acompanhando todavia a vida das forças na sua marcha de avanço (Machado, 1956).

As dificuldades foram sentidas em todas as áreas, como na falta de fardamento, subsistências, forragens, munições e tantos outros meios. Na 1ª expedição alguns artigos não tinham sido embarcados em Lisboa, e outros ficaram retidos em Moçamedes, apodrecendo, deteriorando-se ou tornando-se inúteis.

É de reconhecer que o referido serviço de reabastecimento de víveres, com enorme esforço, fez o mais que lhe era possível. Pode afirmar-se que as marchas de concentração

⁶⁶ “Tu não fazes ideia do que seja um carro boer. É o sintoma mais certo da decadência de uma região o ter como único sistema de transporte o maldito carro boer. Agora calcula o que será essa bisarma imensa, puxada a vinte e três bois...” (Varão, 1934, pp. 71 e 72).

até ao Humbe decorreram com uma certa regularidade. As verdadeiras deficiências chegaram na retirada, mas devidas à pressão dos acontecimentos (Machado, 1956).

Na posição de Naulila não foi montado o funcionamento dos Serviços com vista ao combate. Os seus meios foram perdidos, por incúria.

Os Portugueses tiveram desde 1 de outubro (78 dias) quando desembarcaram em Mossâmedes até 18 de Dezembro para executar uma defensiva em Naulila, enquanto os Alemães partem da Damaralândia em 25 de outubro (54 dias). Os Alemães atuavam num território que não se encontrava sobre a sua soberania, mas a boa preparação de estruturas e do seu exército possibilitou a vitória em Naulila.

Uma das claras mudanças iniciadas no comando de Alves Roçadas e depois continuadas com Pereira de Eça é o melhoramento das LCom. Tanto que a constituição de uma Lcom que garantisse o êxito das operações subsequentes, demorou 3 meses e meio, de abril a agosto de 1915 (Monteiro, 1947).

Foi um erro não ter sido confiado ao TCor Roçadas, com o comando da expedição, o governo dos distritos de Mossâmedes e Huíla ou, pelo menos, o da Huíla. Foi reconhecido em breve, pois em 18 de Outubro, Pereira de Eça assumia o governo da Huíla, tinha a vantagem de ser cumulativamente Cmdt das forças e Governador-Geral, podendo dispor de todos os meios militares e civis disponíveis (Oliveira, 1994).

É indispensável a centralização, na mesma autoridade, das funções de Cmd e governo, só assim quem comanda goza da liberdade de ação necessária e tem possibilidade de utilizar os diversos recursos conforme as exigências das operações (Correia, 2013).

Existe uma preocupação em apostar num dos grandes movimentos reformadoras na 1ª Guerra Mundial, a tração mecânica para os transportes de material, de munições, de pessoal e de subsistências. O automobilismo é uma das claras soluções⁶⁷ e nesse intuito são adquiridas viaturas tipo fiat (Beça, 1922).

De nenhuma utilidade foi este moderno meio do transporte nas operações de 1914, em visto as estradas não estarem preparadas. No entanto já se tinha efetuado a abertura de artérias para o trânsito automóvel (Machado, 1956).

A evacuação dos doentes, o seu tratamento nos hospitais, o seu repatriamento, trazem aos comboios o conseqüente o considerável acréscimo do pessoal e material sanitário. As

⁶⁷ “... como demonstra os variadíssimos estudos do general francês Langlois que demonstrou que em lugar duma coluna de 2400 viaturas puxadas a solípedes ocupando na estrada de marcha a extensão de 30 quilómetros com uma duração de escoamento de 8 horas, uma simples secção de viaturas automóveis produzindo o mesmo trabalho teria uma extensão de 5 quilómetros apenas, fazendo-se o seu escoamento em menos de meia hora!” (Beça, 1922, pág.49).

tropas europeias são sensíveis às doenças causadas pelo clima, tanto que na campanha de 1914 os portugueses chegam a combater com oficiais e homens completamente arrasados por doenças, a passo que em 1915 devido às melhores condições do pessoal e estruturas sanitárias o número de doentes não é tao elevado (Machado, 1956).

Podia ter sido também utilizado em grande parte as locomotivas para fazer chegar à frente as tropas mas é realizado em percentagem diminuta. Já na segunda campanha a utilização deste meio é muito maior e promovendo a obtenção de mais locomotivas.

A falta de água representa um grave problema para ambas as campanhas afetando os alemães quando atravessaram o território. As baixas são grandes principalmente nos animais utilizados nas LCom deteriorando as mesmas. Produz interrupções e inpedimentos na deslocação de tropas. A sede foi grande causa de perdas de vidas de cavalos e muares. Os homens também sofreram com a sua falta (Monteiro, 1947).

Os indígenas não tinham muito armamento, mas possuíam o conhecimento da zona, a habituação às condições meteorológicas, sendo mais fácil para estes sobreviverem, onde os portugueses tinham graves dificuldades.

Apesar dos melhoramentos a nível Logístico, em Mossâmedes e Lubango hávia géneros que se estragavam por estarem mal guardados. Dispunham de algumas dezenas de camiões, de muitos carros alentejanos, mas no entanto às tropas do interior tudo faltava, resultando no enfraquecimento por má alimentação e nenhuma comodidade. Muitos não tinham recursos médicos nem medicamentos, arruinando a saúde (Varão, 1934).

Através desta análise pode-se identificar que em Angola, as estruturas não se encontravam preparadas para suportar a magnitude das campanhas de 1914 e 1915, a preocupação pela estrutura política no desenvolvimento das mesmas traduz uma falta de previsão do ambiente que já há muitos anos se vinha a advinhar.

6.3. Operações

A situação em Portugal era instável, não existiam condições de acordo dos partidos políticos para planear e executar objetivos nacionais concretos, em especial para as colónias ultramarinas. Fruto disso é o ambiente em Angola que balanceava numa ambiguidade de paz e revolta do gentio e que fazia com que mais dinheiro fosse mal gasto sem exercer controlo absoluto (Correia, 1943).

Segundo Norton de Matos, não “...temos sabido ocupar e dominar em Angola: as nossas campanhas têm se limitado aqui a organização de colunas que infligem ao gentio revoltado, ou que se quer ocupar, castigo mais ou menos severo, e que terminada a sua missão militar, ganhos alguns combates, feitos alguns prisioneiros, mortos ou fusilados alguns indígenas, retiram e se dissolvem, deixando aqui e além um pequeno forte mal artilhado ... que o gentio em breve considera como inofensivo” (Pélissier, 1986, p.36).

Reconhece-se uma muita falta de preparação, planeamento por parte do governo português, de tal forma que os problemas são revolidos na base da improvisação. Segundo Ferreira Martins “...desde a mobilização à efectivação das operações militares coloniais, só uma palavra se repete constantemente: improvisação. Improvisação no recrutamento e na instrução, improvisação na execução das operações. É, contudo, inegável o esforço colocado pelas autoridades portuguesas e pelos próprios militares para se ultrapassarem tais condicionalismos...” (Afonso, 2008, pág.35).

Mas as culpas pelos resultados das CMP em Angola durante a 1ª GM não se podem apontar apenas à crise política portuguesa. Muito se deve na 1ª campanha de 1914 a erros praticados pelo Cmdt, o TCor Alves Roçadas. Após a precipitação dos acontecimentos, devido ao Incidente de Naulila em muito se estranha a relutância do Cmdt na utilização do povo cuambi, já que o sistema de vigilância estava todo entregue aos cuamatos. Os cuambis já tinha dado provas da sua confiança e se os tivesse utilizado podia até se ter tornado insustentável a campanha alemã (Machado, 1956).

Reconhece-se que a ocupação de Naulila foi um erro sob o ponto de vista militar, a organização defensiva⁶⁸ não poderia reunir condições aceitáveis para se optar por essa opção, já que, o poder defensivo das condições naturais do terreno circundante de Naulila era fraco. Assim, podia-se ter compensado através de uma boa disposição de tropas e uma boa preparação da posição, mas ambos falharam (Correia, 1943).

Existem “... posições que não devem ser disputadas...” (Sun Tzu, 2007, p. 123) e o Cmdt das FO, o CEM e o Cmdt do Dest de Naulila, julgaram sem dúvidas que Naulila não ajudava o defensor mas sim o atacante, não se percebendo como se ocupa e defende uma posição com uma linha simples de pelotões dispostos uns ao lado dos outros e

⁶⁸ A defensiva era utilizada para reunir condições para a ofensiva, comportavam um alargado estudo do terreno, os ataques possíveis do inimigo, os contra-ataques imediatos, contra-ataques de conjunto ou contra-ofensivas, comportando preparação de artilharia ou acompanhamento de carros de assalto, indicando quais destas acções deverão ser estudadas e preparadas antecipadamente, em nada se podia observar na preparação e condução do combate de Naulila. (Beça, 1922)

intervalados numa frente aproximada de 3 Km, sem devida organização do terreno. Não é compreensível como se nomeia uma reserva colocando-a na linha da frente, do lado direito do qual não se esperava confronto, sendo este o lado que os alemães decidiram atacar (Machado, 1956).

Questionamo-nos se o Cmdt não devia ter optado por limitar a defesa ao planalto, considerando a hipótese de recuar para o Forte Roçadas o que daria a necessária liberdade de ação às nossas tropas e tempo para outras chegarem à frente de combate.

O comportamento português significou uma grande falta de iniciativa, para além de todo o à vontade que os alemães tinham para descansar e reorganizar para o ataque, as forças portuguesas, pouco fazem para impedir os avanços alemães. Claro que temos que nos recordar que a ação militar portuguesa estava limitada pelo governo português que não queria que os alemães fossem atacados. Há muito pela afronta às fronteiras portuguesas e o massacre do Posto do Cuangar ultrapassaram todas as barreiras da diplomacia (Monteiro, 1947).

Não podemos deixar passar também a passividade do Dest. de Calueque por não ter marchado sobre Naulila quando soube que aí se combatia. A inação não se tinha apenas contido em Naulila, e mesmo as unidades que podiam ter socorrido Naulila não o fizeram. A demora em dar e transmitir as ordens de 17 de Dezembro para atuação do Dest do Calueque foi um dos factores de insucesso em Naulila (Correia, 1943) e (Machado 1956).

Na posição de Naulila a falta de comunicações, entre os escalões de comando e as subunidades esteve presente, a com entre os dois devia ter sido procurada e isso não aconteceu, não se observando assim convergência de esforços.

Em relação aos alemães, estudaram a região e conheciam-na. Tinham consigo o antigo soba do Cuamato, que levam à retirada dos indígenas do cuamato e deixando a posição de Naulila sem qualquer aviso prévio de deslocação de forças na zona, mostrando os alemães conhecerem muito bem as questões indígenas. Sendo os alemães mestres na arte da guerra, era lógico pensar que não iriam atacar a posição sem previamente a reconhecerem. “Toda a guerra é baseada no engano...Ataca-o onde ele não esta preparado, aparece onde não és esperado” (SunTzu, 2007, pp. 69 a 70) e (Correia, 1943).

Franck soube muito bem usar o elemento da surpresa chegou com o seu grosso em 16, reconheceu na manhã de 17 e neste mesmo dia marchou para o combate (Machado, 1956).

Após os confrontos na posição de Naulila, e com a derrota do lado português, é dada a ordem de retirar de Naulila, sendo esta é feita de uma maneira completamente desordenada.

Podemos dizer então que até então não tinha sido previsto e refletido sobre a possibilidade de retirada das tropas em Naulila, criando as condições para estas serem rapidamente evacuadas, tal como, todo o material que essa acção comportava (Correia, 1943).

O bom Cmdt tem que “... acautelar a possibilidade de serem derrotados, e depois esperavam uma oportunidade para derrotarem o inimigo” (Sun Tzu, 2007, p. 85). Se tal tarefa tivesse sido prevista e a retirada sido executada de uma maneira mais organizada, o Sul de Angola não se tivesse revoltado, e a tarefa portuguesa não fosse aí dificultada (Correia, 1942).

Na campanha de 1915, em muito contribui o maior sucesso pela enorme energia dispendida ao canal da logística que levou 3 meses a preparar.

Enquanto os portugueses em 1914, tiveram que enfrentar os alemães e indígenas simultaneamente, em 1915 a ameaça passou a ser apenas os indígenas.

No combate de Môngua o Cmdt em muito pouco considerava os indígenas capazes de os enfrentar de forma igual, o que não aconteceu.

Os alemães ministraram instrução, seleccionando os elementos de maior capacidade de chefia. Mostravam avaliar perfeitamente a importância dos animais para o êxito das operações, abatendo-os.

Em muito ajudou para a pacificação do gentio, da mortandade em consequência da fome, pois não tendo havido chuvas, as pequenas sementeiras de cereais que foram feitas, pouco produziram, causando falta de alimentação a milhares de vítimas, desaparecendo assim a principal riqueza do território da margem esquerda do rio Cunene: os braços e o gado. Os pretos morreram e as vacas e as cabras que não foram mortas para sustento, levou-as o soba Manduma para o território fronteiro (Varão, 1934).

Conseguem-se identificar diferenças entre as duas campanhas, na 1ª campanha, as operações militares mantiveram um carácter muito mais defensivo, embora numa grande falta de preparação das posições defensivas, semeado de muita falta de iniciativa e apoio mútuo entre as forças. Já na 2ª campanha as operações possuem um carácter mais ofensivo, sendo utilizado neste caso por superioridade de efetivos indígenas, a formação do quadrado, não deixando de utilizar a preparação do terreno, para aumentar o poder defensivo da formação.

Capítulo 7

Conclusões e Recomendações

7.1. Introdução

No final desta investigação iremos responder às questões formuladas no início do projeto e refinadas durante a elaboração do trabalho. Para darmos uma resposta à questão central deste trabalho importa primeiro responder às questões derivadas apresentando os resultados obtidos para cada uma das categorias já enunciadas.

No final serão apresentadas, limitações à investigação, propostas e investigações futuras.

7.2. Resposta às Questões Derivadas

A QD1 – “Qual foi a tipologia de forças militares empregues no teatro de operações em Angola em 1914 e 1915?”, concluimos que em muito se descurava a organização das unidades presentes em Angola. Antes da 1.ª Guerra Mundial Portugal encontrava-se mais preocupado com a defesa da sua metrópole.

Ao iniciar a 1ª Guerra Mundial, a necessidade de defender os territórios ultramarinos, caso a guerra se estende-se da Europa para o continente africano conduziu ao fortalecimento dos dispositivos militares em Angola.

Sendo necessário novamente que fossem aumentados os efetivos em 1915, já que a situação na colónia tinha escalonado. As forças passaram para o triplo em comparação a 1914. Assim podemos dizer que a **H 1: A organização das forças militares das expedições de 1914 e 1915, estão adaptadas às suas missões**, não é concordante visto muitas alterações tiveram que ser efetuadas na organização das forças militares.

Analisando de uma forma mais particular as forças militares de ambas as campanhas, consegue-se identificar que a composição das forças era maioritariamente composta de unidades de infantaria, existindo uma tendência para dar uma maior importância às unidades de metralhadoras e artilharia.

Para respondermos à QD2 - “Qual foi a tipologia de operações e as suas principais condicionantes na campanha de 1914?”, inferimos que em muito contribuiu para os resultados de operação militar portuguesa em 1914 todo um conjunto de erros maioritariamente de ordem tática e logística. A começar pelo planeamento logístico para a campanha que não tinha em consideração a nova realidade no modo de estar e fazer a guerra

As forças encontravam-se mal preparadas para o combate no exterior do território nacional e faltava-lhe todo um conjunto de equipamento e armamento para que fosse possível enfrentar os exércitos mais bem atualizados.

Na preparação das forças na metrópole em muito se descurou a sua preparação no âmbito da instrução para o teatro de operações.

Antes da chegada da força em Angola muitos trabalhos deviam ter sido antecipados para que a deslocação de forças no campo da batalha não sofresse atrasos. Isto provocou a ausência no combate de Naulila do Esquadrão de Cavalaria, do Batalhão da Marinha, do Batalhão de Infantaria 14 e da Bateria de Montanha.

O cálculo dos aprovisionamentos feito na metrópole foram mal efetuados, já que em Angola haviam demasiadas carências e tudo tinha que vir do exterior.

Além da falta de preparação dos canais logísticos para as operações devido à precipitação do incidente de Naulila, muito contribuiu a falta de reabastecimentos já que a Linha de Etapas ainda não se encontrava organizada e abastecida em conformidade com as instruções dadas.

Salientamos que muitos problemas logísticos advieram da realização simultânea das marchas de concentração e a mobilização da linha de etapas. Além disso o carro boer, pela sua reduzida velocidade não tinha capacidade para fazer face à urgência dos abastecimentos, pois quase tudo tinha de acompanhar as unidades. O transporte dos reabastecimentos tinham de ser levados desde Mossâmedes até à frente de combate, este transporte era dificultado pelo grande acidente de terreno que era a Serra de Chela.

Por falta de material e tempo, poucos trabalhos foram efetuados nas estradas. O equipamento ferroviário apresentava-se muito debilitado, precisava de ser renovado e todos os outros meios utilizados para transporte de aprovisionamentos não existiam em quantidades suficientes.

Passando para as operações propriamente ditas reconhece-se que a posição de Naulila não possuía condições a nível de capacidade defensiva, ela favorecia mesmo os atacantes, e o Comandante das Forças em Operação, o Comandante do Destacamento de Naulila, o

Chefe e o Sub-Chefe do Estado-maior reconheciam o “atentado tático” da ocupação desta posição.

Tomando então uma posição em Naulila, não podíamos deixar de compensar a fraca capacidade defensiva com uma boa organização do terreno, mas a falta de material para a preparação do terreno, impossibilitaram este trabalho.

Outro fator que dificultou as operações foi o facto da época do ano que ocorria a campanha tinha sido de extrema seca, o que fez com que a o gado morresse deteriorando por completo a já pouca preparação dos canais logísticos.

O inimigo a enfrentar seria em primeiro lugar os povos indígenas do Sul de Angola e pensara-se que numa fraca possibilidade poderia-se lutar contra os alemães. Nada diferente da realidade já que teríamos que enfrentar ambos simultaneamente.

Depois da derrota em Naulila, a retirada do Humbe constitui um erro muito grave, de nenhum lado Roçadas possuía informações do avanço dos alemães e tal ação levou à sublevação de todo o Sul de Angola

A QD3 - “Qual foi a tipologia de operações e as suas principais condicinantes na campanha de 1915?”, concluímos que os resultados da campanha de 1914 em muito contribuíram com as lições a tomar em conta na 2ª expedição em 1915. A enorme preocupação pelo canal logístico foi a maior delas, levando a sua preparação durante cerca de 3 meses. Assim confirmamos a **H 4: Relativamente à logística nas campanhas de 1914 e 1915, é distinta**; já que a precipitação das operações em 1914 não deixou que fosse efetuado qualquer trabalho para melhorar os canais logísticos.

Muitos trabalhos foram efetuados na rede estradal, para suportar a deslocação de meios. O rendimento do canal logístico foi aumentado pela aquisição de material de tracção e de outros meios de transporte. Um importante fator a ter em consideração foi o grande desenvolvimento do sistema de comunicações.

O inimigo que iríamos enfrentar não seriam apenas os indígenas e possivelmente os alemães tal como na Campanha de 1914. Ambos eram confirmados como inimigos a enfrentar em 1915. Podemos confirmar a **H 2: Relativamente à ameaça, a tipologia de operações das campanha de 1914 e 1915, é distinta**, como verdadeira.

A necessidade da reocupação do território perdido para os indígenas no sul de Angola levou a que as operações de 1915 assumissem um caratér muito mais ofensivo. A vontade não era apenas defender o território, contra os alemães, mas sim reocupar todo o território perdido para os indígenas e finalmente pacificar o território do Cuanhama. Podemos

confirmar a **H 3: A área de operações utilizada nas campanhas de 1914 e 1915, é diferenciada**; em parte verdadeira já que até à região do Humbe a zona utilizada para as operações era a mesma.

Em pouco se teve em conta a resistência indígena, que tinham recebido apoio dos alemães.

O sucesso da campanha de 1915 muito se deve à derrota dos alemães para as forças da União Sul-Africana e os indígenas agora a única ameaça a enfrentar muito tinham sofrido com a estiagem que tinha os deixado sem recursos.

Os portugueses derrotaram os combates da campanha de 1915, não por superioridade tática, mas por estarem melhor armadas e com meios de combate mais modernos, vencendo a discrepância que existia.

Para responder à **QD4 - “Quais foram as adaptações efetuadas tendo em conta as condicionantes operacionais presentes nas campanhas no sul de Angola durante a 1ª Guerra Mundial?”**, podemos depreender através desta questão que em pouco se teve em conta o desenvolvimento das estruturas e canais utilizados para a alimentação das operações que tiveram que ser fortemente ampliadas para alimentar as magnitude de meios presentes nas operações.

O governo português viu-se obrigado a mudar a sua visão de um exército de defesa para um exército que tivesse possibilidades para atuar no exterior, uma alteração que veio tardia.

O processo de pacificação que se pensava estar prestes a terminar, vê com os erros tomados em 1914, nova realidade. Os portugueses de mãos cheias com os alemães teriam agora que enfrentar também os indígenas. Isto levou a uma maior necessidade de meios em todos os âmbitos e esforços para que se levasse a cabo a missão de pacificar Angola na totalidade e se confirmasse que a soberania era de Portugal.

Através da **QD5 - “Quais as principais modificações efetuadas ao nível da organização das forças militares para as campanhas de pacificação no sul de Angola?”**, podemos concluir que além do incremento de efetivos ao longo das campanhas podemos identificar no exército português a convergência dos exércitos no modo de fazer a guerra, onde a posse de terreno e o poder de fogo constituía-se como a maior preocupação.

A organização das forças na 2ª campanha em Angola antecipou a tendência dos exércitos de constituir unidades só de metralhadoras e artilharia, em apoio de grandes unidades de combate.

7.3. Resposta à Questão Central

Assim, reunimos as condições necessárias para responder à QC - **“Quais foram e como evoluíram, a tipologia das unidades e das operações realizadas pelas forças portuguesas em Angola, durante a 1ª Guerra Mundial (1914-1915)?”**”, concluimos com este trabalho que a tendência do exército português era constituir na ordem de batalha de um maior número de unidades de metralhadoras e artilharia para apoiar a infantaria. Existe uma maior preocupação para a defesa em combate na preparação de posições para fazer face ao incremento de fogo dos exércitos.

Os piores resultados nas campanhas militares portuguesas muito se deveu a uma falta de coerência das operações militares, que muito se repercutia pela crise política. A decadência da monarquia e da república eram rodeadas de lutas ideológicas e violência, e quando Governo central devia prestar atenção á situação criada pela 1.ª GM não o fez para a província de Angola, sendo os acontecimentos sempre tardios e forçados.

O prolongamento do processo de pacificação provocou a perda de todas as riquezas do distrito de Huíla, que podiam ter funcionado como recuperação económica da colónia.

As reformas no Exército em 1911 não foram implementadas em bastantes áreas, mostrando-se desde logo frágeis, pela falta de preparação do pessoal, falta de armamento, material e equipamento que constituía uma fraqueza em relação aos exércitos mais bem equipados.

Era imprescindível uma estrutura militar coesa, bem organizada e com os recursos suficientes para acompanhar a mudança no modo de fazer a guerra, a situação real era tudo menos isso, a estrutura militar era alienada por grupos radicais, e falta de meios era uma constante.

As alterações que se efetuavam nas estruturas militares já desde a monarquia e continuada pela república em muito se mostraram insuficientes e mostravam um exército, mal preparado, equipado e com fracas possibilidades de enfrentar um exército europeu como o alemão em Naulila.

Em 1914 e 1915, muito acrescentou dificuldades a preparação do pessoal e a produção de trabalhos para a projeção de forças. Não existiu um período de aprontamento e instrução das forças antes do envio destas para o Teatro de Operações.

Entendemos que a falta de condições para operações maiores era algo permanente nas campanhas anteriores, aliado à falta de tudo que tinha que vir da metrópole que era dado fraca importância pela estrutura política.

Na campanha de 1914, apesar dos esforços do canal logístico o incidente de Naulila vem precipitar tudo e fazer com que a preparação da linha de etapas fosse posta de lado o que adveio problemas de falta de todo o tipo de meios, além da enorme dispersão das forças.

Da ocupação da posição de Naulila é um erro e o próprio Comandante o reconhece. Perguntamo-nos se o Cmdt não devia invés de ir ao encontro do adversário, ter optado por limitar a defesa ao planalto, considerando a hipótese de recuar para o Forte Roçadas o que daria a necessária liberdade de ação às nossas tropas e o tempo para outras chegar à frente de combate.

O abandono do Humbe foi um erro tremendo, que resultou da sublevação de todo o sul de Angola.

Na campanha de 1915 ao enfrentar a resistência africana resulta em maior sucesso já que se podia sempre contar com uma superioridade técnica do material e uma superioridade profissional do pessoal que compensavam a inferioridade dos efetivos.

Em ambas as campanhas falhou a organização de unidades com o efetivo suficiente para a prossecução dos objetivos, ambos os Comandantes encaravam-os como executados sucessivamente e não simultaneamente.

7.4. Limitações à Investigação

Relativamente às dificuldades encontradas durante a realização do Trabalho de Investigação Aplicado, estas resultaram de não existirem, fontes documentais de qualquer tipo que abordem em concreto o comportamento, táticas e logística indígena em Angola no antecedente e dentro da 1ª Guerra Mundial. Não conseguimos encontrar também bibliografia que efetuasse, de alguma maneira, a comparação da organização das unidades, logística e tipologia de operações inseridas nas campanhas coloniais.

Relativamente à NEP 520/DE que se destina a trabalhos no âmbito das ciências sociais e humanas e não da história, na qual esta investigação se insere, gera confusão em alguns parâmetros.

7.5. Propostas e Recomendações

Para uma futura investigação, propomos que se saliente se as diferenças do armamento entre os alemães, contribuíram para o sucesso dos mesmos no combate de “Naulila”.

E por fim realizar um estudo mais detalhado sobre as consequências das reformas militares em Portugal em 1911 de modo a contribuir para modificações na tipologia de operações até 1915.

Bibliografia

Arquivo Histórico Militar

Combate de Naulila (18-12-1914) - Capitão José Mendes dos Reis, na qualidade de Comandante do Destacamento de Naulila e na de Comandante da 2.ª Bateria do 1.º Grupo de Metralhadoras, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 21 – Pasta 12.

Descrição dos trabalhos efectuados pelo Serviço de Engenharia antes e durante as operações no Sul de Angola - Capitão Ruy Fragoso Ribeiro, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 9.

Estado dos camiões, carga transportável, mapa do pessoal e respetivos vencimentos, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 29 – Pasta 14.

Informações sobre indígenas e sua conduta após a retirada das Forças em 19-12-1914 (região de Humbe) – Tenente de Infantaria do E.M. Ernesto Machado, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 26 – Pasta 17.

Itinerário seguido pelos alemães para atacarem Naulila, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 42 – Pasta 49.

Mortos e feridos nos combates de Môngua, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 40 – Pasta 3.

O Governador Geral de Angola Norton de Matos informa o Comandante das Forças Expedicionárias, Alves Roçadas, sobre os efetivos militares dos alemães na Damara, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 4.

Pessoal que fez parte do Destacamento de Naulila, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 40 – Pasta 1.

Região de Naulila ; Disposição das Forças no combate de Naulila, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 42 – Pasta 4.

Retirada de Naulila, após o combate de 18 de Dezembro de 1914 - Tenente Ernesto Machado, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 21 – Pasta 14.

Revista Colonial N.º24 (25 de Dezembro de 1914). South Africa N.º1637, Lisboa, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 20 – Pasta 18.

Serviço de transportes, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 41 – Pasta 14.

Unidades em operações no Sul de Angola, sua localização, efectivos, meios de transporte existentes e abastecimentos, 2ª Div. 2ª Sec. Caixa 25 – Pasta 5.

Livros:

Aniceto, Afonso (2008). *Grande Guerra Angola, Moçambique e Flandres*. Lisboa: Diário de Notícias.

Aniceto, A. & Gomes, C. (2013). *Portugal e a Grande Guerra – 1914.1915*. Vila do Conde: Verso da História

Correia, J. Santos (1952). *Ocupação do Sul de Angola*. Lisboa: Conferências na Sociedade de Geografia.

Correia, J. Santos (1943). *NGIVA - Campanha no Sul de Angola em 1915 - Seus Antecedentes - Nautila*. Lisboa.

Costa, José Luiz Lobo de (1911). *A Província de Angola*. Lisboa: Cernadas & C.ª – Livraria Editora.

Eça, Pereira (1923). *Relatório do General Pereira de Eça*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Freire, João (2011). *Olhares Europeus sobre Angola : Ocupação do território, operações militares, conhecimentos dos povos, projectos de modernização (1883-1918)*. Lisboa: Comissão Cultural da Marinha.

Lucas, António José de Carvalho (1989). *Caderno de História Militar nº8. Campanha de África – Angola - 1914/1918*, Lisboa; Direção do Serviço Histórico-Militar.

Machado, Ernesto (1956). *No sul de Angola*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar Divisão de Publicações e Biblioteca Martins.

Mendes, José M. Amado (1987). *A História como Ciência: Fontes, Metodologia e Teorização*. Coimbra: Coimbra Editora.

Monteiro, Henrique Pires (1947). *Pacificação do Sul de Angola (1914-1915)*. Lisboa: Oficinas Gráficas «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa.

Moreno, Mateus (1945). *Gastos Militares da Ocupação do Sul de Angola*. Lisboa.

Oliveira, A. N. Ramires (1994). *Vol. I. História do Exército Português (1910-1945)*. Lisboa: EME.

Oliveira, A. N. Ramires (1994). *Vol. II. História do Exército Português (1910-1945)*. Lisboa: EME.

Oliveira, A. N. Ramires (1994). *Vol. III. História do Exército Português (1910-1945)*. Lisboa: EME.

Pélissier, René (1986). *Vol. I. História das campanhas de Angola – resistências e revoltas – 1845-1941*, Lisboa: Editorial Estampa.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2.ª edição. Lisboa: Gradiva.

Regalado, Jaime Ferreira (2004). *Cuamatos 1907 – Os Bravos do Muilo no Sul de Angola*. Lisboa: Tribuna.

Rita, Fernando (2013). *Na Sombra do Expedicionário – A vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial*. Porto: Fronteira do Caos Editores.

Roçadas, J. A. Alves (1919). *Operações no Sul de Angola – Em 1914*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Sarmiento, Manuela (2013). *Metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Editora Universidade Lusíada.

Telo, António José (2010). *Primeira República I – do sonho à realidade*. Lisboa: Editorial Presença

Tzu, Sun (2007). *A Estratégia aos Serviço da Política, da Guerra, das Empresas – Clássicos do Pensamento Estratégico – A Arte da Guerra*. Lisboa: Edições Sílabo.

Varão, António Fernandes (1934). *Investidas Alemães ao Sul de Angola*. Lisboa.

Ordem do Exército

Nº 19 – 1ª Série, de 13 de Agosto de 1914.

Nº 20 – 1ª Série, de 24 de Agosto de 1914.

Nº 31 – 1ª Série, de 31 de Dezembro de 1914.

Apêndices

Apêndice A: Planeamento da Linha Princial de Etapas e Tropas de Etapas, na Campanha Militar em Angola em 1914

Serviço da Retaguarda:

ZInt – Desde o litoral até ao planalto de Huíla.

ZRet – Desde o planalto de Huíla até ao forte do Cuamato.

ZOp – Desde o forte do Cuamato até à fronteira.

Estações de Reunião:

Depósitos de Moçâmedes.

Estação terminal do caminho de ferro, em Vila Arriaga.

Base de Etapas:

Zona Lubango – Chibia.

Testa de Etapas:

Forte do Cuamato.

Linha de Etapas:

1.^a Seção – Chibia - Chaungo – Quihita, Posto Principal de Etapas (PPE), Biriambundo, Posto de Etapas (PE), Catchana (PE), Gambos (PPE), Biuguiro (PE), Cavalaua (PE), Cahama (PPE).

2.^a Seção – Cascata - Chicusse (PE). – Mabera (PE). – Tchiplongo (PE). – Tuandiva (PE). – Catequero (PE). – Forte Roçadas (PPE). – Damequero – Forte Cuamato.

Organização dos postos principais de etapas:

Quihita

Pessoal: 1 Sarg e 4 indígenas.

Material: Depósito com oito dias de víveres para 2.600 homens e forragens para 500 solípedes. Pão, todo o quee possa ser fabricado na missão para as forças em trânsito.

Gambos:

Pessoal: 1 oficial-chefe, subalterno da guarnição, 1 Sarg, 1 pedreiro; 1 carpinteiro; 1 serralheiro e 2 padeiros.

Material: A Enfermaria do posto. Padaria e fornos para 1.000 rações e os utensílios necessários. Víveres para oito dias para 2.600 homens. Forragens idem, para 500 solípedes. Medicamentos, os da enfermaria, reforçados. Material para transporte de água: barris de zinco e de madeira para abastecimento das forças em trânsito.

Cahama:

Pessoal: Idêntico ao da Quihita.

Material: Pão, não se fabrica; bolacha ou pão trazidos dos Gambos. Víveres, os da Quihita. Acampar próximo do rio, para onde será aberta uma picada.

Tchipelongo:

Pessoal-Idêntico ao da Quihita.

Material: Pão, todo o que possa ser fabricado na missão, para as forças em trânsito. Reunir água no local de bivaque por meio de vasilhas em carros, que a missão pode alugar. Calculo para uns 1.000 homens. Víveres e forragens, os mesmos que Quihita.

Forte Roçadas:

Pessoal: Pessoal militar igual ao dos Gambos; 2 pedreiros; 2 serralheiros; 3 padeiros e os forneiros precisos.

Material: Oito dias de víveres para 2.000 homens. Forragens, idem, para 500 solípedes. Enfermaria, a do pôsto, reforçada com medicamentos, 1 hospital temporário para 50 doentes. Padaria, fornos e respectivos utensílios para produzirem 1.000 rações diárias. Depósitos para reserva de munições, fardamento e outros materiais.

Cuamato (Testa de Etapas)

Pessoal: 1Cmdt, o Cmdt do posto. 2 provisadores, 1 encarregado do material de guerra, 2 Sarg, 3 cabos, praças indígenas e condenados em número suficiente. 2 carpinteiros, 2 pedreiros, 2 serralheiros, 5 ferreiros, 2 correeiros, 4 sapateiros, 5 padeiros e os forneiros precisos.

Material: Padarias, fornos e respectivos utensílios para fabrico de 1.600 rações diárias, 1 hospital temporário e de evacuação para 100 doentes. A enfermaria atual do posto será, reforçada com medicamentos. Armazéns e depósitos para dois meses do víveres para 2.000 homens e 500 solípedes. Armazens para munições e materiais da coluna.

Nos PE não se colocam víveres nem material, mas convém reunir capim seco para camas e lenha para rancho.

Nos postos da Cahama, Binguero, Mabera e Tchipelongo, é necessário fretar carros boers com vasilhame para ir buscar água ao rio ou cacimbas, abrindo-se picadas. O cálculo do vasilhame deve basear-se nuns 1:000 homens em trânsito.

O posto militar do Humbe constituirá um depósito anexo do Forte Roçadas, aproveitando-se os seus elementos para fabrico de pão, armazéns e depósitos para reserva de munições, do material e hospital temporário.

Tropas de étapes:

Serão fornecidas pela 2ª companhia mixta e pelas unidades indígenas aquarteladas nos locais de etapas. Para os postos principais (P. P. E.) bastará: 1 cabo e 8 a 12 soldados.

Nos postos de etapas onde fôr necessário abastecimento de água, bastarão 3 soldados sob o comando de um cabo ou soldado mais antigo.

Serviços técnicos:

Telégrafos na zona do interior e na zona de etapas continuam a cargo da administração civil.

Serviço de saúde:

Continua a cargo das delegações de saúde já estabelecidas ao longo da linha de etapas e na zona do interior. Deverão ser reforçados o respectivo pessoal e dotações de medicamentos.

No Lubango será o respectivo hospital ampliado e dotado de forma a constituir um hospital fixo para 100 doentes.

Na Chibia, ampliada a respectiva enfermaria e reforçadas as suas dotações em medicamentos e material sanitário.

Da mesma forma se procedera com as enfermarias dos Gambos, Humbe e Forte Roçadas.

Serviço de material de guerra:

O depósito do material de guerra do distrito da Huíla, com as suas sucursais do Humbe, Forte Roçadas e Cuamato, sob a direção dos respectivos encarregados, fornecerão

todo o material e consertos que lhes forem requisitados, para serviços da coluna, pela respectiva direcção de étapes.

Serviço do subsistências:

É confiado ao pessoal da administração militar da coluna e ao pessoal da guarnição da colónia.

Pessoal de administração militar:

Chefe dos serviços administrativos;

Oficiais provisores;

Delegados da administração militar da província;

Tropas de equipagens;

Serviçais indígenas ou praças móveis;

Condenados do Depósito de Luanda.

Distribuição deste pessoal:

a) Depósitos do interior:

Estação de Mossamedes.-1 oficial da administração militar; 1 sargento; 10 praças indígenas, todos da guarnição da província.

Estação terminus.-2 oficiais provisores; 2 sargentos das equipagens; 2 cabos das equipagens, 5 soldados europeus; 5 indígenas e 10 condenados.

b) Base de étapes.-1 oficial provisor; 1 oficial da guarnição; 2 graduados das equipagens; 3 graduados da guarnição; 20 serviçais indígenas condenados.

c) Postos principais:

Gambos.-1 sargento da guarnição; 1 cabo da guarnição e 6 serviçais indígenas.

Quihita.-1 sargento das equipagens; 4 praças indígenas e 6 serviçais indígenas.

Cahama.-1 graduado da guarnição; 4 praças indígenas e 6 serviçais.

Tchiplongo.- 1 graduado da guarnição; 4 praças e 6 serviçais.

Humbe: O pessoal do posto.

Forte Roçadas: O pessoal do forte; 5 soldados das subsistências(padeiros).

Testa de étapes.-2 oficiais provisores; 3 sargentos das equipagens; 3 cabos das equipagens; 5 soldados das subsistências (padeiros); 10 praças indígenas e 16 condenados.

Direcção do serviço de etapas:

Diretor do serviço de etapas, 1 capitão.

Chefe dos serviços de engenharia, 1 tenente de engenharia.

Chefe dos serviços de artilharia, 1 capitão de artilharia.

Chefe dos serviços administrativos, 1 capitão da administração militar.

Chefe dos dos serviços de saúde, 1 capitão médico.

Adjuntos:

O encarregado do material de guerra;

Os oficiais provisores ;

2 subalternos de qualquer arma, chefes de secção de linha;

Sargentos e cabos de artilharia, 2;

Graduados: cabos das equipagens, das subsistências e da guarnição da colónia.

Superintendente dos serviços da zona da retaguarda.- Um oficial, nomeado pelo comando, terá a superindendência de todos os serviços entre o Cunene e a estação Terminus e compete-lhe muito particularmente ser o intermediário entre o comando e as diversas autoridades.

A fim de cada chefe de serviço ficar bem ao facto dos deveres a seu cargo, foram publicadas as seguintes

Tropa de Etapas:

Constituídas por pequenos Dest nativos aquartelados ao longo da linha de etapas, cerca de 2.000 homens, incluindo auxiliares e carregadores.

(Oliveira, 1994) e (Roçadas, 1919, pp.113 a 117)

Apêndice B: Ordem de Batalha da 1.^a Expedição

No dia 1 de Novembro, foi considerado em operações o núcleo de forças composto por:

Quartel general.

Engenharia:

Seção mista de telegrafistas e sapadores.

Artilharia:

2.^a Bata de Mont, 7,5^{cm} Canet.

Bata de Mont Erhardt.

Cavalaria:

3.^o Esq de Cav 9.

1.^o Esq de Dragões de Angola.

Infantaria:

3.^o Bat de Inf 14.

1.^a Comp Europeia de Inf de Angola.

15.^a Comp Indígena de Moçambique.

16.^a Comp Indígena.

16.^a Comp Indígenas de Angola.

17.^a Comp Indígenas de Angola.

Metralhadoras:

2.^a Bata do 1.^o grupo de metralhadoras.

Serviço de etapas.

(Roçadas, 1919, p. 152)

Apêndice C: Estado das Unidades, Material e Instrução em Dezembro de 1914

O Bat de Inf n.º 14 pecava pela falta de homogeneidade:

Organizado na Metrópole, rapidamente e à última hora, com praças de diversas procedências, desconhecidas, na sua grande maioria, tanto dos oficiais como dos sargentos, este Bat não constituiu desde logo uma unidade bastante sólida e precisava de uma preparação, em especial no que respeitava a instrução de combate, que, todavia, a precipitação dos acontecimentos não deixou completar ao enérgico comandante, Maj Salgado, oficial dos mais experimentados em campanhas coloniais.

Das outras un expedicionárias:

A bata de met estava bem organizada em pessoal e muito bem instruída.

A bata de mont 7,5 cm. Canet, regularmente organizada e instruída.

O Esq de Cav n.º 9, em virtude da forma rápida como tinha sido mobilizado na Metrópole (1.º dia de mobilização em 18 de Agosto, no Porto, partidas para Angola em 10 e 12 de Setembro), não tinha recebido lá a instrução para o serviço de campanha, mas o seu Cmdt aproveitou os dois meses de permanência da unidade em Mossâmedes e no Lubango para, fazer ministrar uma instrução intensiva. O pessoal era bom e o conjunto de solípedes era razoável.

Quanto a material, as unidades expedicionárias tinham vindo insuficientemente dotadas da Metrópole:

Não havia carros sanitários nem carros de munições; faltavam por completo as muars de baste na inf, inclusive nas met; era insignificante e exageradamente aquém dos efetivos de mobilização, o número de solípedes nas unidades. E claro que a justificação destas deficiências é levada a conta da utilização dos carros boers; mas é claro também que isso representa a mais completa condenação das qualidades ofensivas de cada un.

Das un não expedicionárias:

A Bateria Erhardt, organizada com elementos, cedidos pela Bata Canet, expedicionária, e com outros de Angola, dotada apenas com três peças, não tinha instrução de tiro. A sua mobilidade ultimitava-se quase no próprio dia em que teve de marchar para o Sul.

O 1º Esq de Dragões, mobilizado no planalto, com cavalos e parte do material novos, organização incompleta por não terem sido satisfeitas em devido tempo algumas requisições. Os cavalos, vindos do Cabo (115), eram bons e resistentes, mas a sua preparação e treino custaram muito trabalho ao pessoal, desenvolvendo prodígios de actividade os Ten Aragão e Matias, 1º Sarg Oliveira e o núcleo inicial de praças.

As companhias indígenas de Moçambique, compostas de soldados ordeiros, disciplinados e resistentes, queixavam-se dum excesso de trabalho braçal nas diversas construções que houve a fazer, com acentuado prejuízo da sua instrução.

Deixava, pois, a desejar, o estado de preparação de algumas un para uma entrada imediata em operações contra forças europeias bem adestradas.

(Machado, 1956, pp. 119 a 121)

Apêndice D: Localização e Movimentos das Forças Portuguesas em Angola na tarde de 17 de Dezembro de 1914

Tabela 1 – Localização das forças portuguesas em Angola em 17 de Dezembro de 1914

<u>Localidades</u>	<u>Unidades</u>	<u>Observações</u>
<u>Forças Instaladas</u>		
Naulila	<ul style="list-style-type: none"> - Cmdt e QG das FO - Destacamento de Naulila: <ul style="list-style-type: none"> - Cmdt – Cap José Mendes dos Reis - 9ª (2º e 3º Pel) e 12ª Comp do Bat Inf 14 - 16ª Comp de Inf de Moçambique - 2ª Bata de Met - Bata Erhardt - 1 Pel (reduzido) do 1º Esq de Dragões 	
Vau Catagombe	- 1º Pel da 9ª Comp do Bat de Inf 14	Encarregado da defesa dos vaus Cabélo e Catangombe
Vale Nangula (proximidades)	<ul style="list-style-type: none"> - 1º Esq de Dragões (2 Pel) - Auxiliares Europeus Montados 	
Calueque	<ul style="list-style-type: none"> - Destacamento do Calueque: <ul style="list-style-type: none"> - Cmdt Bat de Inf 14 – Maj Alberto Salgado - 10ª Comp do Bat de Inf 14 - 1 Divisão da Bata de Mont - 1 Pel do 1º Esq de Dragões 	
Vau Nangula	- 1 Pel da 15ª Comp de Inf de Moçambique	
Swartboy Drift	- Auxiliares Boers	
Forte Cuamato	- 17ª Comp Indígena de Angola	
Gambos	- 16ª Comp Indígena de Angola	Menos um Pel
Pocolo	<ul style="list-style-type: none"> - 1ª Comp de Inf Europeia - 1 Pel da 16ª Comp de Inf Auxiliar 	
Cassinga	<ul style="list-style-type: none"> - Dest do Cmd do Cap Veloso de Castro - 15ª Comp Indígena de Angola 	De início destinava-se ao baixo Cubango

Lubango	2ª Companhia de Inf Europeia	Menos um Pel
<u>Forças com ordem para marcharem para Sul</u>		
	- 15ª Comp de Inf de Moçambique (2 Pel)	Em marcha desde 16, do F. Roçadas para Otoquero
Ediva, Otchinjau, Otchitoto	- 11ª Comp do Bat de Inf 14	Com ordem para marchar para Naulila. Em via de concentração
Ediva	- 1 Div da Bata de Mont com 1 Pel da 2ª Comp de Inf Europeia	Em marcha do Pocolo para Naulila
Chibia	- 2º Esq de Dragões	Imcompleto. Com ordem a marchar para Sul
Lubango	- Bat de Marinha	Com ordem de marcha para o Sul por Pocolo – Otchinjau
Mulondo (a uma etapa de)	- Esq de Cav 9	Descendo o Cunene

Nota: Não se indicam pequenas frações, por não interessar.

(Machado, 1956, pp.108 e 109)

Apêndice E: Evacuação dos Postos Militares depois do Combate de Naulila

Da retirada e abandono precipitado do Humbe resultou para as guarnições dos postos mais distantes uma situação em extremo crítica.

Posto de Nalueque:

Guarnição: um 2º Sarg, 2 praças europeias e 14 praças indígenas.

O posto foi incendiado pelo gentio. A guarnição refugiou-se no mato, sendo mortos o 2º sargento e as duas praças europeias.

Posto do Otoquero:

Guarnição: um 2º Sarg, 10 praças europeias e 11 praças indígenas.

O posto foi atacado pelo gentio. A guarnição retirou sobre o Damequero, que já encontrou abandonado, perdendo a coesão por motivo das explosões do Forte Roçadas, indo parte dos homens passar o Cunene na direção do Humbe e a outra no Cafu.

Posto do Damequero:

Guarnição: 1 oficial (ten. Santos), 4 praças europeias e 7 praças indígenas.

Recebida na manhã de 19, pelo telefone, a ordem de evacuação, a guarnição retirou para o Humbe. Já havia ultrapassado o Aucongo quando se deram as explosões no Forte Roçadas, sendo desde então atacada e perseguida pelo gentio, que roubou o que transportava e matou algumas praças.

Forte do Cuamato (sede da capitania-mor):

Guarnição: 17ª Comp de Inf Auxiliar comandada pelo Ten Joaquim Magro (incompleta por ter praças nos postos).

O local que estava na sede em 18 de Dezembro era, além do capitão-mor: 7 oficiais, 6 sargentos, 7 cabos e soldados europeus e 104 praças indígenas.

Pela tarde de 18 de Dezembro foram chegando à sede varias informações sobre o revés de Naulila. Pelas 19h.00 apresentaram-se dois sargentos e dezanove praças do 1º Esq de Dragões vindos do local do combate e dizendo-se perseguidos por cavaleiros alemães até 6 Km do Otoquero. Este pelotão, comandado pelo 2º sargento Henriques, seguiu logo às 04h.00 de 19 para o Damequero, por não haver na sede do Cuamato água para os cavalos;

atingido aquele posto, tendo conhecimento da ordem superior para a retirada, continuou a marcha para o Humbe.

Em vista da gravidade da situação, o Cap-mor reuniu os oficiais em conselho pela 01h.00 de 19. Da respetiva ata se ve que «resolveram, por unanimidade, retirar sobre o Forte Roçadas, a marcha forçada, com o intuito de se poder reunir (a guarnição) as nossas forças que operavam na margem direita do Cunene e que contava retirarem para o Humbe; e tendo resolvido nao destruir o forte nem a povoação para não dar ao gentio a impressão de uma retirada, por poder sublevar-se».

Às 06h.00 de 19, um oficial adjunto do QG (Cap Albano de Melo) comunicou do Humbe, pelo telefone, a ordem do Cmdt Roçadas para a retirada sobre aquela localidade.

Às 07h.30 foi iniciada a retirada sob o Cmd do Cap-mor, deixando a sede todos os oficiais, sargentos e soldados referidos, aos quais se juntaram quatro comerciantes europeus e as mulheres e filhos dos soldados indígenas.

Pouco depois da partida começaram as forças a ser alvejadas com tiros disparados do mato.

Percorridos 25 Km, chegaram ao Damequero, encontrando este posto já evacuado pela sua guarnição e assaltado pelo gentio.

Após descanso de uma hora, continuaram a marcha e, andados mais 10 Km, atingiram Auongo, onde ouviram fortes detonações e viram o Forte Roçadas, que lhes ficava a uns 15 Km para a frente, em chamas.

Supondo, por informações de indígenas, que os Alemães tinham tornado o Forte e que assim resultara cortada a retirada por este lado, o Cap-mor mandou explorar o vau do Pembe, a jusante, e, sabendo-o livre, nessa direção orientou a marcha.

A passagem do vau começou pelas 20h.00. O gentio, protegido pela escuridão, atacou violentamente, perdendo as forças um terço das praças indígenas e bem assim os arquivos e bagagens.

Chegaram ao Humbe às 23h.30. E tendo ali encontrado apenas 3 auxiliares a cavalo, os quais lhes transmitiram a indicação superior de que deviam continuar a retirada, prosseguiram para Bela-Bela.

Esta retirada do Cuamato, hostilizada pelo gentio sublevado, foi realizada em circunstâncias críticas e cheias de dificuldades, como se vê, devendo-se a firmeza, muita coragem e valentia do Cap Fernandes Varão e a excelente cooperação e sangue-frio do Ten Magro com os seus decididos graduados, que não se deu um novo desastre a inscrever no

fatídico vau do Pembe. Para mais, a 17ª Comp de Inf Auxiliar era uma unidade em péssimas condições combativas, tanto em material como em soldados indígenas.

A operação correu o risco de um massacre total. A simultaneidade em profundidade, da retirada dos postos, foi grave erro cometido pelo comando das FO.

A lição deve ser meditada sob o ponto de vista melindroso da conduta de operações no meio indígena.

Posto do Evale (sede da capitania-mor)

Guarnição: 14ª Comp de Inf Auxiliar (incompleta).

Iniciou a retirada por Cassinga, foi rudemente atacada pelos indígenas da região e, após um dia de combate, conseguiu alcançar a missão dos padres do Espírito Santo, estabelecida pouco ao norte do posto abandonado. Teve 8 praças indígenas mortas e 13 feridas.

Valeu-lhe não ter mais baixas o auxílio do padre francês Kelling, da missão, de grande prestígio entre o gentio, que veio esperá-la com gente armada, sem o que sofreria um considerável desastre. De momento, refugiou-se na missão.

A Cassinga chegou nesses dias um Dest que se destinava a reforçar a guarnição do baixo Cubango, o qual, porém, suspendeu a marcha por motivo do massacre e razias naquela zona pelos Alemães. Tomando conhecimento da situação, mandou logo apoiar a retirada da guarnição do Evale. Esta, finalmente, retirou sobre o Capelongo, onde se reuniu a outras forças.

Posto de Cafima

Guarnição: 1 oficial (Ten José Soares da Encarnação), um 2º Sarg, 5 praças europeias e 21 praças indígenas da 14ª Comp de Inf Auxiliar.

Pouco depois de abandonar o posto em direção ao Evale, foi envolvida pelo gentio. Após dois dias de heróica resistência na marcha, conseguiu alcançar as proximidades do forte do Evale, mas, nesse momento, quando se considerava salva, foi inesperadamente atacada pelos Evales que acabavam de renunciar ao ataque contra a guarnição principal refugiada na missão. É vencida.

O Ten Encarnação, gravemente ferido, foi amarrado a uma árvore e trucidado; o Sarg Reis, um cabo e um soldado europeus e 3 soldados indígenas, que nessa altura eram os sobreviventes, iam ter a mesma sorte, mas por intervenção de gente do Cuanhama, que os

reclamou, foram levados prisioneiros para o soba Mandume. Os 3 soldados indígenas conseguiram fugir depois de presos.

Todas as restantes pragas da imolada guarnição foram massacradas.

Nunca conseguimos que o Mandume entregasse o infeliz Sarg Reis e seus companheiros, nem mesmo a instâncias do padre Kelling, que foi pessoalmente entender-se com ele. Acabou por trucidá-los.

Postos do Cafu, Quiteve e Mulondo

As guarnições, protegidas pelo Esq de Cav 9 e devido a este facto, retiraram com ordem e sem serem hostilizadas, para o Capelongo.

Constituíram uma coluna comandada pelo TCor Amaro Dias.

(Machado, 1956, pp. 228 a 234)

Apêndice F: Situação dos Contingentes Militares Portugueses em Angola em Janeiro

Tabela 2 – Localização do contingentes militares portugueses em Angola em Janeiro

<u>Localidades</u>	<u>Unidades</u>	<u>Observações</u>
Cahama	- 2º Esq de Dragões - 11ª Comp do Bat de Inf 14	Antes no Forno de Cal
Otchinjau	- 1 Pel de Esq de Cav 9 - Auxiliares Boers	
Tchiepepe	3º Esq de Cav 9 (menos 1 Pel)	Antes nos Gambos
Forno da Cal	- Bat de Marinha - 15ª Comp de Inf de Moçambique	Vindo do Lubango
Gambos	- QG - Bat de Inf 14 (menos uma Comp) - 16ª Comp de Inf Auxiliar - 1 Pel da 2ª Comp de Inf Europeia	
Pocolo	- 1ª Comp de Inf Europeia	
Chibia	- 16ª Comp de Inf de Moçambique	Reorganização
Lubango	- 2ª Comp de Inf Europeia (menos 1 Pel) - 17ª Comp de Inf Auxiliar - 2ª Bata do 1.º Grupo de Met - 1º Esq de Dragões (2 peças) - Bata Erhardt	Reorganização se possível
Cassinga	- 15ª Companhia de Inf Auxiliar - Dest do baixo Cubango	Provisoriamente em Cassinga em virtude do ocorrido no Cuangar. Cmdt, Cap de Inf Veloso de Castro

Nota: Não se indicam pequenas frações, por não interessar.

(Machado, 1956, p. 225)

Apêndice G: Ordem de Batalha da 2ª Expedição

Cmdt das Forças – Gen Pereira D'Eça.

CEM – Maj João Ortigão Peres.

Sub-CEM – Cap António Maria de Freitas Soares.

Cmdt de Eng, Cap de Eng Rui Viterbo Fragoso Ribeiro.

Cmdt de Art, TCor de Art Manuel Pereira Caldas.

Chefe de Serviço de Saúde, Cap-de-Fragata médico Alexandre Botelho de Vasconcelos Sá.

Bat de Marinha (Lisboa), Cmdt, Cap-Ten Júlio de Afonso Cerqueira.

5ª Bata de Art 7 (Viseu), Cap Júlio Ferreira da Silva Alegria.

5ª Bata de Art 8 (Abrantes), Cap Júlio da Conceição Pereira Lourenço.

1ª Bata do Reg de Art de Mont (Évora), Cap António Carlos Cortez.

Foram dissolvidas por conveniência orgânica:

1 Bata de Art 1 (Lisboa), a 8ª.

1 Bata de Art 2 (Figueira da Foz), a 8ª.

1 Bata de Art 3 (Santarém), a 6ª.

2 Bate do Reg de Art de Mont (Évora), as 3ª e 6ª.

3º Esq do Reg Cav 4 (Lisboa), Cap Carlos Luizello Godinho.

3º Esq do Reg Cav 9 (Porto), Cap Alberto Cardoso Martins Munyes Mando.

3º Esq do Reg Cav 11 (Braga), Cap António Pereira da Cunha e Costa.

1º Esq dos Dragões de Angola (Bié).

1º Pel do 2º Esq de Dragões de Angola (Bié).

1ª Bata do 1º Grupo de Met (Lisboa), Cap Manuel Joaquim Crespo Junior.

1ª Bata do 2º Grupo de Met (Guarda), Cap António José Teixeira.

1ª Bata do 2º Grupo de Met (Guarda), Cap José Martins Carreira.

2ª Bata do 2º Grupo de Met (Guarda), Cap António Moreira.

1ª Bata do 3º Grupo de Met (Porto), Cap Carlos Ribeiro Borges.

2ª Bata do 3º Grupo de Met (Porto), Cap Álvaro Teles de Azevedo.

2ª Bata do 4º Grupo de Met (Estremoz), Cap José Maria Franco.

2ª Bata do 5º Grupo de Met (Coimbra), Cap Manuel da Silva Piedade.

2ª Bata do 6º Grupo de Met (Bragança), Cap Francisco José Teixeira.

Uma Bata foi dissolvida.

3º Bat de Inf 16 (Lisboa), Maj Augusto Rodolfo da Costa Malheiros.

3º Bat de Inf 17 (Beja), Maj João dos Santos Pires Vegas.

3º Bat de Inf 18 (Porto), Maj Alexandre Martins Mourão.

3º Bat de Inf 19 (Chaves), Maj Joaquim Emílio de Sousa Lopes Jordão.

9ª, 10ª, 11ª e 12ª Comp de Inf 20 (Guimarães).

9ª e 10ª Comp de Inf 22 (Portalegre).

15ª e 16ª Comp Indígenas de Inf de Moçambique

3 Ambulâncias (Lisboa).

Direcção de Etapas:

Director, Maj de Inf António Eduardo Romeiras de Macedo.

CEM , Ten de Inf Joaquim dos Santos Correia.

Serviços De 2ª Linha (Retaguarda):

Seção de Camiões.

Seção de Carros Alentejanos.

Seção de Camelos

Seção de Carros Boers.

Tropa das Etapas:

8 Comp de Inf Indígenas.

1 Esq de Cav Indígena.

Hospitais: Moçâmedes, Lubango, Chibia e Gambos.

4 Dest: Cuanhama, Cuamato, Evale e Naulila (a organizar).

(Oliveira, 1994, pp. 355 a 357) e (Eça, 1923)

Apêndice H: Projeto de Operações do General Pereira D'Eça elaborado em Lisboa

Ex.^{mo} Sr.: só em angola eu possa formular um projecto definitivo de operações em harmonia com a situação que lá encontrar, julgo dever desde já informar Sua Ex.^a o Ministro, de um modo muito geral, da forma como, baseado nos documentos que me foram fornecidos, eu encaro o problema de angola e penso em soluçona-lo.

SITUAÇÃO

Alemães – Vencedores no combate de Naulila, mas tendo sofrido perdas e tendo permanecido durante algum tempo no nosso território, terminaram por evacuá-lo mantendo postos de observação na fronteira.

Indígenas - Os do extremo sul de Angola, tendo assistido ao insucesso das nossas operações, estão, quase na totalidade, em rebelião declarada; os das outras regiões, como natural reflexo da situação do extremo sul, encontram-se manifestamente dispostos a, na primeira oportunidade, dar largas ao seu latente espírito de revolta.

Nossas forças – As do sul de Angola, tendo retirado em boa ordem de Naulila para o Humbe, continuaram depois em completa desordem a retirada do Humbe para os Gambos, como consequência do pânico originado pela destruição do forte Roçadas, ficando abandonado todo o território para além dos Gambos; as das outras regiões são manifestamente insuficientes para sufocarem rapidamente qualquer revolta local.

OBJETIVOS

- Como consequência desta situação, os objetivos que eu devo ter em vista são:

§ 1.º - Reocupação de todo o território abandonado e consequentemente a reconquista directa do nosso prestígio sobre o gentio do extremo sul de Angola e indirecta sobre o gentio de toda a provincia;

§ 2.º - Fornecer aos Governadores elementos para sufocarem prontamente qualquer rebelião que, apesar desta reconquista, se manifeste nos seus distritos;

§ 3.º — Colocar o grosso das forças do meu comando em condições de: a) Fazer face a qualquer nova investida dos alemães, ou mesmo penetrar no seu território, vingando o insucesso de Naulila, se a situação permitir adoptar, sem perigo, uma atitude ofensiva; b)

Simultaneamente preparar ocupação do território Cuanhama; c) Cooperar com os nossos aliados da África do Sul, se eles obrigarem os alemães a dirigir-se para a nossa fronteira.

OPERAÇÃO

Para alcançar o 1.º e 3.º objetivos montarei convenientemente a linha de comunicações entre Mossâmedes e os Gambos e, oportunamente, entre os Gambos e o Humbe, depois estabelecer-me-ei no Humbe com o grosso das forças do meu comando. – O Humbe é um centro de comunicações de onde posso cobrir o planalto de Mossâmedes e cair sobre os Cuanhamas, ou sobre os alemães que tentem nova incursão, ou ainda basear as operações que tendam a invasão do território alemão. - Tudo leva a crer que a presença de um efetivo numeroso no Humbe tenha como consequência imediata o poder-se proceder sem resistência a ocupação do território Cuanhama e ao restabelecimento dos postos abandonados, mas se assim não suceder obteremos esse *desideratum* pela força. - Não julgo verosímil que os alemães procurem a linha do Cubango para se internarem no nosso território, pois se assim procedessem, deixando no seu flanco esquerdo as forças do meu comando, caminhariam para um completo aniquilamento. Os alemães, segundo as melhores opiniões, poderão dispor de um total de 4.000 homens de tropas regulares e 3.000 reservistas, mas, tendo de dividir as suas atenções por Portugueses e Ingleses, não é provável que se tomem a dirigir para a nossa fronteira com efectivos muito superiores aos que apresentaram no ataque a Naulila, e sendo assim, cometeriam um erro crasso em se internarem em território português, deixando as forças do meu comando na sua retaguarda, forças cujo efectivo de combate deverão arcar por uns 5.000 a 6.000 homens, na pior hipótese. - A entrada pelo Cubango só se deve esperar se os alemães vierem completamente acossados pelos ingleses e pretenderem encontrar no território português um refúgio; mas então a sua situação será de molde, a serem facilmente desarmados. - Satisfeitas todas as minhas requisições, as forças do meu comando hão-de dispor da maleabilidade precisa para fazer face a essa situação ou a qualquer outra que possa surgir nas proximidades da fronteira ou em qualquer ponto do território da província de Angola. - Para alcançar o 2º objectivo, tratarei, logo que chegue a Angola, de dar aos governadores de distrito os recursos que julgar suficientes para sufocarem prontamente qualquer revolta local.

É meu propósito fugir o mais possível ao emprego de muitas colunas, pois a dispersão de forças é inconveniente e acarreta grandes embaraços em abastecimentos e

transportes. - Uma coluna forte operando ao sul de Angola fará vantajosamente face a todos os incidentes que aí se derem e levantarei o nosso prestígio em toda a província, colocando-a numa situação que lhe permita esperar confiadamente o termo da guerra europeia. Questões importantes a considerar para o bom êxito das operações são também a da vigilância da costa de Angola e dos transportes marítimos entre Luanda, Lobito e Mossâmedes, questões estas para que o Governador Geral tem chamado a atenção do Governo e que eu, ao chegar a Luanda, certamente terei também de abordar, em harmonia com a situação que lá encontrar. a) Pereira de Eça, General.

O Governo aprovou o projecto de operações, resolvendo que o objetivo da alínea a) do n.º 3 fosse o seguinte:

"Fazer face a qualquer incursão no território da província e defender a sua integridade e a honra da nação" e sobre a alínea c) do n.º 3 "so possa haver qualquer procedimento de conformidade com as ordens ou instruções que pelo Governo oportunamente forem dadas".

Repartição do Gabinete do Ministério das Colónias, 2 de Março de 1915.

O Chefe da Repartição de Gabinete

as) *Eduardo Marques*.

(Oliveira, 1994, pp.359 a 360)

Apêndice I: Serviços e Funções do Serviço de Etapas da Campanha do Sul de Angola em 1915

Satisfação das requisições das Unidades num total de 14, sendo só por si esta actividade muito operosa e absorvente.

Controle dos camiões e viaturas hipomóveis, carros *boers* e alentejanos.

Serviço de reabastecimento para os depósitos do planalto (pessoal e solípedes).

Coordenação do Conselho Administrativo das Etapas para a aquisição de artigos de recurso local e suas liquidações.

Controle dos níveis entre o que chega da Metrópole e as necessidades dos Depósitos Avançados, o que obriga a trabalhos de improvisação e também metódica seleção, retendo em Mossâmedes ou Lubango o que não interessar de imediato à frente.

Instalação de tropas ao longo de todo o itinerário desde Mossâmedes, aproveitando acantonamentos, bivaques, cubatas, etc.

Venda de taras vazias (sacos, bidons e barris).

Coordenação da Comissão da Linha de Caminhos de Ferro (Diretor das Etapas, Chefe de Exploração do C.F. de Mossâmedes e Chefe do Estado-Maior das Etapas), para estabelecimento dos horários dos transportes militares e das prioridades (pelas dificuldades em locomotivas e pessoal especializado).

Recrutamento de auxiliares e carregadores.

Coordenação do serviço de correspondência da Metrópole, Estrangeiro e da Província (Serviço Postal).

Instalação de depósitos de géneros, forragens, munições, peças de reserva e oficinas ao longo do percurso, nos locais fins de etapas ou aconselháveis para o efeito.

Instalação de depósitos no Lubango com níveis adequados às operações previstas e aos efectivos empenhados.

Coordenação com a Capitania do Porto de Mossâmedes dos desembarques e embarques de pessoal e carga.

Auxílios à Engenharia para montagem das linhas telegráficas e telefónicas e abertura de estradas para camiões.

Controle das cacimbas e outros depósitos de água ao longo do itinerário, administrando a sua utilização com economia e disciplina (Oliveira, 1994, p. 361).

Apêndice J: Organização da Linha Principal de Etapas e Tropas de Etapas, na Campanha Militar em Angola em 1915

Depois de remodelada segundo as indicações recebidas do General Pereira D'Eca, relativas tanto as operações como aos deslocamentos preparatórios das unidades, a organização da Linha Principal de Etapas (LPE), no último período das operações, era o seguinte:

Vila Arriaga – Km 183 – E T E (ETE)

Lubango – Quilemba B E E (BEE)

Chibia - P P E (PPE)

Quihita - P E (PE)

Gambos – PPE

Binguiro – PE

Cavaláua – PE

Cahama – PE

Ediva – PE

Tchicusse – PE

Humbe — Chimbua T E E (TEE)

Vila Arriaga — Km 183 constituia o término da linha férrea

Lubango — Quilemba B E E

Lubango – Quilemba (BEE)

A vila de Lubango, sede do distrito, era a povoação mais progressiva do planalto; gozava de boas condições climatéricas; dispunha de bastantes recursos.

O ponto de irradiação das duas linhas de etapas, principal e secundária, levou a atribuir-lhe a importante função de recepção de todos os reabastecimentos vindos de Mossâmedes, e de reguladora dos reabastecimentos para a frente.

Foram instalados no Lubango os principais órgãos (direção e execução) dos serviços no planalto; o serviço de saúde encontrou aí favoráveis condições para a sua instalação, tanto sob o ponto de vista de recursos como de clima.

O posto da Quilemba, no alto da serra, sendo apenas destinado a receber os artigos transportados pelos carregadores indigenas desde o qm. 183, e a guardá-los até ao seu transporte para o Lubango, passou a ser considerado como um anexo da HEE.

Foram instalados no Lubango:

Serviços Eng – Parque e oficinas de reparação.

Serviços Art – Parque e oficinas de reparação.

Serviços de Administração – Depósito central de subsistências e fardamento, parque de reses e padaria. Desde Julho: Reparação de Serviços de Subsistência – Fardamento e Reparação de Serviços Cont. – Fisc.

Serviços de Saúde – Hospital fixo e departamento central de medicamentos e material sanitário.

Serviços Veterinários - Enfermaria e departamento de material.

Teleg. – Estação e departamento de material.

Postal – Estação e departamento de material.

Serviços de Transportes — Direção; oficinas de reparação de camiões e carros alentejanos e boers.

Chibia (PPE)

Esta povoação, situada na confluência da linha do Chacuto com a LPE, oferecia alguns recursos.

Como o caminho pelo Chacuto se encontrava em más condições e era de prever (como aconteceu) que as unidades estacionadas em Mossâmedes sofreriam importantes avarias nas suas viaturas quando se deslocassem para o planalto, deu o CEME possível desenvolvimento ao serviço de reparação de viaturas.

Foram instalados na Chibia:

Departamento de material de engenharia.

Departamento central de munigoes.

Departamento de subsistências e padaria. ´

Posto de socorros veterinário.

Desp. de material telegráfico.

Delegação do ST; oficinas de reparação de carros alentejanos e boers.

Disponha de estacao telegrafica e postal.

Quihita (PE) – Departamento de subsistências.

Gambos (PPE)

Nesta localidade esteve instalado o QG do TCor Alves Roçadas; depois da sua partida, foi sede do respectivo Comando Militar. Era o ponto de ligação com o posto do Pocolo. Era o término da primeira etapa dos camiões partindo do Lubango.

Disponha de algumas instalações, embora rudimentares. Enquanto houve possibilidade de operações contra os alemães, foi considerado como o local onde conviria fazer a principal concentração de viveres (60 dias de viveres e forragens) para o reabastecimento das forças; depois da rendição dos alemães, esta função passou para o Humbe; o posto dos Gambos continuou, porém, a desempenhar um papel muito importante tanto sob o ponto de vista de reabastecimento de víveres como de transportes. Foram instalados no posto dos Gambos:

Departamento de material de engenharia e oficina de reparação.

Departamento de munições e oficina de reparações de material de guerra.

Departamento de subsistências e padaria.

Hospital temporário e departamento de medicamentos e material sanitário.

Posto de socorros veterinário e departamento de material.

Delegação do ST e oficinas de reparação de camiões e carros.

Disponha de estação telegráfica e postal.

Teve, temporariamente, como anexo, um dep. de subsistências em Forno da Cal.

Binguiro (PE) – Departamento de subsistências.

Cavalua (PE) – Departamento de subsistências.

Cahama (PE) – Departamento de subsistências.

Ediva (PE) – Oficina de reparação de camiões.

Tchicusse (PE) – Departamento de subsistências e estação telegráfica.

Humbe (TEE e BO)

Pela sua situação, coube ao Humbe uma função importante durante as operações para a reocupação do Cuamato e ocupação do Cuanhama.

Foram instalados na BO:

Com. M.^{ar} da BO

Sede do CEME, até 29 de Agosto.

Departamento de material de engenharia.

Departamento de subsistências, padaria, parque de reses e rebanho de reabastecimento.

Hospital temporário.

Enfermaria veterinária.

Oficina de reparação de camiões.

Oficina de reparação de carros.

A BO estava ligada pelo telégrafo (telefone) com os principais postos de etapas.

Em 26 de Agosto, foi criado um depósito de subsistências na testa de ponte da Chimbua; para aí deslocou em 29 do mesmo mês o CEME a sua tenda de campanha.

Extensão da LPE:

Qm. 183 – Quilemba – 8 Km

Quilemba – Lubango – 19 Km

Lubango – Gambos – 130 Km

Gambos – Humbe – 165 Km

Aumbe – Chimbua – 20 Km

Vila Arriaga (estação férrea) – Lubango, para carros boers – 70 Km

Tropas de etapas:

O grande desenvolvimento que foi necessário dar aos serviços de reabastecimento e transporte, bem como a polícia e segurança das extensas linhas de etapas exigiram um pessoal numeroso, excedendo muito o que fora previsto.

A impossibilidade, durante um certo tempo, de destinar as operações todas as unidades desembarcadas, em consequência da deficiência dos transportes de reabastecimento, e depois a mudança na situação ocasionada pela rendição dos alemães facultaram ao CS a possibilidade de recorrer a algumas das unidades expedicionárias, utilizando o respetivo pessoal no serviço das etapas.

Foram, assim, dissolvidas 3 Bata de Art de Mont, 1 Bat de Met, as 9ª e 10ª Comp do Bat de Inf 14. No mesmo serviço foram utilizadas as praças do Bat de Inf 14.

O serviço de polícia e segurança das LC foram destinadas: 11ª e 12ª Comp do Bat de Inf 19, 11ª e 12ª Comp do Bat de Inf 20, 1ª e 2ª Comp de Inf Europeia; 14ª 15ª, 16ª e 17ª Comp de Inf Auxiliar e 2º Esq de Dragões.

(Correia, 1943, pp. 90 a 94) e (Eça, 1923)

Apêndice K: Constituição dos Destacamentos de Reocupação do Sul de Angola

Destacamento do Cuanhama:

Acompanhado pelo Gen Pereira D'Eça, pelo seu CEM e outros elementos do EM.

Cmdt, TCor de Art Manuel Pereira Caldas.

CEM, Cap Henrique Pires Monteiro.

Cmdt da Art, Maj José Afonso Palla.

Bat de Marinha.

3º Bat do Reg de Inf 17.

15.^a Comp Indígena de Moçambique.

4 Bata de Met.

2 Bata dos Reg de Art 7º e 8º.

2 Esq dos Reg de Cav 4º, 6º e 11º.

Tabela 3 – Efetivos do Destacamento do Cuanhama

Oficiais	106
Praças	2.341
Auxiliares	233
Condenados	70
Total:	2.750
Cavalos	439
Muare	765
Camelos	10
Peças de Artilharia	8
Metralhadoras	16
Carros	191

Destacamento do Cuamato:

Cmdt, Cor de Inf António Veríssimo de Sousa.

CEM, Cap José Esteves da Conceição Mascarenhas.

3º Bat de Inf 18.

16.^a Comp Indígena de Moçambique.

2 Bata de Met.

Bat de Art de Mont.

2 Pel de Cav 4º e 11º.

Efectivos:

Tabela 4 – Efetivos do Destacamento do Cuamato

Oficiais	55
Praças	120
Auxiliares	5
Condenados	30
Total:	210
Cavalos	148
Muare	292
Camelos	4
Peças de Artilharia	4
Metralhadoras	8
Carros	70

Destacamento do Evale:

Cmdt, Maj de Inf João Júlio Reis e Silva

CEM, Cap João Carlos Pires Ferreira Chaves.

3º Bat de Inf 16.

1 Bata de Met.

1º Esq de Dragões.

Tabela 5 – Efetivos do Destacamento do Evale

Oficiais	50
Praças	1.359
Auxiliares	558
Total:	1.967
Cavalos	182
Muare	174
Camelos	27
Peças de Artilharia	6
Metralhadoras	4
Carros	140

Destacamento de Naulila:

Cmdt, Ten de Cav Francisco Pessoa de Amorim.

3º Esq de Cav 9.

Cav Boer.

Tabela 6 – Efetivos do Destacamento de Naulila

Oficiais	7
Praças	35
Auxiliares	30
Total:	72
Cavalos	75
Muare	16
Camelos	32
Carros	5

Destacamento da N'Giva:

Acompanhado pelo Gen Pereira D'Eça.

Cmdt, Cor de Inf António Veríssimo de Sousa.

CEM, Cap José Esteves da Conceição Mascarenhas.

Efectivos:

Cerca de 2.000 homens dos Destacamentos do Cuanhama, Cuamato e Evale, agrupados em 31 de Agosto.

Tabela 7 – Efetivos dos cinco Destacamentos

Oficiais	218
Praças	4.936
Auxiliares	826
Condenados	100
Total:	6.080

(Oliveira, 1994, pp. 362 a 364) e (Eça, 1923)

Apêndice L: Relação de Baixas das Campanhas Militares Portuguesas em Angola entre 1914 e 1915

Tabela 8 – Mortos em Angola durante 1914 e 1915

	Combate	Desastre	Doença	Soma
Oficiais	10		18	28
Praças Europeias	90	1	617	708
Praças indígenas	68			68
Carregadores indígenas	2	1	3	6
Soma	170	2	638	810

Nota-se elevado nº de mortos europeus, por doença, devido à inadaptação ao clima e falta de cuidados profiláticos⁶⁹ e de higiene.

Feridos:

Oficiais	8
Praças europeias (18 incapazes de serviço)	108
Praças indígenas (354 incapazes de serviço)	567
Soma	683

Total de mortos e feridos: 1.493

(Oliveira, 1994, pp. 190 e 191)

⁶⁹

Apêndice M: Comparação de unidades de efetivos de escalão Companhia entre 1914 e 1915

Tabela 9 – Aumento das unidades de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Metralhadoras, entre 1914 e 1915

		Infantaria	Cavalaria	Artilharia	Metralhadoras
Unidades de efetivos de escalão Companhia	1914	9	2	2	1
	1915	24	4	8	10
Aumento das unidades (%)		267%	200%	400%	1000%

(Roçadas, 1919), (Machado, 1956) e (Eça, 1923)

Anexos

Anexo A

Mapas das Alianças na 1.^a Guerra Mundial



Figura 1 – Alianças formadas na 1.^a Guerra Mundial

Fonte - (Afonso, 2013, p.26)

Anexo B

Mapas das Colónias Ultramarinas em África

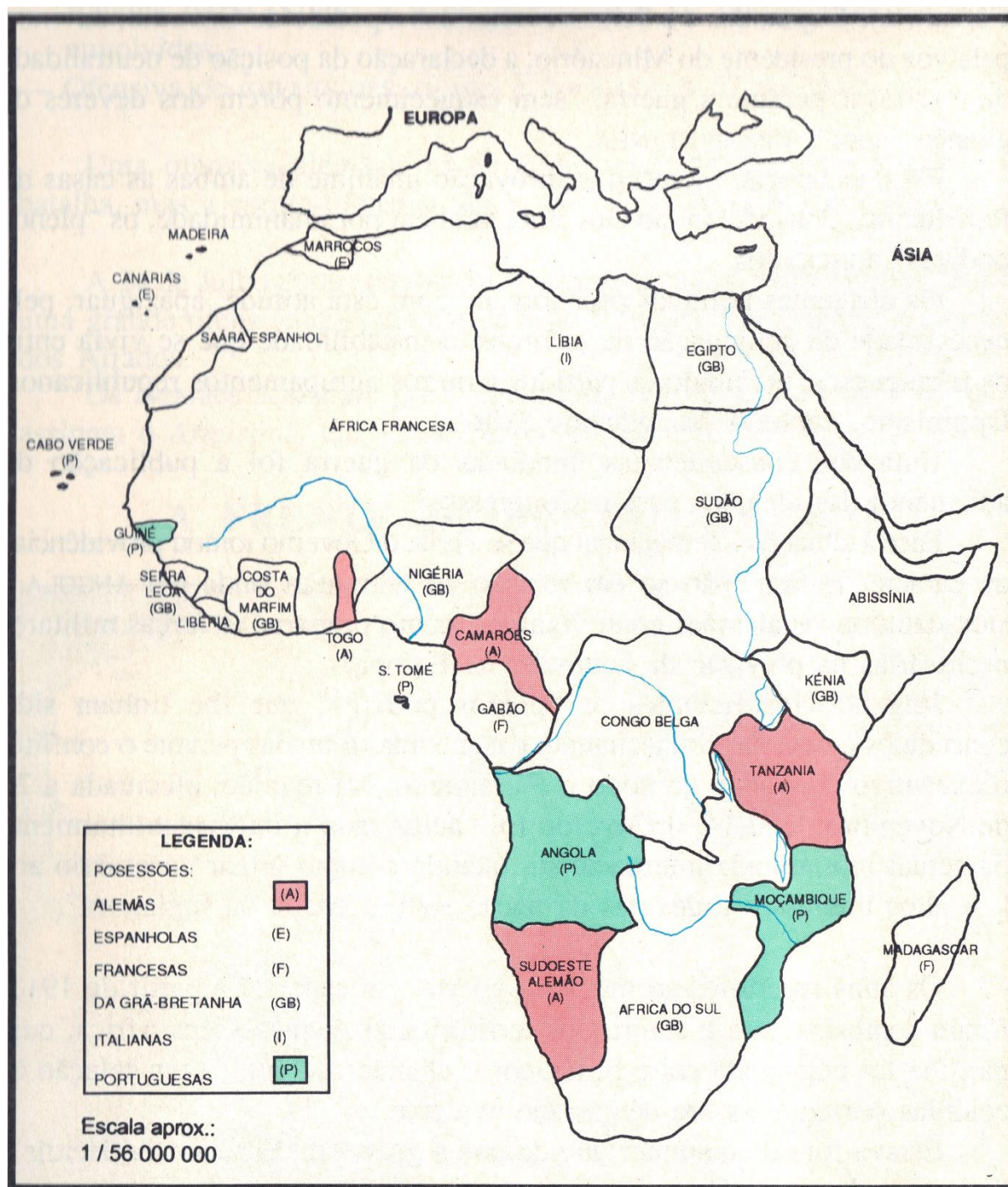


Figura 2 – Possessões em África em 1914

Fonte - (Oliveira, 1994, p.36)

Anexo C
Mapa Cor de Rosa

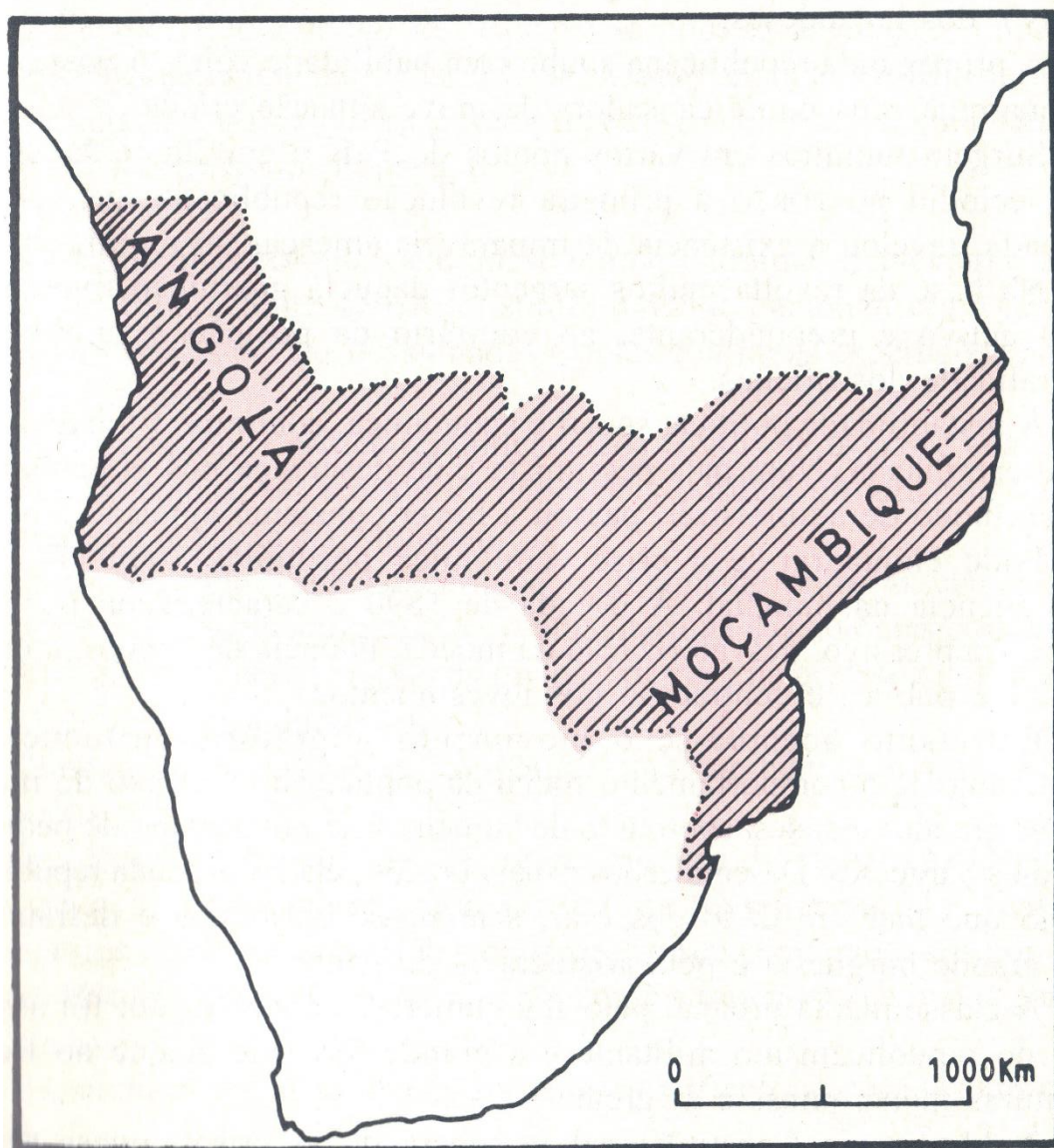


Figura 3 – Mapa Cor de Rosa
Fonte - (Oliveira, 1993, p.39)

Anexo D

Mapa Geográfico de Angola

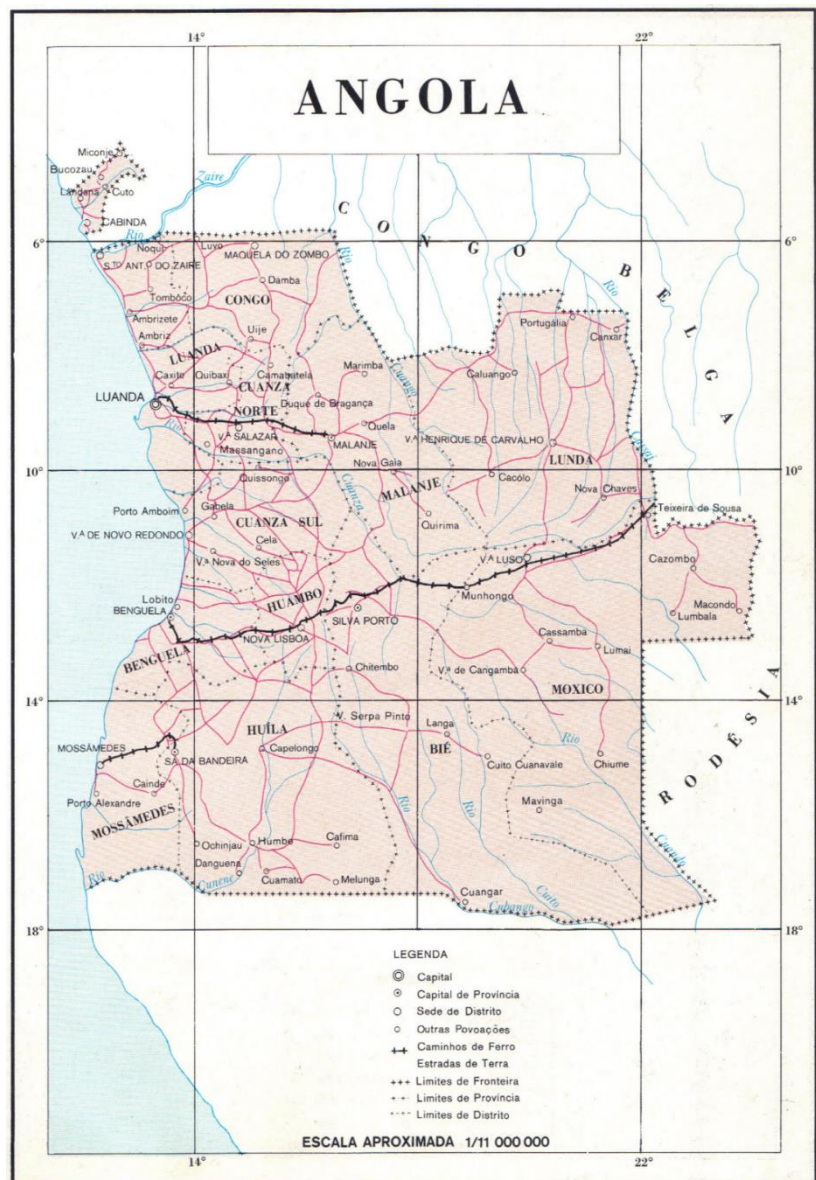


Figura 4 – Mapa Geográfico de Angola, com promenor da Zona de Operações nas Campanhas Militares Portuguesas entre 1914 e 1915

Fonte - (Oliveira, 1993, p. XLIX)

Mapa Etnológico de Angola

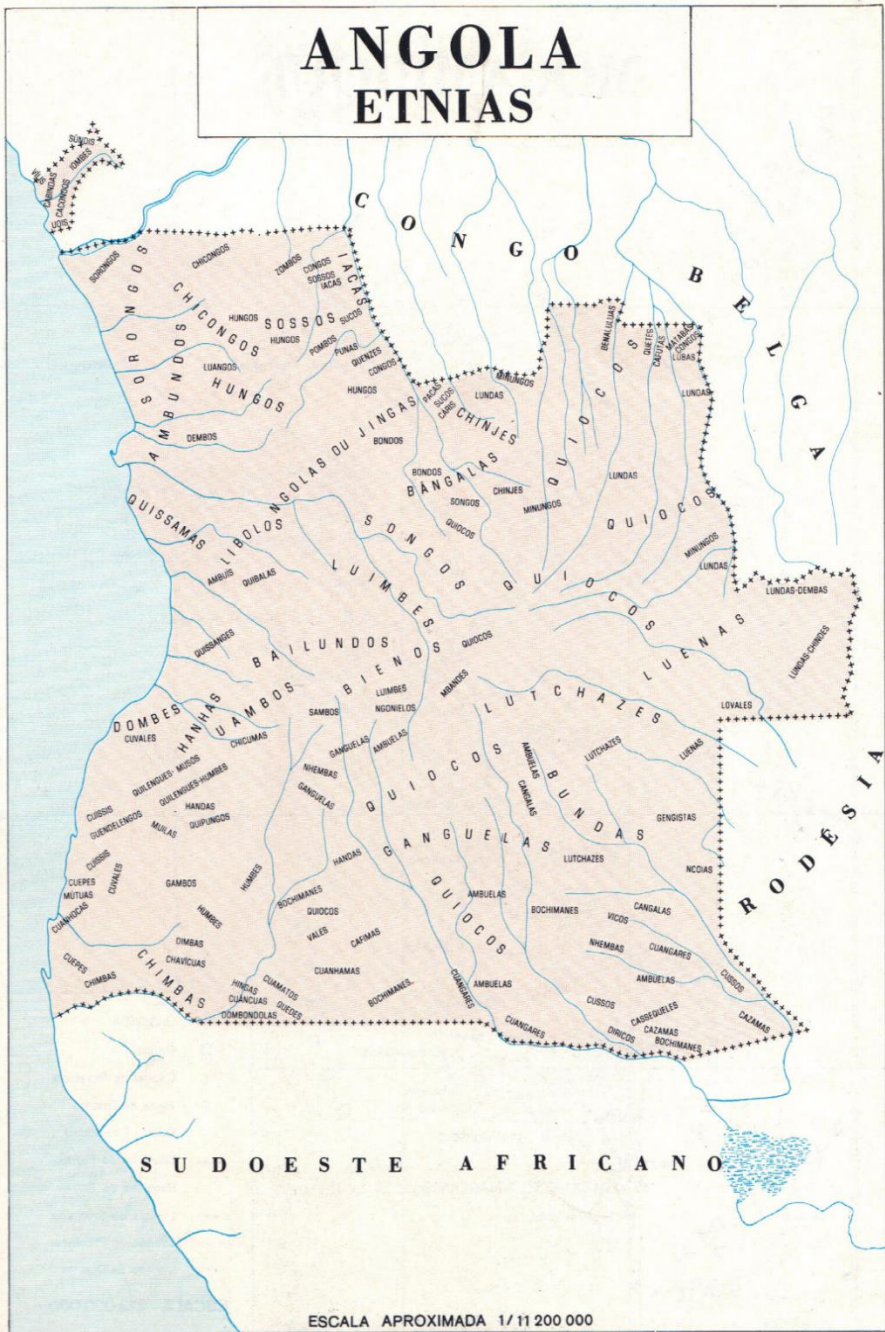


Figura 5 – Mapa Etnológico de Angola

Fonte - (Oliveira, 1993, p. LI)

Anexo F

Mapa Físico de Angola

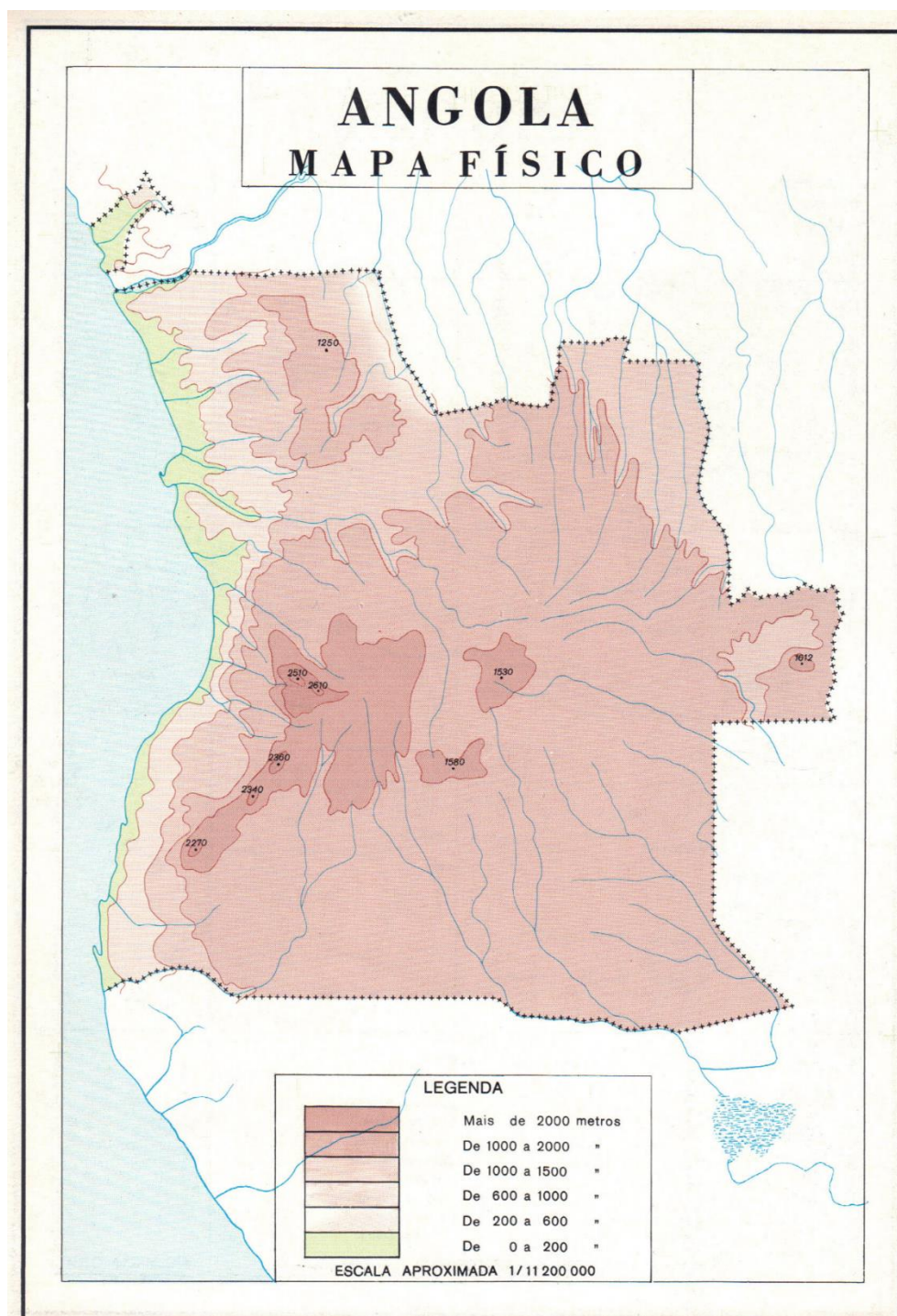


Figura 6 – Mapa Físico de Angola

Fonte - (Oliveira, 1993, p.L)

Anexo G

Mapa Militar da Damaralândia

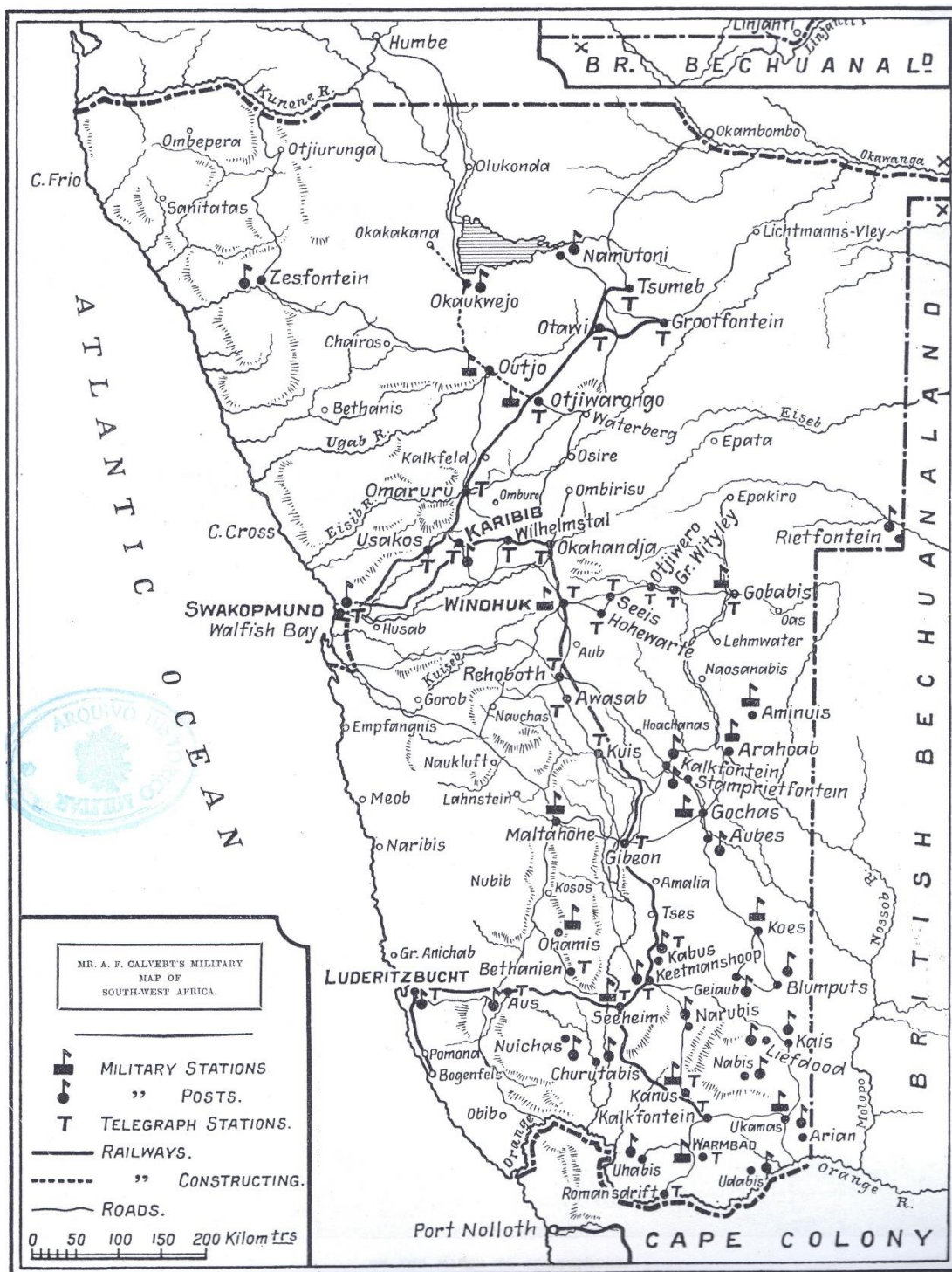


Figura 7 – Mapa Militar da Damaralândia

Fonte - (AHM - Revista Colonial N.º24 (25 de Dezembro de 1914). South Africa N.º1637, Lisboa, 2ª Div. 2ª
Sec. Caixa 20 – Pasta 18, 1915)

Linha de Etapas planeada por Alves Roçadas antes do Incidente de Naulila

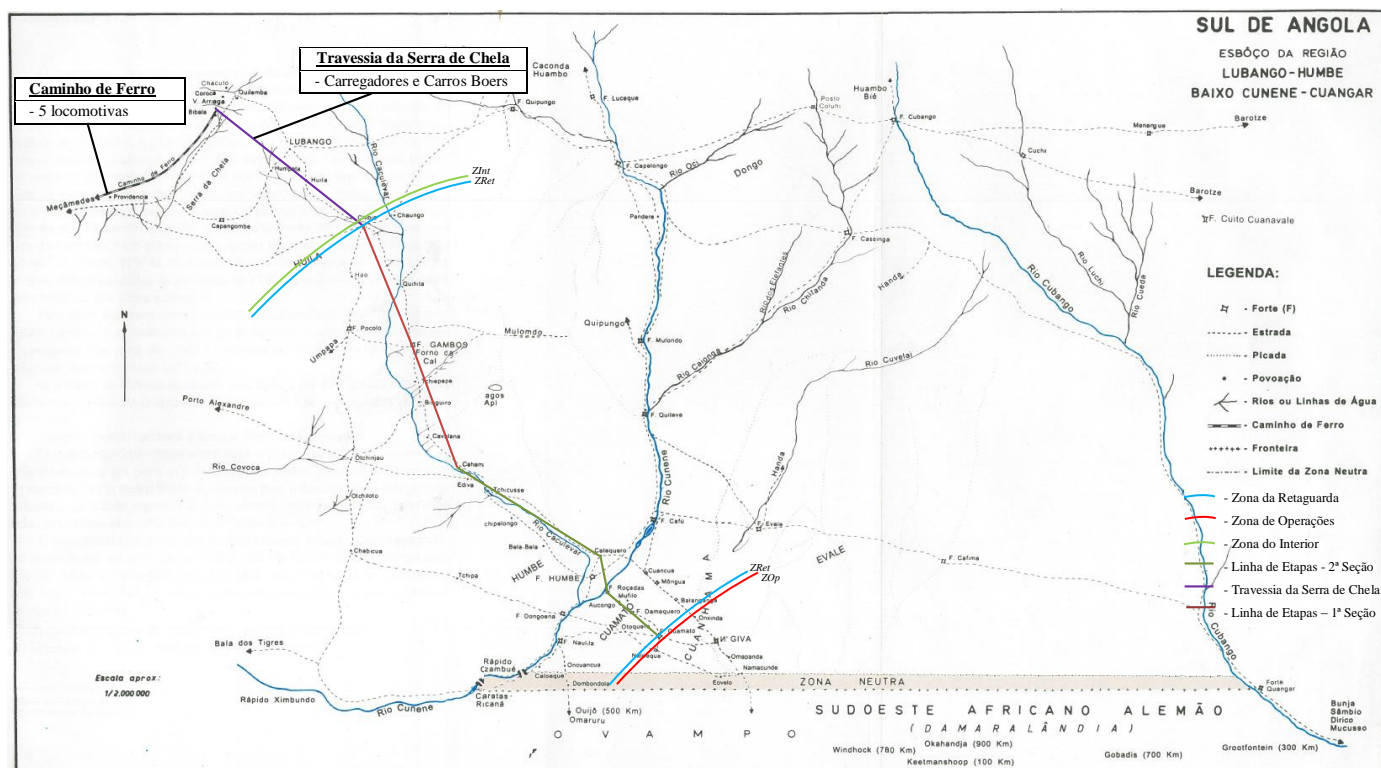


Figura 8 – Linha de Etapas planeada por Alves Roçadas antes do Incidente de Naulila

Fonte - (Oliveira, 1994)

Anexo I

Localização dos Efetivos Militares em Angola em 17 de Dezembro de 1914

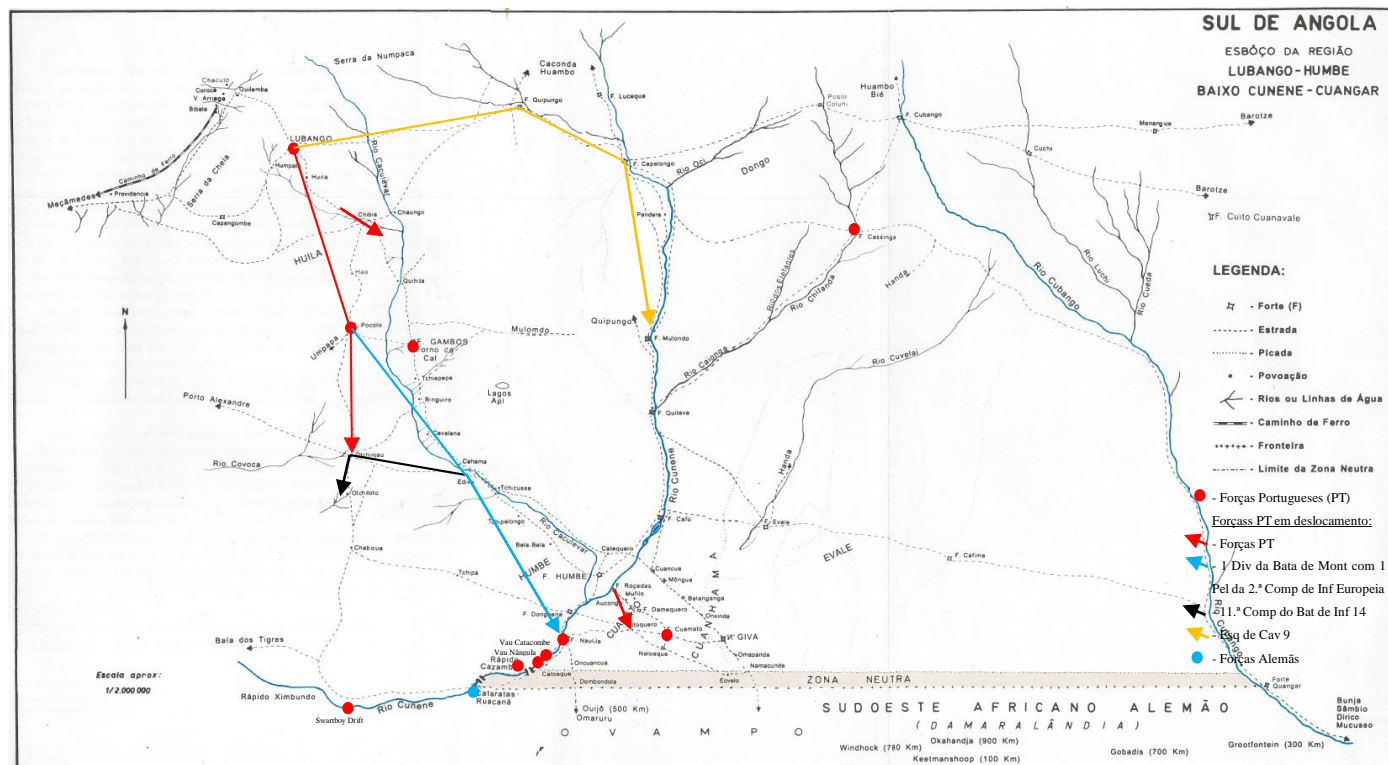


Figura 9 – Localização dos Efetivos Militares Portugueses em Angola em 17 de Dezembro de 1914

Fonte - (Oliveira, 1994) e (Machado, 1956)

Anexo J

Fortes no Sul de Angola

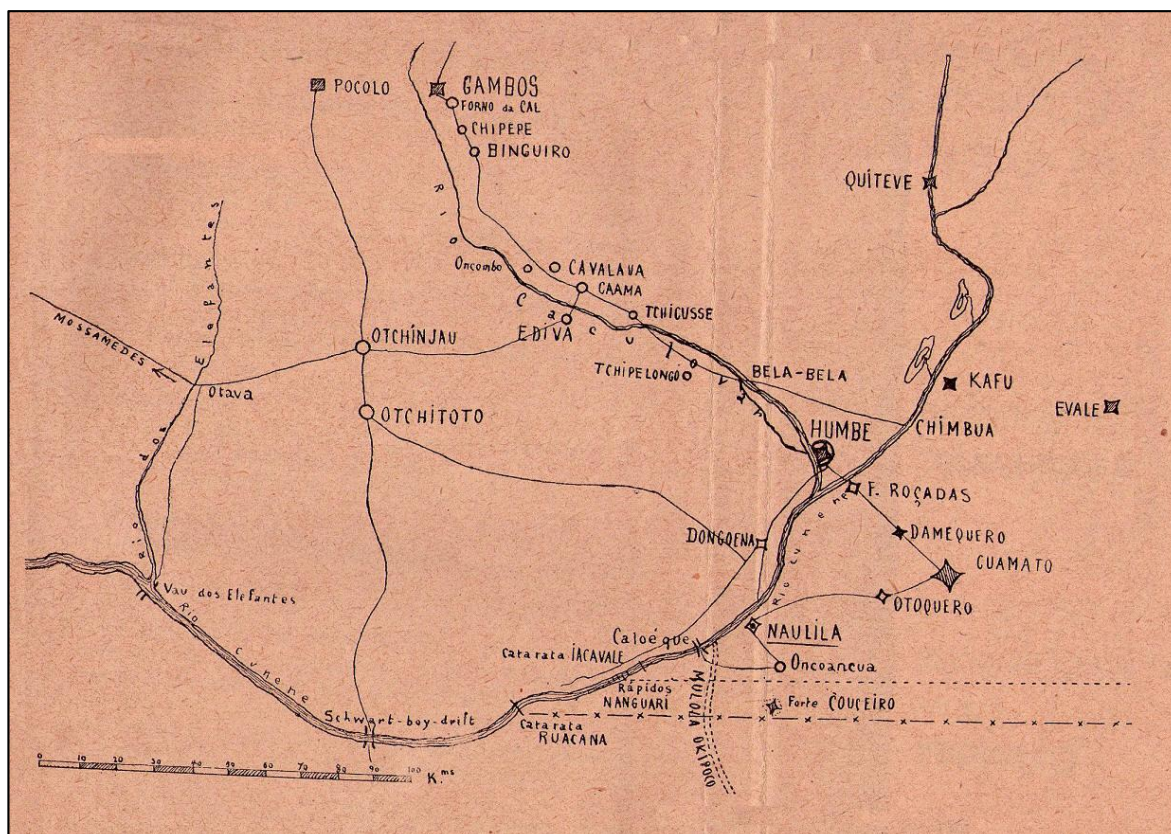


Figura 10 – Fortificações no Sul de Angola

Fonte - (Roçadas, 1919)

Anexo K

Organização do Posto de Naulila e Ataque Alemão

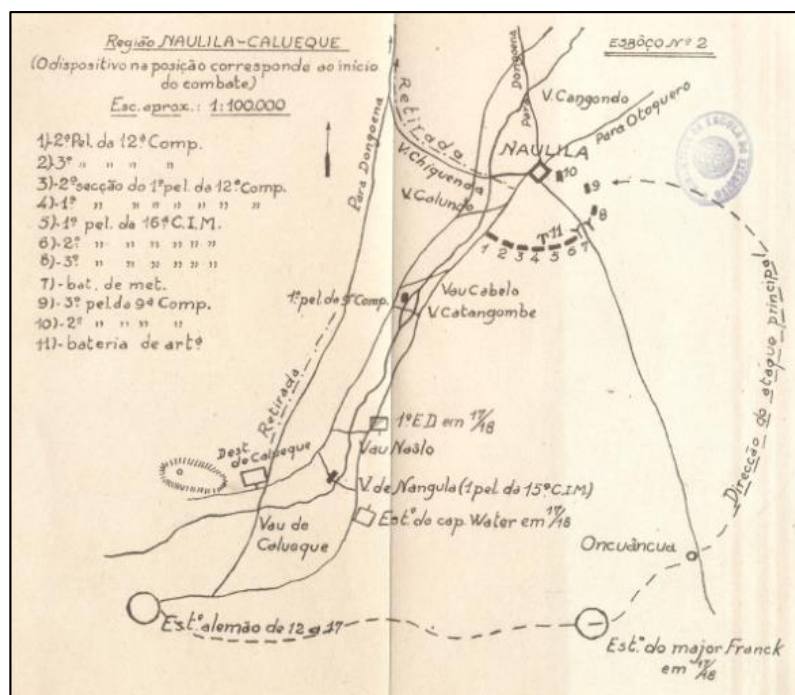


Figura 11 – Organização do dispositivo português no início do combate e itinerários alemães

Fonte - (Correia, 1943, Esb. n.º 2)

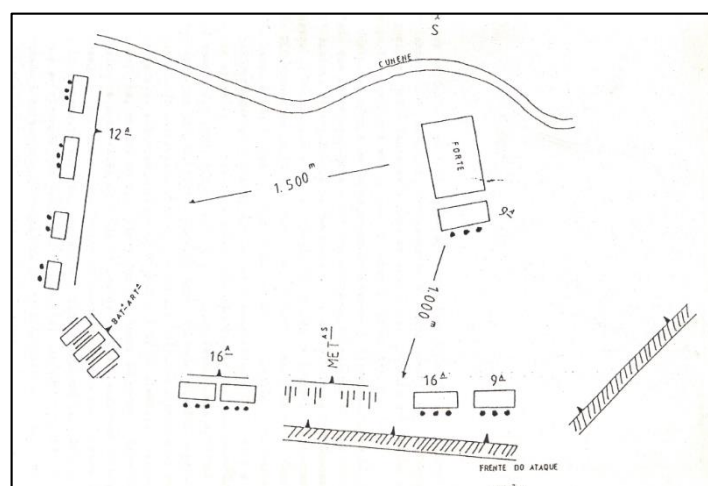


Figura 12 – Dispositivo das forças portuguesas e frente do ataque alemão em Naulila

Fonte - (Lucas, 1989, p.38)

Anexo L

Território Angolano em Revolta após Naulila

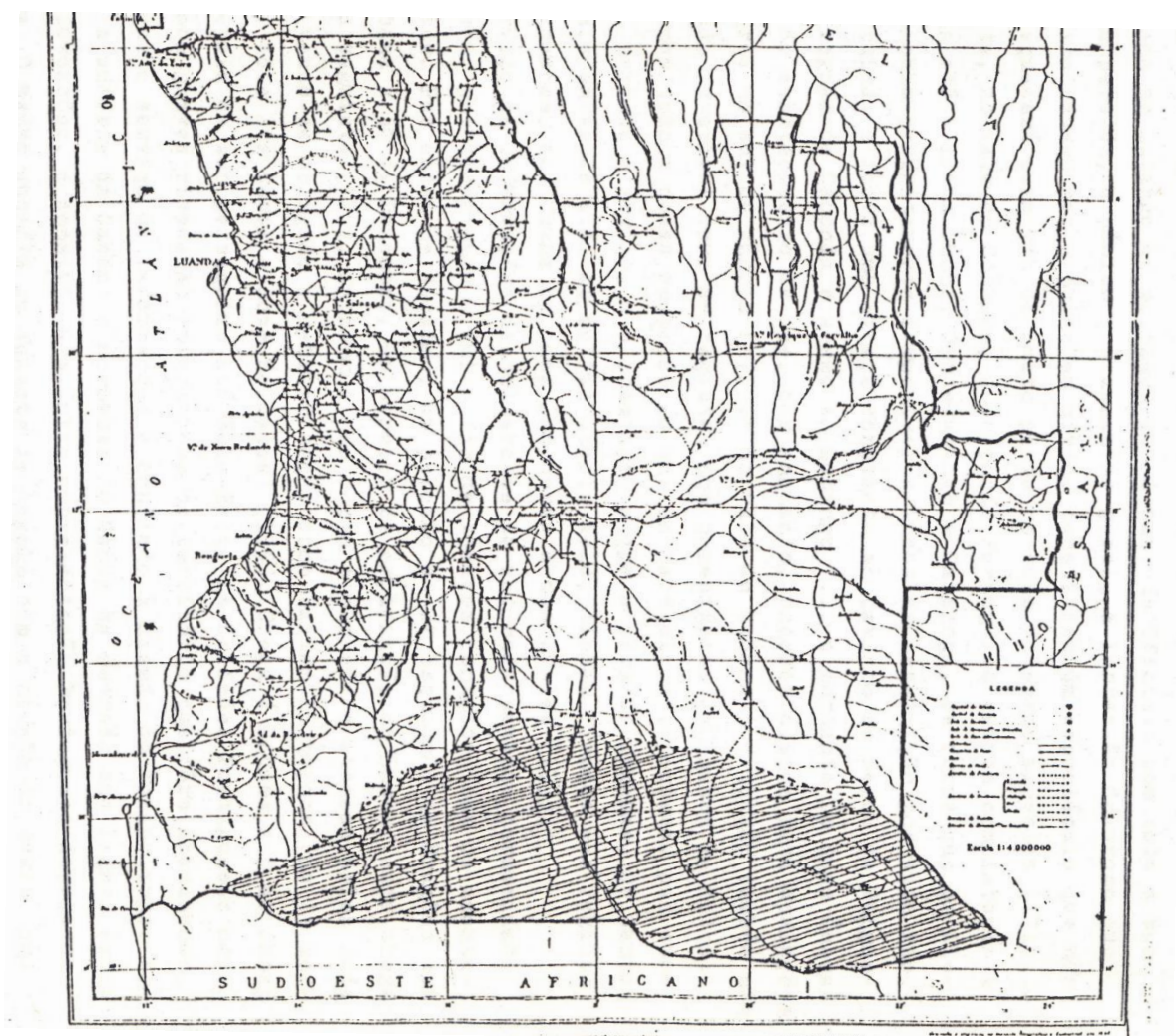


Figura 13 – Região em revolta pelos indígenas

Fonte - (Lucas, 1989, p.56)

Anexo M

Contingentes Militares Portugueses em Angola em Janeiro de 1915

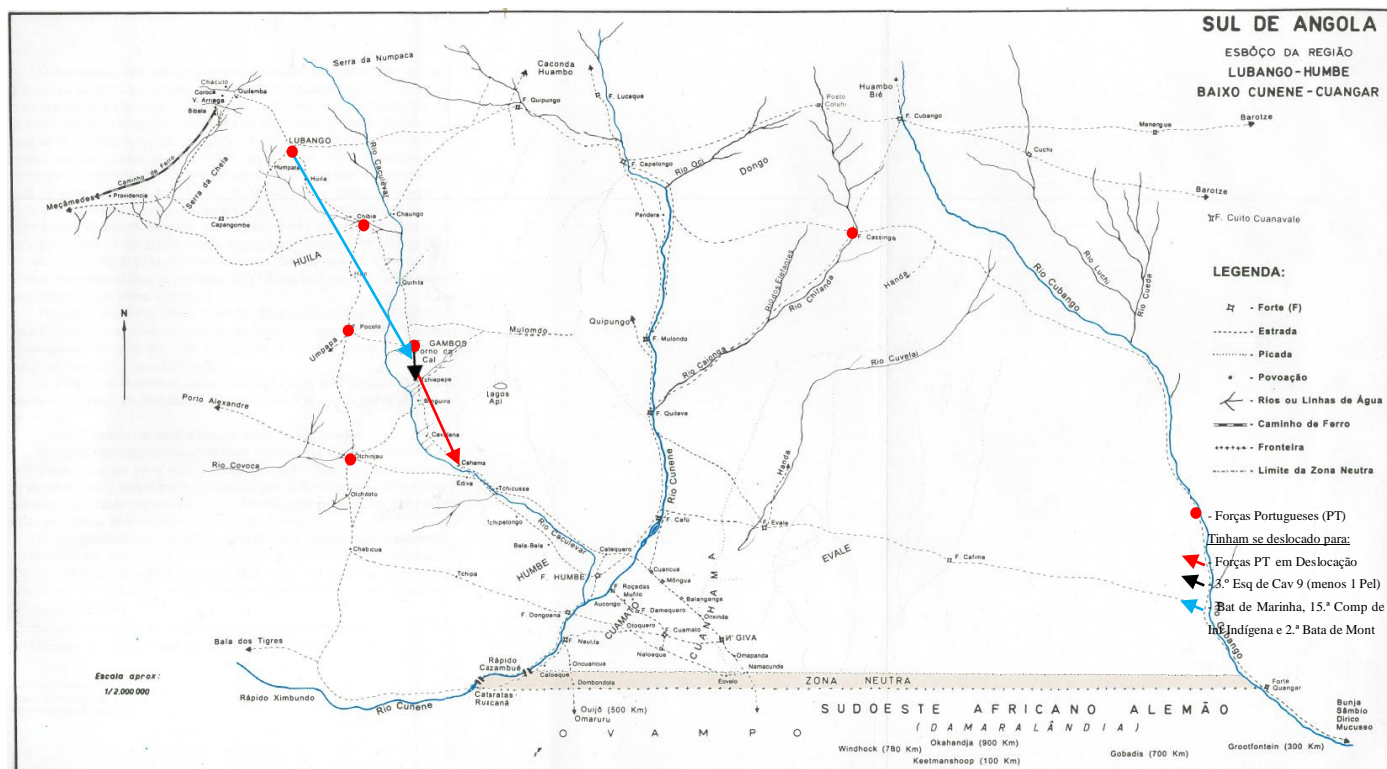


Figura 14 – Contingentes militares portugueses em Angola em Janeiro de 1915

Fonte - (Oliveira, 1994) e (Machado, 1956)

Anexo N

Linha de Etapas da Campanha Militar Portuguesa em Angola em 1915 sobre o Comando do General Pereira D'Eça

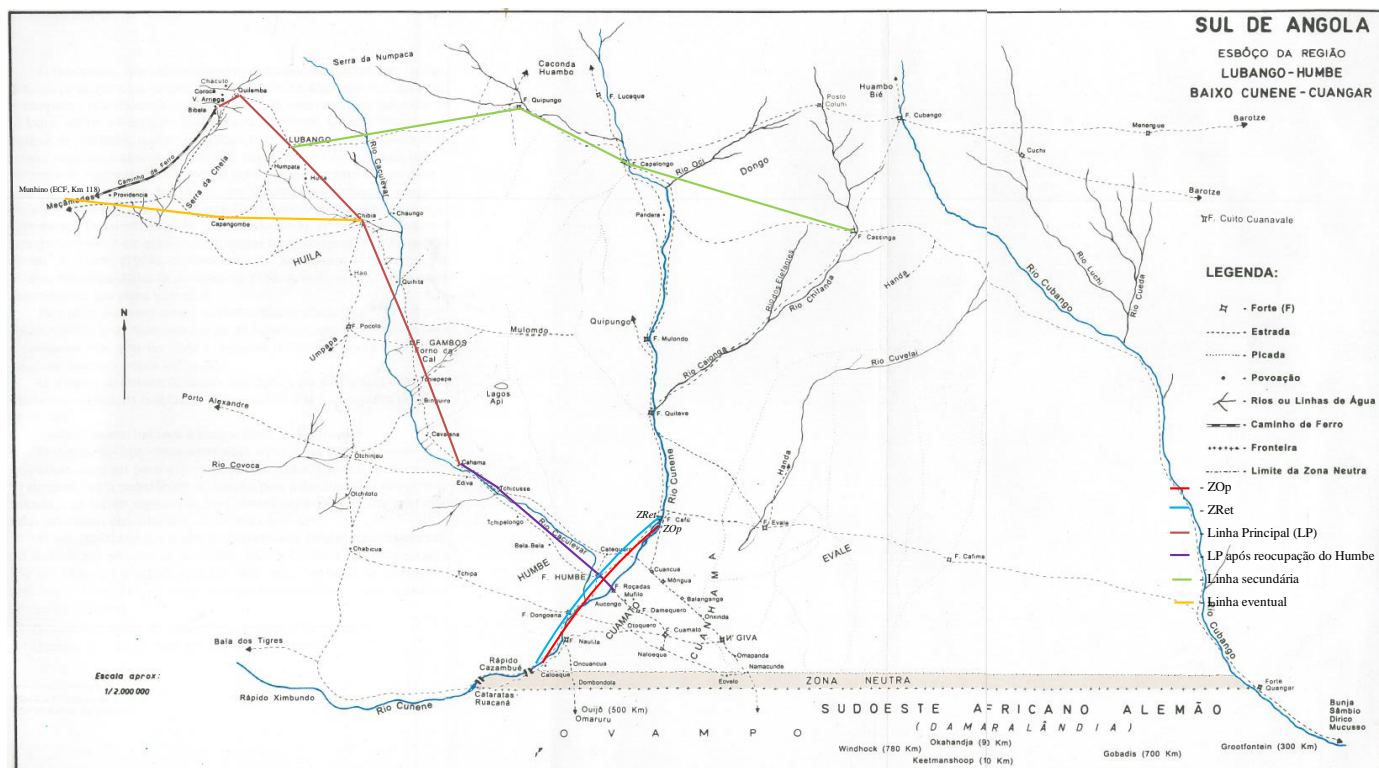


Figura 15 – Linhas de Etapas da campanha militar portuguesa em Angola em 1915

Fonte - (Oliveira, 1994) e (Correia, 1953)

Anexo P

Movimentos dos destacamentos militares portugueses em Angola em 1915

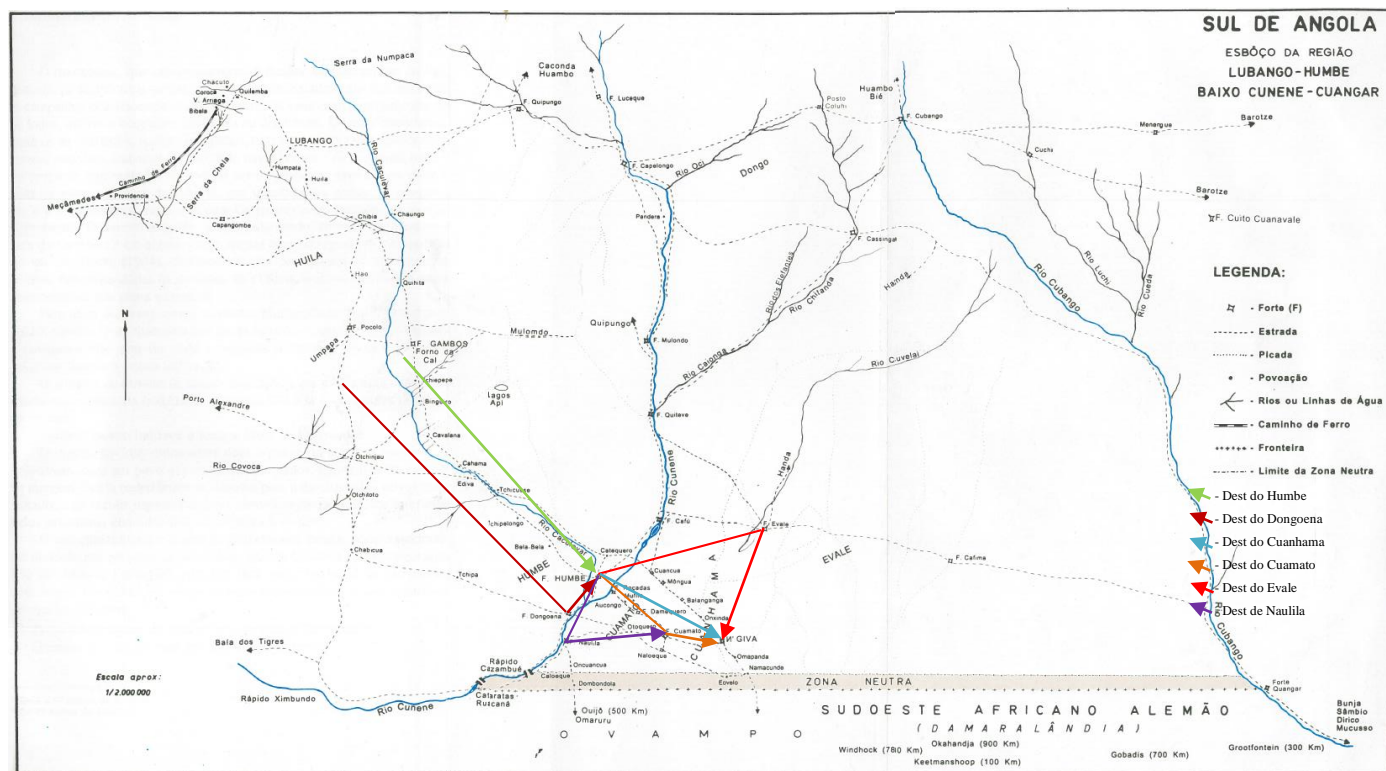


Figura 17 – Movimentos dos destacamentos militares em Angola em 1915

Fonte - (Monteiro, 1947) e (Oliveira, 1994)